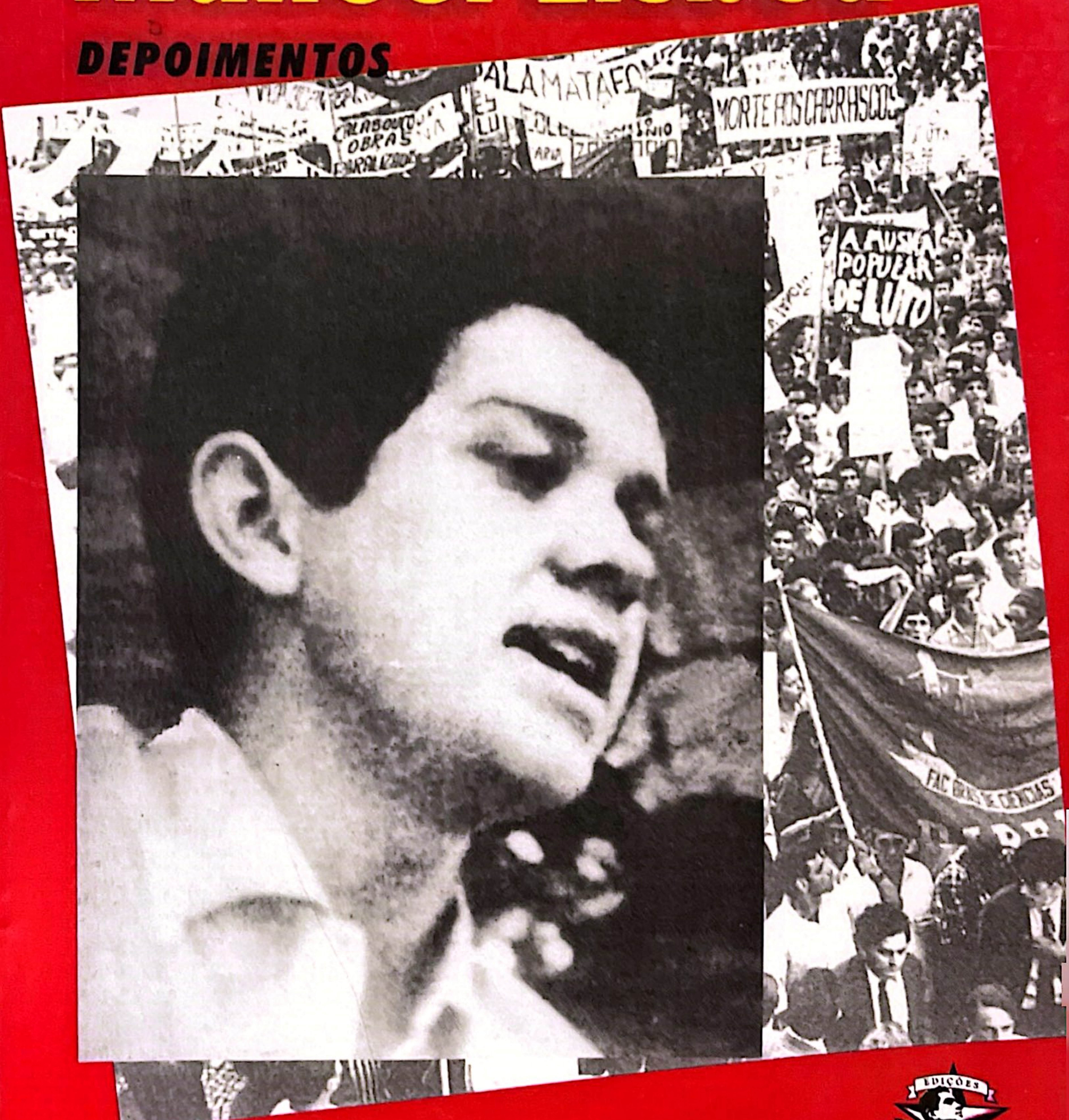
## A vida e a luta do comunista

# Manoel Lisboa

### DEPOIMENTOS




Edições Manoel Lisboa

**2ª Edição**

# A vida e a luta do comunista Manoel Lisboa

## DEPOIMENTOS

Edições Centro Cultural Manoel Lisboa
2008

A noite anterior à sua morte
foi a  mais curta de sua vida
A idéia de que ainda existia
queima-lhe o sangue
nos punhos
O peso do corpo esgotava-o
e  a própria força o  fazia gemer
Foi então,
no fundo desse horror,
que começou a sorrir.
Não tinha apenas
um camarada
mas milhões e milhões deles
para o vingar...
E ele sabia-o.
E o dia nasceu para ele

**PAUL ELUARD**

**Este livro é dedicado a todos os militantes do Partido Comunista Revolucionário que mantêm vivos as idéias, a luta e o partido de Manoel Lisboa de Moura.**

**A vida e a luta do comunista**
**Manoel Lisboa**
***DEPOIMENTOS***

Edições Centro Cultural Manoel Lisboa - 2008
2ª edição

1. História do Brasil
2.Manoel Lisboa
3.Luta de Classes no Brasil
4. Partido Comunista Revolucionário
5. Revolução

**Edições Centro Cultural Manoel Lisboa**
Rua Carneiro Vilela, nº 138 - Espinheiro Recife/PE
CEP: 52050-030 - Fone/Fax: 427-9367
E-mail:centroculturalml@ig.com.br

Edição, Arte e Composição
**Cotec - Comunicação, Trabalhos de Edição e Criação**
**fone: (81) 342793**

# Índice

**Apresentação** 9

**I - Prisão, tortura e assassinato** 12
Editorial do Jornal a Luta - 1974
Maria do Carmo Tomáz
Valmir Costa
Carta Aberta

**II - O PCR Vive e Luta** 30
José Moura e Fontes
Ricardo Zaratini
Edival Nunes Cajá
Juárez José Gomes

**III - O Camarada Zé.** 64
José Nivaldo Júnior
Rinaldo Cardoso Ferreira
Leonardo Cavalcanti

**IV - Símbolo de uma Geração** 82
Ronaldo Lessa
Selma Bandeira
Débora Cavalcanti Lisboa
Lauro Bandeira Mendes
Fernando Costa

**V - Manoel por Manoel** 101
Depoimento de Manoel Lisboa na prisão em 1965

**VI - Anexos** 112

**VII - Encontrados restos mortais de Manoel Lisboa** 119

# Apresentação

Em 1966, ao lado de outros companheiros, Manoel Lisboa de Moura, fundou o Partido Comunista Revolucionário (PCR). Sete anos depois, o PCR já tinha uma grande força entre os camponeses, entre a juventude universitária e secundarista, crescia sua influência na classe operária e estava implantado em quase todos os Estados do Nordeste, além de ter realizado com total êxito dezenas de ações revolucionárias. A repressão sabia que grande parte deste trabalho tinha a direção e a orientação de Manoel Lisboa, e decidiu seqüestrá-lo e assassiná-lo. Com apenas 29 anos, Manoel (Galego, Celso, Zé, alguns dos nomes que usava na clandestinidade), era um dos homens mais procurados e mais temidos pelo regime fascista instalado no Brasil com o golpe militar de 1964.

Desde sua segunda prisão, em 1966, Manoel passou a viver sob as difíceis condições da clandestinidade. Mesmo assim, mantinha uma atividade intensa: assistia organismos e militantes; escrevia e publicava o jornal A LUTA, órgão do Comitê Central do PCR, além de outros jornais; percorria a pé dezenas de quilômetros de uma reunião a outra, e realizava ações clandestinas contra a ditadura. Para Manoel nenhum obstáculo era intransponível. Quando um companheiro fraquejava, reunia ainda mais forças para dedicar ao partido e fazê-lo ainda maior. Era, porém, impiedoso com aqueles que traíam a revolução e se passavam para o lado da burguesia. Combatia sempre os que colocavam seus interesses particulares acima dos interesses coletivos: para ele, era esse o primeiro passo para alguém se afastar da luta revolucionária.

Sua firmeza, buscava-a e a encontrava - como dizia - nas idéias revolucionárias do marxismo-leninismo, na teoria da luta de classes e no papel do proletariado como criador de uma sociedade nova. "O novo que surge derrotará o velho que agoniza e isso ninguém poderá impedir", repetia sempre aos seus companheiros.

No dia 15 de agosto de 1973, Manoel Lisboa de Moura foi preso numa ação terrorista da ditadura militar comandada pelos policiais Luís Miranda e Sérgio Paranhos Fleury. Após 19 dias de torturas e todo tipo

de selvageria, com o corpo cheio de queimaduras e semiparalítico, foi assassinado nos porões do DOI-Codi, IV Exército, no Recife.

Mesmo preso e sofrendo todas as atrocidades e torturas nas masmorras da ditadura militar fascista, Manoel mostrou a superioridade da moral revolucionária sobre seus torturadores. Suportou choques elétricos, paus-de-arara, teve o seu corpo queimado, mas nada disse a não ser insultar seus algozes, mantendo-se fiel ao princípio de que "delação é traição" e convencido de que, "aconteça o que acontecer, o socialismo vencerá".

Particularmente hoje, quando a burguesia propaga em todos os meios de comunicação a traição, a mentira, a falsidade, a hipocrisia e suas máximas de "vale tudo" e de que "o que importa é se dar bem, mesmo à custa da infelicidade de muitos", o compromisso e a honestidade de Manoel para com seus companheiros e o Partido é um exemplo mais que atual.

Exemplo de um verdadeiro revolucionário que não vacilava em colocar os interesses do seu povo e da revolução acima dos interesses pessoais. Não apenas durante alguns anos, mas durante toda a vida. Homens como Manoel são os que fazem a diferença e, como disse Brecht, são os imprescindíveis.

Manoel é, um exemplo para todos os revolucionários e todos aqueles que continuam acreditando na capacidade do homem de transformar a sociedade e que não se negam a entregar-se a uma causa que, quando vitoriosa, representará o fim de toda a fome, desemprego, miséria, exploração e violência que o capitalismo espalhou pelo planeta. E estabelecerá a felicidade, a paz e a fraternidade entre homens, mulheres, jovens e crianças - com a construção da sociedade comunista.

Neste livro, através de vários depoimentos de militantes, amigos e familiares que conviveram com Manoel, encontraremos um retrato vivo da força, da coragem, da inteligência e da capacidade de trabalhar infinitamente por uma causa, de um homem que, sem exagero, pode ser chamado de um homem de verdade.

Além de homenagear o comunista revolucionário Manoel Lisboa, este livro é também uma denúncia viva das atrocidades e dos crimes praticados pela ditadura militar e que permanecem impunes. Nos depoimentos aqui publicados, todo o caráter fascista e terrorista



da ditadura é revelado, ficando mais que comprovado quem de fato eram os terroristas e quem lutava contra o terror.

Um regime que infelicitou nosso povo por 21 anos e que só teve fim pela ação de homens como Manoel Lisboa, Carlos Lamarca, Ângelo Arroio, Emanuel Bezerra, Pedro Pomar, Carlos Marighella, Manoel Aleixo, Sônia Angel, Mário Alves, entre centenas de outros revolucionários brasileiros que escreveram páginas de heroísmo e coragem dignas do povo e da classe operária brasileiros.

O Centro Cultural Manoel Lisboa agradece a todos os companheiros e amigos que colaboraram com este livro e tornaram possível sua realização, contribuindo para manter viva a história da classe operária e do povo brasileiros pela sua libertação e pelo socialismo.

Lula Falcão
Comitê Central do
Partido Comunista Revolucionário

I

# Prisão, tortura e assassinato



Eles  te sangraram
        te queimaram
        nunca te curvaram
  Eles dilaceraram
        teu corpo
        Nunca tua alma
Eles venceram
        teu corpo
        Nunca tua vontade
Eles te mataram
        Estás vivo...
Eles, monstros fascistas
Tu herói comunista
        Protótipo da  humanidade
        futura
Eles, vermes anônimos
Tu,  Manoel Lisboa  de Moura

**Lucas, 04/09/74**

# MANOEL LISBOA DE MOURA, EMMANUEL BEZERRA, MANOEL ALEIXO: HERÓIS DA CAUSA REVOLUCIONÁRIA.

Em dezembro de 1966, numa reunião realizada no Recife, nascia o Partido Comunista Revolucionário. Entre seus fundadores, destacava-se, por sua determinação, energia, clareza e honestidade revolucionária, um jovem alagoano de 22 anos, ex-estudante de medicina, que abandonara as comodidades de uma futura vida como profissional liberal para se dedicar, de corpo e alma, à luta revolucionária pela libertação do povo brasileiro da fome, da miséria e das injustiças.

Seu nome: Manoel Lisboa de Moura. Sua vida: uma legenda de honestidade, heroísmo e amor aos oprimidos. Desde muito jovem, Manoel Lisboa sentiu a vida miserável de seu povo. Desde cedo, revoltou-se contra as injustiças sociais. Logo compreendeu que a miséria e as injustiças tinham sua origem no sistema econômico-social existente no Brasil e em grande parte do mundo: o capitalismo. Sentiu que não havia nada mais digno, mais justo, mais necessário, mais honesto, que lutar contra o capitalismo. Percebeu que a luta contra o capitalismo no Brasil assumia a forma imediata de uma luta antiimperialista, pois o Brasil nada mais representava que um apêndice do capital estrangeiro, um satélite dos Estados Unidos. Compreendeu que, para lutar contra o capitalismo, era indispensável unir-se, organizar-se, militar num partido revolucionário.

Em 1960, aos 16 anos, ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1962, percebendo que o PCB não representava realmente as necessidades de uma vanguarda revolucionária, não passava de uma organização reformista, mero apêndice do Partido Comunista da URSS, (que, a partir de 1956, durante o famigerado XX Congresso, deixou de ser um partido revolucionário do proletariado para se transformar num partido revisionista e burguês), abandonou-o e ingressou no Partido Comunista do Brasil (o PCdoB, que, na época, erguia a bandeira do anti-reformismo e da revolução).



Por sua atuação no movimento estudantil, em Maceió, defendendo a linha revolucionária do Partido Comunista do Brasil, criticando o oportunismo dos militantes do PCB, atraiu para si o ódio desta organização, que não poupou esforços para caluniá-lo e até agredi-lo fisicamente. Com o golpe militar de abril de 1964 foi obrigado a foragir-se, tendo sua casa invadida por policiais armados de metralhadoras. A partir de então, obrigado a abandonar o curso de medicina no primeiro ano, não hesitou: decidiu dedicar toda sua vida, todas as suas energias, ao movimento revolucionário.

Em 1965, no dia 12 de agosto, foi preso, submetido a ameaças de morte, maltratado fisicamente (obrigado a ficar de pé sem dormir durante vários dias) e posto em liberdade no dia 25 de setembro do mesmo ano. Em julho de 1966, foi novamente preso, logo após o atentado ao presidente Costa e Silva no Aeroporto dos Guararapes. No dia e na hora do atentado, encontrava-se trabalhando na Cerne, juntamente com seu irmão, engenheiro, na época capitão do Exército. A polícia tentou incriminá-lo no atentado mas, pela evidente falta de provas, liberou-o quatro dias depois.

No dia 2 de setembro seguinte, sentindo a possibilidade de novas prisões e a impossibilidade de conciliar uma vida "normal" com a necessidade de dedicar-se integralmente à luta revolucionária, abandonou voluntariamente a vida legal, substituindo-a pelos sacrifícios da vida clandestina.

Em meados de 1966, sua honestidade revolucionária obrigou-o a abandonar o PCdoB por sentir que ele diferia do PCB apenas na forma, na teoria, em palavras. Na prática, seguia uma política oportunista, abandonando o Nordeste, concentrando seu trabalho no Centro-Oeste e no Centro-Sul e utilizando, com os militantes que ousavam criticar sua atuação, uma tática de desmoralização, baseada em calúnias, em tudo semelhante aos métodos do PCB.

Em dezembro de 1966, Manoel Lisboa de Moura, junto com Amaro Luiz de Carvalho (líder camponês, assassinado na Casa de Detenção do Recife pela polícia, no dia 22 de agosto de 1971), Ricardo Zarattini Filho (engenheiro, banido para Cuba em 1969, após o seqüestro do embaixador norte-americano no Brasil) e outros companheiros, fundou o Partido Comunista Revolucionário (PCR).

Tendo como objetivo derrubar a ditadura militar fascista implantada no Brasil em abril de 1964 e instaurar, em seu lugar, um

governo popular revolucionário, o PCR defendia a necessidade de se ligar às massas oprimidas e organizá-las, conscientizá-las e conduzi-las à luta contra a ditadura. Para tanto, propunha a utilização de todas as formas de luta, legais ou ilegais, abertas ou clandestinas, salientando, no entanto, a luta armada como a forma de luta principal, a única capaz de realmente destruir a ditadura, se contasse com o apoio, a compreensão e a simpatia do povo.

Pondo em prática sua linha política, o PCR, liderado por Manoel Lisboa de Moura, procurou ligar-se às massas camponesas, estudantis e operárias, em todo o Nordeste, utilizando todos os meios disponíveis a uma organização caçada intensamente pela polícia. Desenvolveu junto ao povo uma propaganda baseada principalmente em denúncias de arbitrariedades e crimes cometidos contra os trabalhadores, na defesa de seus objetivos e na conclamação para a necessidade de o povo organizar-se e lutar por seus direitos.

No dia 15 de agosto de 1973, ao anoitecer, quando dava assistência política a uma operária na Praça Ian Fleming, Recife, Manoel foi cercado por dezenas de agentes da ditadura. Agarrado pelas costas por um bando de policiais, Manoel foi algemado, encapuzado e arrastado para um automóvel. Imediatamente, foi conduzido para o Quartel do IV Exército, situado ao lado do Parque 13 de Maio e da Faculdade de Direito. Lá chegando, foi arrastado para uma pequena sala de aproximadamente dois metros de fundo, por dois de largura, revestida de material acústico.

A partir de então, foi submetido a todas as torturas físicas e psicológicas que o sadismo bestial do fascismo transformou num método sistemático, "científico", de arrancar informações daqueles que ousassem lutar contra sua dominação. Despido, foi pendurado no "pau-de-arara", espancado no rosto, no testículos, no abdome. Recebeu choques elétricos no pênis, nas mãos, nos pés e nas orelhas. Foi queimado a vela em todo o corpo, perdendo, logo nos primeiros dias, a sensibilidade dos membros inferiores do corpo.

Seus carrascos, orientados pelo bandido, chefe do Esquadrão da Morte, policial agraciado com uma medalha de honra ao mérito no Governo Médici e recentemente elogiado publicamente como herói e policial-padrão, pelo atual Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Sérgio Paranhos Fleury (assassino de vários revolucionários como Amaro Luiz de Carvalho, Carlos Marighela, Joaquim Câmara



Ferreira, Manoel Aleixo, Emmanuel Bezerra e outros), exigiam que Manoel Lisboa de Moura lhes informasse sobre as atividades do Partido Comunista Revolucionário, sobre a infra-estrutura da organização e, principalmente, lhes informasse o nome e localização dos demais companheiros.

Manoel Lisboa sabia de tudo. Conhecia, como dirigente máximo do Partido, todos os segredos da organização. Um segundo de vacilação bastaria para que seus torturadores obtivessem as informações que buscavam arrancar e, provavelmente, depois de dobrá-lo, transformá-lo num delator, num traidor, salvar-lhe a vida.

No entanto, Manoel Lisboa sabia que a delação é traição e que a traição é pior que a morte. Sentia profundamente a verdade por ele proclamada de que a causa revolucionária, a democracia, a libertação nacional, o socialismo e o comunismo estão acima da própria vida individual.

Amante da vida, da natureza, de todas as coisas belas; amante de uma companheira que lhe concedia todos os prazeres, todas as alegrias de que é capaz o verdadeiro amor, fundamentado no ideal comunista, numa amizade indestrutível; mesmo assim Manoel Lisboa não hesitou um segundo. Nos momentos em que se defrontou com outros companheiros, na sala de torturas, embora dilacerado pela dor, consciente da morte inevitável e próxima, Manoel Lisboa sempre os incentivou, pedindo-lhes que nada informassem aos seus carrascos. Quando começaram a martirizá-lo com choques elétricos, ele, mesmo algemado, investiu contra os torturadores, conseguindo destruir a macabra máquina de dar choques. Aos companheiros com quem pôde falar, disse: "Sei que a minha hora chegou; fiz o que pude; a vocês, peço apenas que continuem o trabalho do Partido".

No dia 5 de setembro de 1973, os jornais do Recife e os grandes jornais do país publicaram uma nota que dizia: "Durante tiroteio com agentes dos órgãos de segurança interna, morreram na manhã de ontem, em Moema, São Paulo, os terroristas Manoel Lisboa de Moura e Emmanuel Bezerra dos Santos, que fizeram parte do atentado ao Marechal Costa e Silva, então presidente da República em visita ao Recife, em 1966". Segundo ainda o comunicado, "Manoel Lisboa de Moura levou a polícia até um encontro que teria com Emmanuel Bezerra em São Paulo, às 08:30 hs do dia 4 de setembro, quando se travou um tiroteio que resultou na morte dos dois". Esta nota reflete o

cinismo, a covardia e o intuito de caluniar dois revolucionários, dois patriotas que preferiram morrer a trair seus companheiros e seus ideais.

Cinismo e calúnia porque Manoel Lisboa e Emmanuel Bezerra foram presos no mês de agosto, em meados de agosto. Emmanuel estava desarmado quando foi preso (a polícia divulgou que Emmanuel, quando pressentiu a presença da polícia, começou a atirar) e Manoel Lisboa foi agarrado pelas costas, algemado e seqüestrado. Manoel Lisboa foi preso no Recife no dia 16 de agosto; Emmanuel foi preso fora do Recife, provavelmente na fronteira da Argentina com o Chile. Os dois não tinham nenhum encontro em São Paulo; tinham um encontro apenas no dia 15 de setembro, no Recife. Calúnia porque, quando do "atentado ao Marechal Costa e Silva", Manoel Lisboa encontrava-se trabalhando no escritório da Cerne, no Recife, e Emmanuel residia e estudava no Rio Grande do Norte. Calúnia, sobretudo, porque Manoel Lisboa e Emmanuel Bezerra morreram, principalmente, por que nada disseram aos seus carrascos.

Manoel Lisboa de Moura teve, diante dos carrascos que o torturavam, o comportamento digno de um grande herói da causa do povo, a atitude de um verdadeiro revolucionário, de um homem que, por desejar e acreditar na libertação da humanidade de todas as opressões e injustiças, morre mas não se curva nunca. Seus carrascos dilaceraram seu corpo, mas nunca conseguiram, em nenhum instante, dobrar-lhe a espinha, curvá-lo.

Sua atitude diante dos torturadores, diante da morte, servirá, sempre, de exemplo aos seus companheiros de Partido que juram levar adiante seu único pedido: continuar o trabalho. No entanto, seu comportamento não causou surpresa. Era o previsto, o esperado. O esperado de um homem que sempre demonstrou, em todos os momentos da vida, uma crença inabalável na revolução, uma energia inesgotável a serviço da causa, uma total dedicação à revolução e a tudo que lhe dissesse respeito. Era o previsto de quem nunca reclamou dos sacrifícios inerentes à vida clandestina, de quem amava, ajudava e se dedicava aos seus companheiros, muitas vezes em detrimento de sua individualidade.

Manoel Lisboa de Moura, principal fundador, chefe, organizador do Partido Comunista Revolucionário. Seu nome sempre será exaltado, sua vida será o espelho no qual se observarão seus



companheiros de luta. Manoel Lisboa, herói comunista, modelo de homem futuro, companheiro admirado e amado por todos.

Manoel Lisboa, teus companheiros te vingarão!

## II EMMANUEL BEZERRA

Nascido em São Bento do Norte, Rio Grande do Norte, no dia 17 de junho de 1947, Emmanuel Bezerra dos Santos, filho de pais humildes, estudou em Natal, onde participou ativamente do movimento estudantil, principalmente em 1967-1968, quando foi eleito presidente da Casa do Estudante de Natal. Cursava sociologia quando foi cassado e preso, durante seis meses, por causa de sua participação à frente do movimento estudantil em Natal.

Em 1968, ligou-se ao Partido Comunista Revolucionário. Compreendera que a miséria de seu povo, as injustiças e a ditadura fascista brasileira que as garantiam, só podiam ser exterminadas com a existência de uma vanguarda revolucionária que orientasse, organizasse, conscientizasse o povo para a revolução.

Integrado ao partido após sua prisão, resolveu entrar na clandestinidade, dedicar todas as suas energias à revolução. Rapidamente, por sua dedicação, honestidade, firmeza ideológica e aprofundamento dos conhecimentos teóricos, chegou à condição de dirigente do PCR.

Em 1970, passou a dirigir o trabalho do partido em Alagoas, demonstrando grande capacidade como organizador. No início de agosto de 1973, foi enviado ao Chile, como representante do PCR, para discutir com grupos de revolucionários brasileiros. Possivelmente, foi preso na fronteira do Chile com a Argentina, pela polícia internacional, a pedido da polícia brasileira. Enviado ao Brasil em meados de agosto, foi torturado, da mesma forma que Manoel Lisboa de Moura, no mesmo local, QG do IV Exército, e assassinado pelo Departamento de Ordem Interna (DOI), órgão das forças armadas, semelhante ao Centro de Operações e Defesa Interna (CODI), sob a orientação do celerado Sérgio Paranhos Fleury.

Emmanuel Bezerra foi assassinado friamente, submetido às mais bestiais torturas, por sua atuação revolucionária e,

principalmente, por não trair o seu partido e sua organização. Diante dos carrascos, comportou-se como um herói, morreu sob tortura, para manter vivo o partido.

## III - MANOEL ALEIXO DA SILVA

Nascido em 4 de junho de 1931, em São Lourenço da Mata (PE), trabalhou como assalariado agrícola desde criança. Em 1962-1964, participou ativamente à frente do movimento camponês em Pernambuco. Em 1967, quando da criação do PCR, ligou-se ao partido, desenvolvendo intenso trabalho clandestino de organização dos assalariados agrícolas da Zona da Mata de Pernambuco e Alagoas.

Em 1969, foi preso por suas atividades revolucionárias. Em 1970, foi posto em liberdade, integrando-se novamente ao Partido, ficando como principal responsável pelo setor de campo do PCR em Pernambuco. Desenvolveu também trabalho junto aos assalariados agrícolas, possibilitando muitas perspectivas favoráveis ao partido, no setor.

Foi preso em Ribeirão (PE), nos fins de agosto, e trazido para o Recife onde, no QG do IV Exército, foi submetido a torturas semelhantes às descritas com relação aos outros companheiros, e morto em decorrência delas. Descaradamente, a polícia publicou uma nota do dia 8 de dezembro de 1973, na qual dizia que Manoel Aleixo foi morto quando reagiu à prisão, no dia 29 de agosto, em Ribeirão.

Apesar de semi-analfabeto, Manoel Aleixo possuía uma acentuada visão de classe, um ódio profundo aos usineiros e senhores de engenho. Compreendia com clareza a necessidade de derrubar a ditadura militar por meio da luta armada, da guerra popular. Tinha uma grande capacidade de liderança e organização.

A quem lhe perguntasse sobre a situação das massas camponesas (assalariados agrícolas) de Pernambuco, ele respondia com clareza e firmeza: "As massa camponesa tão revoltadas, o Partido precisa começar a arranjar as arma pra começar logo o pau. Mais quente do que tá, não pode; nóis não deve perder a oportunidade". Ele sabia o que estava afirmando. Sua longa e sofrida experiência como assalariado lhe possibilitava um conhecimento profundo dos



sentimentos das massas camponesas.

Na sala de torturas, comportou-se como um autêntico herói, nascido do povo. Diante das torturas mais atrozes, cerrou os dentes, nada falou aos sádicos policiais. Morreu como um herói do povo, um combatente do partido, digno e firme como uma rocha.

## IV CONCLUSÃO

Manoel Lisboa, Emmanuel Bezerra, Manoel Aleixo: três heróis da revolução brasileira, três grandes comunistas, três grandes companheiros, assassinados sob tortura porque souberam conduzir o amor ao povo e à humanidade até às últimas conseqüências.

Seus corpos mutilados não foram entregues às famílias, pois seriam mais do que cadáveres mutilados, desfigurados uma acusação trágica, fria e irrespondível aos seus assassinos. Seus nomes serão bandeira de luta, exemplo de firmeza, de dignidade. Suas mortes serão vingadas.

Que se cuidem todos aqueles que participaram diretamente ou indiretamente de seus assassinatos, de Garrastazú a Sérgio Paranhos Fleury, pois o Partido Comunista Revolucionário, mais cedo ou mais tarde, os apanhará, os julgará como sádicos, torturadores, assassinos pagos pelo imperialismo norte-americano, e os conduzirá ao único lugar que merecem: o pelotão de fuzilamento.

A melhor homenagem que podemos lhes prestar é continuar o trabalho pelo qual deram suas vidas: desenvolver, até à vitória, o trabalho revolucionário que conduzirá o Brasil a ser livre da exploração estrangeira, à democracia, ao socialismo e, finalmente, ao mais belo sonho dos homens o comunismo.

Nossos companheiros Manoel Lisboa de Moura, Emanuel Bezerra dos Santos e Manoel Aleixo da Silva permanecerão vivos para sempre em nossas lembranças, em nossa luta, em nossas futuras derrotas e vitórias, até à vitória final!

Editorial do jornal A Luta, dezembro de 1974

## MANOEL LISBOA

Maria do Carmo Tomáz

Manoel:

Como é difícil falar sobre você, companheiro! As palavras para traduzir o Celso, o revolucionário que tivemos fisicamente por tão pouco tempo entre nós, parecem tão fracas diante do potencial que esse revolucionário representou e representa na memória de quem o conheceu e participou de sua prática revolucionária. Falar de você é falar de um mundo melhor, é sonhar com uma sociedade sem políticos corruptos e, conseqüentemente, de uma sociedade melhor, sem desemprego, sem fome, sem miséria...

Foi exatamente em 1971 que conheci Manoel Lisboa com o codinome de Celso. Não consigo até hoje compreender como uma pessoa que esperava a qualquer momento ser presa e morta como realmente foi podia ter tanta tranqüilidade, tanta alegria. Mesmo nos momentos em que falava dos riscos que corria pela sua prática revolucionária, num momento em que era procurado pela policia dos órgãos repressivos, ele muitas vezes comentava com humor. A única coisa que o tirava do sério era irresponsabilidade de companheiros; irresponsabilidade deixava-o nervoso e muito irritado. Certo dia ele chegou a me dizer: "Se só minha vida fosse suficiente para fazer a revolução, eu a daria, não pediria a ninguém para lutar". Manoel tinha certeza de que, ao cair nas mãos da repressão, estaria morto, mas falava de tudo isso com muita firmeza e determinação.

Foi exatamente no dia 15 de agosto, às 17 horas, numa quinta-feira, no bairro da Jaqueira, que a polícia política colocou a mão naquele revolucionário cujo único "crime" cometido foi ter uma ideologia e lutar por ela; querer uma sociedade sem fome, sem desemprego, sem menor abandonado, sem opressores, sem oprimidos. Esse foi seu único "crime", que lhe custou torturas físicas as mais cruéis que se possa imaginar: pau-de-arara, choques por todo o corpo, cabo de vassoura introduzido no reto, queimaduras por todo o corpo e, finalmente, a morte. Exceto da última não fui testemunha



ocular. É muito difícil falar de tudo isso, mas para que fique registrado nas paginas da história, alguém tem que escrever, colocar fatos, e eu não posso fugir dessa responsabilidade de botar no papel essa parte da história que vivemos na ditadura militar.

No dia 16 de agosto de 1973, às 6:50 horas, um dia depois ou uma noite depois da prisão de Manoel, estava eu também sendo presa ao entrar para trabalhar na fábrica da Torre. Não entendia exatamente o que estava acontecendo. Como a polícia tinha me descoberto? Falava de Manoel: "Manoel te entregou! Aquele safado!".

Eu não sabia quem era Manoel, conhecia-o por Celso. Diante das acusações e daquela turbulência, me deu um clique, de repente, e lembrei-me de que, no dia anterior, tinha mandado a companheira Fortunata ir ao encontro de Celso. Eu tinha um outro compromisso a que não podia faltar. Foi nesse momento que comecei a entender o que realmente tinha acontecido: Manoel, o Celso, estava preso junto com Fortunata. E Fortunata coitada! não tinha condições de agüentar tanta selvageria e me entregou. Era uma pessoa sem experiência, uma operária simples, boa, maravilhosa. Apavorou-se com a monstruosidade como foi preso Manoel, ficou em estado de loucura e não hesitou, diante do medo, em dizer que eu trabalhava também na Torre.

Pobre Fortunata! Ainda dentro do DOI-CODI, tive a oportunidade de ganhar um abraço dela, em prantos, me pedindo perdão. Não precisas me pedir perdão, companheira! Fortunata contou que, na hora da prisão de Manoel, foi uma verdadeira operação de guerra: não o colocaram no mesmo carro em que a colocaram. Ainda na praça, porém, começaram a lhe bater como se fosse um bicho e o jogaram, já desmaiado, dentro de um carro. Na hora em que se aproximara da praça um homem, interrogando-o, ele fizera menção de pegar a "Lili", apelido que dava à arma que conduzia. Foi inútil. De todos os lados da praça surgiam homens eram muitos, ela não sabe exatamente quantos! Carros e carros surgiam naquele local. Estava preso o Manoel que a repressão tanto procurava.

No dia em que fui presa, me colocaram frente a frente com ele (acareação, termo usado por eles). Estava totalmente nu, com bastante hematomas. Ele fixou os olhos em mim e nada falou. Me arrasei quando o vi. Depois fiquei numa cela vizinha, ouvindo os seus gritos. Durante muito tempo pensei que ia enlouquecer, não conseguia

me libertar daquelas gritos de dor. Tinha pesadelos horríveis!

Seu comportamento causou admiração até mesmo aos torturadores. Num certo dia do mês de setembro (eu não estava mais sofrendo tortura física), me levaram a uma câmara de tortura e me deram a triste notícia de que Manoel estava morto. É um momento que me dói muito lembrar. Eu disparei num choro, para mim o mundo havia acabado, a esperança estava apagada, me senti num túnel sem luz, estava tudo escuro, foi uma dor muito grande. Ficaram me olhando e disseram: "Um igual àquele vocês não vão encontrar". Senti vontade de cuspir na cara de cada um, me deu um ódio!

Manoel Lisboa, você foi um exemplo de um HOMEM sério, responsável, de um revolucionário de fibra, de coragem, de um amigo das horas difíceis e de todas as horas, de um revolucionário íntegro, respeitado, de um filho carinhoso isto se explica pela mecha do cabelo de sua mãe que carregava de lembrança em sua carteira, já que a vida clandestina não o deixava viver ao lado dela.

Parabéns, Manoel! O nosso país precisa de gente como você.



## UM HOMEM DE VERDADE

*Valmir Costa*

Conheci Manoel na escola primária, no Grupo Escolar Experimental, em Maceió, devíamos ter pouco mais de dez anos. Na época, lembro-me bem de sua intervenção numa briga entre mim e outro colega. Impressionou-me a serenidade e a imparcialidade de sua intervenção. Mais novo do que eu, conseguiu me acalmar, passando-me uma sensação de sabedoria e justiça. Calmo, introspectivo, alegre, avesso à violência pessoal, transmitia confiança e a impressão de estar sempre um pouco adiante de nós.

No ginásio cursamos escolas diferentes e nos distanciamos. Voltamos a nos encontrar em 1959, casualmente. Conversamos, descobrimos que a mesma empatia continuava, reforçada pela descoberta de afinidades políticas: ambos revoltados com a miséria social e simpatizantes das idéias socialistas. Manoel militava na juventude do Partido Comunista Brasileiro (PCB), participava do movimento estudantil e de peças teatrais inspirados no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional de Estudantes. Daí em diante, sempre militamos politicamente juntos e vivemos uma relação de amizade que atravessou e transcendeu os limites do tempo e do espaço, que me enriqueceu como ser humano.

Em 1962 formamos um grupo unido por afinidades pessoais e políticas: Manoel, Selma Bandeira (companheira e grande amor de sua vida) Rui Sales, Fernando Araújo e eu; uma mistura de pura revolta pessoal, Anarquismo, Existencialismo e Marxismo, que destilávamos em farras homéricas. Rui Sales era o "intelectual" do grupo, orgulhava-se de ler O Capital, de Marx; Fernando era o mais "anarco-existencialista"; eu e Selma, mais ingênuos, acompanhávamos o grupo, éramos uma mistura de tudo, embalados pela revolta adolescente ante um mundo onde nossos sonhos não se concretizavam; Manoel, o mais sério, o mais equilibrado, dotado de um profundo senso de justiça, detectava sempre, com incrível sensibilidade, o oportunismo pessoal e político, posicionando-se sempre um passo à frente do grupo.

Através do jornal A Classe Operária tomamos conhecimento da

existência do Partido Comunista do Brasil, da dissidência entre o Partido Comunista Chinês (PCC) e o Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Manoel posicionou-se com firmeza ao lado das críticas do PCC ao "revisionismo" do PCUS resultando na sua expulsão do PCB e adesão, junto com o grupo, ao PCdoB. Após o golpe militar de 1964, percebeu que, na essência, não havia muita diferença entre PCC e PCUS, PCdoB e PCB, segundo expressão sua, "farinha do mesmo saco", diferenciando-se apenas na teoria, no discurso.

Em 1966, através de contato com Ricardo Zarattini e Amaro Luiz de Carvalho (Palmeira) consolidou sua visão crítica sobre as dissidências, aceitou discutir a proposta de um novo partido, independente da cisma sino-soviética, construído a partir da experiência revolucionária de nosso país, com base no Nordeste, em especial na zona canavieira, voltado para a luta armada, visando a um governo popular revolucionário. A partir daí, Manoel dedicou toda sua energia física e mental ao seu novo objetivo. Desde 1965 na clandestinidade, constituiu-se no principal organizador do Partido Comunista Revolucionário (PCR).

Até sua prisão, no dia 15 de agosto de 1973, convivemos estreitamente. Nessa convivência, cercados por todos os lados, sem apoio internacional, acossados pela mais brutal repressão, feridos pelos golpes que se abatiam e aniquilavam outros grupos políticos, forjamos uma grande amizade, embalados por nosso sonho adolescente de uma sociedade sem classes, sem guerras, a democracia plena que Lênin descreve na sua obra O Estado e a Revolução. Nesses tempos de "guerra" os homens revelam-se em sua plenitude, sem disfarces nem máscaras.

Naqueles tempos, Manoel assumiu definitivamente sua grandeza. Gostava muito de citar a frase do Che: "Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás". Carinhoso com as crianças; amoroso com sua companheira Selma, sensível aos apelos da arte, compreensivo com os companheiros de luta, era ao mesmo tempo irredutível, implacável com os oportunistas e os inimigos da causa que defendia.

De Manoel afirmo com emoção: nunca vi uma atitude sua que revelasse desonestidade ou egoísmo. Quantas vezes o presenciei, cansado, oferecer sua cama a um companheiro e dormir no chão. Na sua primeira prisão, deu sua camisa a um prisioneiro que tremia de frio.



Fazia essas coisas naturalmente, sem alarde, era da sua índole.

Discutíamos muito, ele sempre alertando com energia, às vezes com aspereza, para minha ingenuidade ou fragilidade ideológica. Nunca brigamos, quase sempre me convencia de que ele tinha razão. Dizia sempre, citando Marx: "Deve-se criticar tudo que existe". Dialético, defendia a transformação, a crítica às "verdades consagradas", aos mitos. Dizia: "Devemos ser fiéis à verdade que extraímos da experiência captada pela ciência". Uma vez me disse: "Companheiro, se eu morrer antes de você, não deixem me caluniarem mas, por favor, não me endeuse".

Até o dia 16 de agosto de 1973, quando marcamos e um encontro no cruzamento da Avenida Malaquias com a Rua do Futuro, no Recife, às 19 horas, e nunca mais o encontrei, convivi com o companheiro, o amigo Manoel; um homem simples que as necessidades de transformar o mundo transmutaram em herói e mártir.

Após aquele dia, quando o ódio sádico dos carrascos descarregou sobre seu corpo indefeso as mais brutais torturas físicas e psicológicas, procurando abatê-lo, transformá-lo num delator, sem conseguir uma só informação, compreendi que Manoel pertencia àquela estirpe de homens que transcendem a sua condição animal, superando a sua individualidade.

Manoel, sozinho, indefeso, desmoralizou os carrascos, superou sua força vital; pelo conjunto de sua vida, demonstrou ser o produto da elaboração histórica, que em sua forja misteriosa elabora, de tempos em tempos, homens que sintetizam as qualidades mais nobres da espécie. São homens, não deuses, mas homens iluminados, cuja passagem pela terra estimulam nossas esperanças numa humanidade feliz, sem desigualdades sociais, sem guerras, onde o homem seja apenas o amigo, o irmão.

A ti, Manoel, a homenagem modesta deste teu amigo que se sente feliz por essa amizade e proclama ao mundo: És um HOMEM DE VERDADE, tua única ambição.

(Valmir Costa é médico veterinário
da Secretaria da Saúde do Estado de Alagoas)

## CARTA ABERTA

Há algum tempo, desde os fins de julho do corrente ano, Recife, a "cidade das revoluções libertárias", encontra-se sob o terror de bandos armados cuja missão é seqüestrar pessoas indefesas, torturá-las e ameaçá-las de morte.

Nos fins de julho, um bando armado de metralhadoras seqüestrou, nas imediações da Praça do Entroncamento, dois jovens funcionários da Operação Esperança, instituição ligada ao Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara. Apesar dos protestos, os jovens continuam desaparecidos. Crescem os rumores de que um deles, Antônio Vieira, casado, pai de dois filhos, teria sido assassinado. A continuação do silêncio por parte das autoridades responsáveis será confirmação da morte de Antônio Vieira, que seria sacrificado pelo "crime" de pertencer à Operação Esperança, da mesma forma como aconteceu com Padre Antônio Henrique, torturado e assassinado em 1969, como represália à posição crítica assumida por Dom Hélder Câmara em relação aos crimes cometidos contra o povo brasileiro pela ditadura militar.

No dia 15 de agosto, um bando armado de metralhadoras seqüestrou ,no bairro da Tamarineira, na Praça da Jaqueira, Manoel Lisboa de Moura, estudante de medicina em Alagoas, até 1964, residente à rua Ipiranga 242, Farol, Maceió Alagoas, conduzindo-o para local ignorado.

No dia 16 de agosto, foi seqüestrado, na Fábrica da Torre, uma jovem operária. No mesmo dia, em condições ignoradas, um operário da "Shelna", Moisés Domingos, também foi seqüestrado. O mesmo fato ocorreu no dia 17 de agosto com Juárez José Gomes, estudante de agronomia da Universidade Rural de Pernambuco, çassado em 1968 por sua atuação em defesa dos interesses estudantis.

No dia 25 de agosto, desapareceram, também em circunstâncias ignoradas, José Emílson, membro da diretoria da UPES na Paraíba em 1968, e uma outra pessoa que não conseguimos identificar pelo nome.

Todas essas pessoas foram seqüestradas, estão nas mãos de agentes do CODI (Centro de Operações e Defesa Interna), órgão especializado em torturas e assassinatos de prisioneiros políticos, de



caráter paramilitar, subordinado às forças armadas, e que age conjuntamente com o DOI (Departamento de Ordem Interna), Polícia Federal e DEOPS. Suas vidas estão ameaçadas, seus corpos estão sendo dilacerados pelas torturas mais artrozes. Que crime cometeram? O mesmo que conduziu Tiradentes à forca. A luta por um Brasil independente, livre do jugo estrangeiro, e democrático.

São oito vidas em perigo, entre tantas outras de que não tomamos conhecimento e que também estão ameaçadas. Podendo-se salvá-las, na medida em que a divulgação da denúncia que fazemos dificultará qualquer plano dos carrascos no sentido de apresentá-los depois como "terroristas assassinados quando planejavam ação de terror contra o governo" ou "quando tentaram reagir a bala ao cerco policial". Todos eles foram presos sem reação armada. Se forem assassinados, o serão friamente, e a responsabilidade será das autoridades militares, dos generais e coronéis fascistas, que acobertam, apóiam e estimulam bandos e facínoras, semelhantes às SS e à Gestapo de Hitler, especializadas em seqüestro, torturas, violação de domicílios e assassinatos.

Pedimo-lhes usar de suas atribuições, para, democrata inimigo do fascismo, humanista, denunciar o que comunicamos. Faça alguma coisa. Passe adiante a presente carta. Use as tribunas de que dispuser. Sua ação poderá salvar oito vidas de jovens patriotas brasileiros e democratas; será também a única maneira de deter a escalada fascista que ensombrece o país e ameaça aniquilar fisicamente, como fez o nazifascismo alemão, todos aqueles que, por honestidade, patriotismo e amor à liberdade, se opuseram ao festim de sangue e entreguismo que envergonha o Brasil sob o tacão "cor de dólar" da ditadura militar brasileira.

Não cruze os braços, faça alguma coisa! Denuncie e passe adiante esta carta.

P.S.: No momento em que acabávamos de redigir esta carta, tomamos conhecimento de que vários outros funcionários da Operação Esperança foram recentemente seqüestrados, nas mesmas condições dos demais acima referidos. Sendo preso também um estudante de Direito, responsável pela elaboração e distribuição do jornal Reflexo,. da escola de Direito.

Recife, 1º de setembro de 1973

(Carta aberta à população, distribuida pelo PCR, quando da prisão de Manoel Lisboa e outros dirigentes e militantes do partido).

## II

# O PCR Vive e Luta!



## A Galego, Flávio e Ventania

Três corpos
Três corações
Três vidas
Que vidas espalharam
Que esperanças plantaram
Que o amor proclamaram
Que ao povo amaram
Que ao povo se entregaram
Lutaram até o fim
Com o mesmo afinco
Com o mesmo ardor
Com o mesmo ódio aos exploradores

**Iára -** 12/09/74

## COMO CONHECI GALEGO

José Moura e Fontes

Galego, Miguel e outros tantos nomes para quem o conheceu. Manoel Lisboa mesmo, só a partir de 1973, quando pudemos saber seu verdadeiro nome.

Minha relação com o Galego teve início em um momento difícil de nossas vidas, de nossa geração. Como estudantes, com a imprensa calada pela censura, os sindicatos destruídos, os parlamentares cassados ou ameaçados de cassação, passamos, naturalmente, a nos constituir como porta-vozes de toda uma ação de resistência à ditadura militar apoiada pela oligarquia civil. Panfletando, realizando comícios nas feiras, fazendo passeatas, denunciando a censura, as prisões e as torturas. A luta continuava dessa forma.

Meu conhecimento com Lisboa teve início em tais circunstâncias, eu na condição de líder estudantil na Universidade Federal Rural de Pernambuco e ele já na clandestinidade, por conta da perseguição que lhe movia a polícia política alagoana.

Na época, o CCC, Comando de Caça aos Comunistas, braço clandestino da repressão policial pernambucana constituído principalmente de simpatizantes da ditadura, pôs em prática um plano para destruir os centros acadêmicos e atentar contra os seus líderes. Neste sentido, na calada da noite invadiam as universidades, destruíam os equipamentos dos diretórios, pichavam paredes, atiravam, amedrontavam. E na Universidade Rural também foi assim, espalhando-se o terror fascista no meio universitário. Fatos que nunca foram apurados e, muito menos, responsabilizados seus autores.

Por ocasião desse episódio, pudemos denunciar os fatos com veemência, fazendo-os repercutir amplamente junto à sociedade e à imprensa. Tomando conhecimento de meu pronunciamento, Lisboa manifestou o interesse em me conhecer, o que ocorreu por intermédio do companheiro Valmir Costa, que na época presidia o Diretório Acadêmico de Veterinária e era a nossa maior liderança na



Universidade Rural de Pernambuco. Desse conhecimento resultou uma mútua admiração e amizade. Primeiro, pela visão que Lisboa apresentava quanto ao papel do movimento estudantil naquele momento; depois, por sua determinação, pela franqueza e a tranqüilidade que transmitia.

A partir de então surge uma relação de luta, de resistência à ditadura. As duras condições de semiclandestinidade e clandestinidade, a permanente tensão e vigilância, não davam lugar a momentos de descontração. Sempre o encontrava em uma praça, embaixo das pontes, em casa de companheiros, nas mais adversas situações, sempre preocupados com o processo de organização e resistência.

Posso afirmar que tive dois momentos ao conhecer o Galego. Um, de satisfação, por compreender o que representava aquele companheiro para a continuidade e o fortalecimento de nossa luta, e outro da mais profunda tristeza. Encontrava-me preso na Ilha de Itamaracá, quando um companheiro nosso, Adeildo, foi transportado para responder a um processo em Fortaleza e teve que pernoitar no DOI-CODI de Pernambuco, relatando ter avistado o Galego sendo destruído, torturado, algemado de tal forma que as algemas tocavam em seus ossos, e com ferimentos não cuidados que exalavam mau cheiro por todo o recinto. Algum tempo depois, soubemos de sua remoção para São Paulo, onde foi assassinado.

É muito duro e comovente relembrar fatos dessa natureza. Mas a população brasileira não pode continuar a ser privada de conhecer um passado tão recente, principalmente quando muitos daqueles responsáveis pelos horrores da repressão buscam ocupar cinicamente funções de relevância e responsabilidade em altos órgãos governamentais e nos tribunais de justiça.

# NA LUTA DE HOJE, MIGUEL VIVE!

Ricardo Zarattini Filho

É certo que para o êxito das revoluções é necessária uma correta linha política. Mas não resta nenhuma dúvida de que sem revolucionários determinados a levar até o fim a luta pela conquista do poder político, a vitória jamais será alcançada.

Esse era o traço marcante da personalidade de Manoel Lisboa de Moura: militante e dirigente revolucionário, tornou-se imprescindível na luta pelo socialismo, justamente pela sua férrea determinação de levar até o fim essa luta.

Lembro-me quando Palmeira (Amaro Luiz de Carvalho, que depois ficou conhecido como Capivara) e eu nos reunimos pela primeira vez, num "aparelho" no bairro de Bebedouro, em Maceió, com Manoel. Creio que foi ele mesmo quem sugeriu o nome de Miguel para que usasse na clandestinidade.

A influência da Revolução Cubana, das obras de Mao Tse-tung, contagiava toda a juventude revolucionária da época. A Carta de 12 Pontos aos Comunistas Revolucionários foi elaborada sob essa influência, definindo que o processo revolucionário, no Brasil, seguiria o curso de "cerco da cidade pelo campo", a partir da zona da mata do Nordeste.

A idéia de Palmeira era reunir em torno dessa linha política os comunistas mais conseqüentes, aqueles que defendiam que a luta pelo socialismo não devia ser esmorecida pelo advento do Golpe de 64. A reorganização desses elementos no campo, onde militavam camponeses com consciência revolucionária, como Manoel Aleixo, Zé Zeferino, Ignácio "Paredão", Camilo Santana e outros, apresentava maiores dificuldades, sob a ditadura militar, do que nas cidades.

Miguel (Manoel Lisboa de Moura) já antes de 64 exercia reconhecida liderança na juventude, não só em Alagoas, como também em Pernambuco. Tinha a seu lado companheiros da mais alta qualidade revolucionária, como Valmir Costa, Selma Bandeira e outros tantos de igual valor, mas que a ausência na memória me leva à injustiça de não citá-los nominalmente.



Miguel se revelou notável organizador, recrutando valiosos companheiros não só entre a juventude de Alagoas, de Pernambuco e de outros Estados, como no Rio Grande do Norte, apressando, dessa forma, a fundação, organização e estruturação do PCR.

Por último, quero recordar um episódio desconhecido, revelando outra face do grande revolucionário Manoel Lisboa de Moura. Refiro-me a sua face humana.

Pouco antes de ser preso, em 10 de dezembro de 1968, tínhamos tido várias discussões em torno da melhor tática para levar adiante a luta contra a ditadura militar. Basicamente, as divergências se situavam em se deveríamos ou não desenvolver de imediato ações armadas urbanas.

Apesar disso, ao contrário dos tradicionais e burocráticos dirigentes comunistas (para os quais os que divergiam deviam ser relegados ao mais completo ostracismo, não lhes sendo devida a menor solidariedade), Miguel, logo após a minha fuga da prisão, em 9 de abril de 1969, do Quartel de Cavalaria Dias Cardoso, foi ao meu encontro, na mesma noite da fuga, num dos "aparelhos" de reserva, onde ele sabia, com certeza, que me encontraria. Para oferecer apoio e solidariedade. Essa era a face humana de Miguel (Manoel Lisboa de Moura), o "homem novo" de que tanto nos falou Che Guevara.

Depois da fuga, em que permaneci mais de um mês no Recife, Miguel foi novamente me ver, levando documento falso para que eu pudesse me transladar para São Paulo - pois já havia decidido que não sairia do País, pois aqui deveria continuar lutando.

Essa identidade que tínhamos na determinação de levar a luta até as últimas conseqüências nos levou, nesse último encontro, a um descontraído e prolongado papo em que a tônica era a certeza de que as torturas, os assassinatos e a própria ditadura militar um dia teriam fim.

E hoje, mesmo sem sua presença física, fico às vezes pensando numa nova conversa com Miguel. Uma conversa que certamente seria em torno do regime de super-exploração dos trabalhadores, da supressão dos mais elementares direitos da cidadania e da entrega total do patrimônio da Nação, levado a cabo pelo atual governo. E tenho certeza que de novo convergiríamos em que esse regime terá um fim.

Essa convicção, essa férrea determinação é o legado que nos deixou Manoel Lisboa de Moura para continuar a luta por uma nova sociedade.

Na luta de hoje, Miguel vive!



# MANOEL LISBOA, UM GRANDE EXEMPLO A SEGUIR NA LUTA POR UM BRASIL SOCIALISTA

Edival Nunes Cajá

Conheci Manoel Lisboa em maio de 1972, quando o criminoso e covarde expediente do seqüestro, da tortura, da invenção dos desaparecidos políticos (assassinato com ocultação do cadáver) contra os comunistas e demais opositores da ditadura militar de tão freqüentes pareciam institucionalizados.

Era o período da completa euforia do banditismo político, do terrorismo de Estado sob o comando dos interesses econômicos mais reacionários do capital financeiro e dos grupos monopolistas da alta burguesia norte-americana e brasileira que, através do golpe de estado de 1964, assaltaram pela violência o poder político.

As classes dominantes e suas Forças Armadas organizaram, então, às custas do Tesouro público, isto é, do dinheiro do povo, o mais apodrecido e ilegal aparato estatal de repressão política aos trabalhadores e seus líderes já visto em nosso país.

Este era o caso do Doi-Codi (Departamento de Operações Internas e Centro de Operações de Defesa Interna), dois covardes e ilegais órgãos de repressão política que funcionavam nas próprias dependências do Exército e sob seu comando com o objetivo não de prender e apresentar o prisioneiro à justiça mas de liquidar, de destruir fisicamente a oposição mais conseqüente, isto é, os comunistas.

A ordem era torturar até transformar em delatores dos seus próprios companheiros todos aqueles lutadores cuja consciência exigia acabar não só com a ditadura fascista, mas também com a sua causa, o capitalismo agonizante. Isto porque, a burguesia já não podendo mais exercer a sua ditadura sobre as massas através dos antigos métodos da democracia burguesa, procura sua salvação no fascismo para poder empregar medidas excepcionais de super-exploração dos trabalhadores como saída da sua insolúvel crise e ainda impedir a revolução proletária.

Na sombra daquele ignominioso governo, surgiram os homens mais degenerados de que se teve notícia na história do crime organizado em nosso país. Ostentavam, inclusive, medalhas, condecorações e cargos nos altos escalões da República. Homens que seqüestraram, torturaram e assassinaram com requintes da mais

bestial crueldade e de forma seletiva os mais inteligentes e capacitados dirigentes do nosso proletariado revolucionário, muitas vezes sem sequer formalizar um processo, como foi o caso de Manoel Lisboa.

Era o auge da contra-revolução patrocinada pelo imperialismo norte- americano, a burguesia brasileira e os grandes latifundiários, tomados de ódio e de medo da resistência armada liderada pela vanguarda da classe operária e do movimento democrático-popular.

De plantão, no Palácio do Planalto em Brasília, encontrava-se o general, de triste memória, Garrastazú Médici. No Palácio das Princesas em Pernambuco, como seu interventor (ou melhor como seu capataz), foi designado Eraldo Gueiros Leite, então Ministro do Tribunal de Contas, pertencente ao mesmo grupo político arqui-reacionário de Marco Maciel.

Sem qualquer constrangimento, Gueiros toma posse no governo com a mais asquerosa subserviência ao então Comando do IV Exército, hoje Comando Militar do Nordeste. Estava, assim instalado um verdadeiro Estado policial fascista em Pernambuco.

Foi sob esta atmosfera que ocorreu o meu primeiro encontro com Manoel Lisboa.

### "Abaixo a ditadura militar fascista"

Era a noite do último domingo de maio de 1972. O ditador Médici era esperado no dia seguinte com grande festa organizada pela burguesia açucareira de Pernambuco e seus corruptos políticos para comemorar dos nove anos do golpe militar, recém-completados

Até hoje não esqueço um só detalhe daquele momento. Depois de ter cumprido rigorosamente todas as instruções, chego ao ponto onde realizamos uma breve reunião preparatória sob a direção do companheiro Hélio.

O camarada Hélio era também um experiente dirigente do Partido, procurado pela polícia política. Sua tarefa principal era a formação política dos quadros da frente estudantil do Partido.

Logo ao abrir a reunião ele informou que o único ponto da pauta era convocar um dos quatro companheiros que compúnhamos aquele coletivo para completar um destacamento armado que, na madrugada seguinte, teria a tarefa de realizar uma ação de agitação e propaganda numa das grandes fábricas da cidade. A reunião encerrou-



se com a minha eleição para aquela nova tarefa.

O companheiro Hélio chama-me, então, para deslocarmo-nos até uma quadra após a praça principal do bairro da Madalena, onde iríamos acertar os detalhes da ação. Ao virar uma esquina, logo vejo um homem de estatura média, cabeça erguida, meio galego, compleição bem definida e porte atlético. Quando já estamos praticamente junto a ele, o companheiro Hélio afirma:

- Este é o camarada Mário, o nosso comandante!

- Pare com isso, camarada Hélio!

Falou em tom gentil, mas de reprovação. Com ar sério, o camarada Mário vira-se para mim e aperta firmemente a minha mão, dizendo:

- Não se impressione. camarada, o companheiro Hélio quer descontrair o clima tenso que o inimigo lança sobre a cidade na véspera de sua chegada. O mais importante é a alegria de nos conhecermos pela importância da tarefa que vamos realizar juntos logo mais!

Em seguida, indagou se o nosso deslocamento havia transcorrido normalmente, se não tínhamos sido "seguidos".

- Não.

- Afirmamos.

Acertamos os ponteiros dos relógios. Marcou-se o ponto e na madrugadinha estávamos lá. A ação ocorreu na mais perfeita ordem previamente estabelecida. O comandante do nosso destacamento foi exatamente o Mário. Tudo funcionou corretamente, todos no seu respectivo horário, local e movimentos determinados.

A tarefa que realizamos era parte de uma grande panfletagem geral denunciando os crimes e assassinatos políticos dos oito anos de atrocidades da ditadura, assim como os baixos salários, o desemprego e a fome. Conclamava o povo a se levantar "por um governo popular revolucionário que anulará todos os acordos firmados com o imperialismo norte-americano, tomará todas as suas empresas, as terras dos grandes latifundiários, e as distribuirá com o povo e os trabalhadores sem terra". Concluía com a palavra de ordem obrigatória: "Abaixo a Ditadura Militar Fascista!" O panfleto-programa tinha oito páginas em forma de livreto e se intitulava Aos Verdadeiros Patriotas Brasileiros, assinado pelo Conselho de Luta Operária.

O Partido conseguiu espalhar o documento praticamente em toda a cidade. Dos bairros de Casa Amarela a Tejipió, onde morava o

maior contingente operário do Recife. O panfleto foi colocado por baixo da porta das residências, nas grande filas noturnas dos postos do INPS, nas grandes fábricas do Grande Recife, nas escolas e universidades e ainda nas concentrações de terminais de ônibus.

Este foi meu primeiro encontro com Manoel Lisboa, e a impressão que tive foi a de ter conhecido um companheiro excepcional. Já de regresso à pensão onde morava, pensava, ... "Aquele é, certamente, um revolucionário completo, é o homem novo de que tanto falaram Lênin e Che Guevara". Enquanto o ônibus tomava velocidade no sentido subúrbio cidade, relembrava o conteúdo da mais importante reunião de que já participara em toda minha vida. Ainda tomado de emoção pelo aumento da responsabilidade que representava aquela apresentação, procurava agora imaginar o alcance, as implicações políticas, riscos e, principalmente, o fortalecimento da minha esperança na luta pela derrubada da tirania e pela emancipação política e econômica do nosso povo.

## Os fascistas eram os verdadeiros terroristas

Já naquele ano de 1972, Manoel era um dos homens mais procurados pela repressão política do país como um temível inimigo político. Provavelmente os fascistas já tinham definido sua sentença de morte.

No Centro-Sul do país, já haviam assassinado os comandantes Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Carlos Lamarca, Mário Alves. Enfim, 1972 seria o ano com maior número de assassinatos políticos ao longo dos 21 anos da história da ditadura militar fascista em nosso país. Manoel somente ultrapassara aquele ano com vida, graças às rigorosas Normas de Segurança que a direção do Partido havia formulado coletivamente - com destacada contribuição de Manoel, que as colocou em prática com uma férrea disciplina e sem qualquer vacilação.

Com a orgia do lucro fácil, obtido à custa da violenta repressão aos trabalhadores, metida até o pescoço na mais desbragada corrupção e apavorada com medo da resistência armada dos melhores filhos do nosso povo, a burguesia brasileira deixou-se governar pelo Departamento de Estado norte-americano e pela CIA.

Importou torturadores (há o conhecido exemplo de Dan



Mitrione) do Pentágono (Forças Armadas dos Estados Unidos) para treinar militares e policiais brasileiros, tendo como cobaias os presos políticos que cumpriam pena nos presídios. Houve casos em que até mendigos foram recolhidos das ruas para servir também de cobaia nas "aulas" de torturas que contavam com a presença até mesmo de capitalistas que financiavam as despesas, em parceria com o Estado.

Enfim, a burguesia brasileira e suas forças armadas, polícia federal, polícia civil e militar não tiveram a menor vergonha de lançar-se nos braços do fascismo e usar seus métodos mais abjetos e criminosos na desesperada perseguição aos líderes da luta armada, dirigentes estudantis cassados, líderes dos trabalhadores e sua organização política e sindical, até vencê-los. O seqüestro, a tortura e o assassinato haviam se transformado na principal forma de luta política das classes dominantes contra as classes trabalhadoras e sua vanguarda. Encharcaram-se no sangue jovem e generoso do heróico proletariado revolucionário do Brasil.

Porém não dobrou o espírito vitorioso das suas idéias de liberdade e de emancipação dos trabalhadores e da nossa pátria do jugo dos monopólios imperialistas e do capital.

Manoel Lisboa comandou com êxito extraordinário a mais ousada ação militar no Nordeste durante a resistência armada à ditadura fascista.

Era março de 1973. O assalto ao novo Parque da Aeronáutica foi planejado para ser executado durante a realização da olimpíada do Exército. Seguindo o plano traçado pela direção do Partido, Manoel foi o comandante daquela ousada ação militar. Com poucos homens e precárias condições materiais: armas curtas, incluindo a sua pistola 45. Sobrava, porém, determinação e conhecimento dos movimentos necessários para conquistar o objetivo, dominar a resistência e a posição inimiga.

A operação fora executada conforme o plano. O quartel foi efetivamente tomado com apenas cinco homens. O caráter extremamente secreto e o fator surpresa foram fundamentais. Toda a guarda foi rendida, um homem após outro, sem o disparo de um só tiro. Manoel fez de tudo para não fosse preciso abrir fogo contra os soldados da guarda do quartel, para evitar o alarde da operação. E o conseguiu de forma extraordinária. Só queria as armas.

Enquanto uma das viaturas saía conduzindo as modernas armas já recolhidas, alguns suboficiais tiveram de ficar amarrados à guarita; um oficial ficou, dormindo, sob o efeito de uma coronhada na nuca dada com a finalidade de garantir o tempo suficiente para o deslocamento do destacamento guerrilheiro.

Do ponto de vista militar a operação foi um sucesso, um êxito total. O objetivo fora alcançado sem nenhuma baixa de nenhum dos lados. Audácia e competência não faltaram ao intrépido comandante. Ele ultrapassara. assim, incólume, mais uma difícil prova de fogo.

Esta ação pôs abaixo o mito da "impenetrabilidade" dos quartéis da ditadura e da "invencibilidade" das forças armadas da burguesia em relação a um destacamento guerrilheiro, quando bem treinado, dirigido e armado do amor ilimitado à causa da emancipação do seu povo. Não era uma ação de propaganda da luta armada. Era simplesmente uma questão de necessidade das armas e do exercício da prática militar necessária à preparação de uma revolução, como fazia questão de ressaltar Manoel.

### "Sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário"

Naquela época, Manoel estava realizando uma grande inflexão nos rumos táticos e estratégicos do partido. Designara Emanuel Bezerra a urgente tarefa de estudar O Capital, de Karl Marx; a ele próprio, as obras principais de Lênin e, ao companheiro Hélio, as obras de consagrados autores revolucionários do Brasil, como Caio Prado Júnior

Este apego ao estudo combinado com a necessidade da prática era próprio do companheiro Mário. Como dirigir vitoriosamente uma revolução sem possuir o domínio da ciência da revolução, do marxismo-leninismo e do profundo conhecimento das leis próprias do desenvolvimento econômico-social da realidade brasileira e do mundo? Esta era uma indagação constante que Manoel sempre fazia aos militantes do Partido e a que respondia lembrando as palavras de Lênin: "Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário".

O principal trabalho do Partido em Pernambuco já estava, então, situado nas grandes fábricas têxteis e metalúrgicas da área metropolitana do Recife, no proletariado agrícola e nos camponeses da



zona canavieira.

Manoel Lisboa estava profundamente convencido da necessidade de ganhar as amplas massas da cidade e do campo tendo como meio principal a denúncia, a agitação, a propaganda e a organização política das massas para assumirem sua luta em todos os terrenos: econômico, político, ideológico e militar, dependendo tão-somente do nível de consciência, de organização, lugar e tempo. E, assim, forjar a indispensável aliança operário-camponesa como condição para a vitória do processo revolucionário.

Era o amadurecimento de uma idéia já constante na Introdução à Carta de 12 Pontos redigida por Manoel em 1968, onde afirmava:

> "Os comunistas revolucionários lamentam e criticam também de modo implacável os que desejam 'simplificar' o processo revolucionário, reduzi-lo a um esquema que de fato só tem existência em suas cabeças. São os que negam a necessidade histórica do Partido proletário e revolucionário, organização de novo tipo com as precípuas finalidades de teorizar a revolução, despertar e mobilizar as massas fundamentais e guiá-las de forma conseqüente... São os que de forma mecânica e não dialética pretendem 'fazer a história' quando julgam que um simples grupo militar ao modo de 'Caparaó' pode operar o 'milagre' de que as massas venham de imediato a apoiá-los incondicionalmente, simplificando, assim, todo um processo dialético e contínuo, com altos e baixos, de acúmulo de forças revolucionárias das massas, que somente a vanguarda do proletariado, através da formulação de uma teoria apoiada nas leis específicas da nossa revolução, pode extrair e capitalizar de modo conseqüente".

Certamente por causa desta nova consciência, Manoel assumiu e desempenhou com invejável brilhantismo a tarefa que a direção do partido lhe encarregara de editor do jornal A LUTA, órgão da direção do PCR, para possibilitar as tarefas de agitação, propaganda e organização.

Dotado de rara inteligência, sensibilidade e grande capacidade de organização, era o homem talhado para aquela tão importante função. Com o entusiasmo bolchevique que o caracterizava, colocou

todo seu talento, todas as ardentes energias de sua vida a serviço da imprensa operária e da organização do seu Partido. Também, com o objetivo de fundir o Partido com as massas dos trabalhadores explorados da cidade e do campo, principalmente com a classe operária das grandes fábricas, fundou e dirigiu - com muito zelo e tiragem quase regular - o jornal LUTA OPERÁRIA até o número 13, quando foi barbaramente assassinado.

Criou ainda a revista teórica LUTA IDEOLÓGICA, com o objetivo de discutir as questões candentes do movimento comunista e travar a luta política e ideológica no interior da esquerda revolucionária brasileira, buscando a superação dos seus erros através da crítica e da autocrítica, bem como defendendo a unidade de ação dos comunistas.

Contribuiu ainda, na formulação da linha política para o trabalho do partido na juventude e estimulou a criação e edição do jornal LUTA ESTUDANTIL, que o partido fazia circular clandestinamente de mão em mão entre os estudantes das escolas e universidades. Jornal que logo se transformou num eficiente instrumento de denúncia, propaganda e organização dos jovens revolucionários.

**O congresso dos militantes estudantis do PCR prepara seus quadros para uma nova retomada do movimento estudantil.**

Para alavancar o seu trabalho entre a juventude, em junho de 1972 o PCR convocou um congresso dos militantes do Partido no movimento estudantil. Foi grande a honra de ser um dos convocados para aquele evento. Durante três dias contamos com os ensinamentos dos nossos camaradas dirigentes Gomes, Emanuel Bezerra e Manoel Lisboa.

Todos ficamos muito impressionados com a organização e o elevado nível do compromisso dos militantes para com o Partido e com as discuões dos temas do congresso; a disciplina e as normas de segurança apresentadas pela mesa e aprovadas conscientemente por todos.

Mereceram destaque, pela profundidade, uma breve palestra de Manoel sobre a importância e as limitações do papel do movimento estudantil na revolução, e uma outra do camarada Gomes sobre a experiência da participação do Partido na realização do Congresso da



UNE em de Ibiúna, em 1968, e da luta política e ideológica que travou com outras organizações de esquerda sobre as várias formas de lutas, específica e geral: econômica e política; a relação entre o trabalho legal e ilegal e a articulação do movimento estudantil com o movimento operário, popular e democrático. Inclusive, o PCR defendeu a realização do Congresso da UNE no campus da USP, que a polícia teria mais dificuldade de invadir, e onde a população teria mais facilidade de se solidarizar e repudiar a agressão da ditadura.

Nunca havia estado em um ambiente com tanta riqueza e sabedoria política acumuladas. Os debates acalorados sobre a conjuntura política, o papel do movimento estudantil, a tática e a estratégia da revolução, desenvolviam-se com a mais elevada disciplina e camaradagem.

A minha surpresa começou logo no ponto do qual eu seria transportado para o congresso. Na direção de um Fusca branco, chega o comandante Mário, que, enquanto o carro toma velocidade, orienta-me a tratá-lo por Celso e ao camarada Hélio por Gomes, e pergunta-me por qual nome gostaria de ser chamado durante os três dias seguintes. No trajeto, enquanto chegávamos no ponto seguinte, disse-lhe da minha alegria em escutar na rádio central de Moscou a informação de que Vladimir Palmeira havia dado uma declaração com José Dirceu, em Paris, afirmando que só estavam aguardando a vitória da anistia para retornarem ao Brasil.

Manoel, enquanto dirigia o carro, com calma, respondeu-me:

- Camarada, se possível anote em um papel bem guardado para você conferir depois. Quando o Vladimir e o Dirceu voltarem, não vão querer saber deste trabalho anônimo e paciente que fazemos para elevar a consciência e a organização dos trabalhadores, sem o qual a revolução não triunfará. Vão querer é ser deputado ou senador e se contentarão com belos discursos em defesa da democracia em geral e pelas reformas sociais no parlamento burguês.

- Mas por quê? - Indaguei.

- Porque se eles tivessem um compromisso profundo com a revolução socialista em nossa terra, já teriam voltado clandestinamente ou de lá estariam apoiando a dura e difícil luta que aqui travamos. Gostaria muito de estar equivocado, seria ótimo que eles viessem se incorporar à luta pela revolução proletária, mas se trata de uma ilusão, são lideranças que não ultrapassaram os limites da

democracia pequeno burguesa - respondeu.

Fiquei impressionado com tamanha convicção. E o tempo se encarregou de confirmar a análise ideológica feita por Manoel sobre aquelas duas personalidades dos anos que marcaram a minha geração.

O comitê do PCR na juventude saiu, daquele congresso, extremamente decidido a assumir a tarefa de soerguer o movimento estudantil em Pernambuco, Alagoes, Paraíba e Rio Grande do Norte, levantando as bandeiras da defesa dos interesses imediatos das massas, das liberdades democráticas, pela derrubada da ditadura e a solidariedade do movimento aos povos de Cuba e do Vietnã, que de armas em punho enfrentava a covarde agressão do imperialismo ianque.

Graças à sagrada rebeldia daquela valente geração de militantes preparados por Manoel Lisboa e inspirados no seu exemplo de luta e abnegação, o movimento estudantil em Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte foi reoganizado e deu uma inestimável contribuição para a reconstruição da UNE e da UBES, além de ajudar ao desenvolvimento do movimento sindical operário e popular com base no marxismo-leninismo.

## O seqüestro de Manoel e meu encontro com Dom Hélder Câmara: "Vamos economizar tempo".

Na noite seguinte ao seqüestro de Manoel, dia 16 de agosto de 1973, eu aguardava na praça da Jaqueira, às 20h, o companheiro Raul para uma reunião de trabalho do partido.

Ao chegar, com a fisionomia tensa, Raul exclamou :

- Companheiro, vá embora urgentemente, de preferência pegue um táxi, depois eu entro em contato com você!

- Mas o que é que está acontecendo? - Perguntei.

- O galego faltou dois pontos seguidos. Soube agora mesmo, através do companheiro Gomes. E ele nunca atrasa, nem falta aos pontos. Ele deve ter sido emboscado ou agarrado. Você sabe que a repressão está nos cercando. Mantenha-se entre o seu trabalho, sua escola e a casa do estudante. Todo cuidado é pouco. Agora desapareça, porque o ponto dele era numa praça aqui perto, no Rosarinho. O companheiro Gomes me espera aqui próximo para outras



urgentes providências!

Com um aperto de mão nos despedimos, dizendo um ao outro, quase que ao mesmo tempo: "Tome cuidado, companheiro!"

Dois dias depois, Raul me procura com a incumbência de me incorporar à tarefa de denúnciar o seqüestro de vários companheiros submetidos a dilacerantes torturas... "E a partir de hoje você fica em contato apenas com o companheiro Gomes," instruiu-me, na despedida.

Um dia após, já no primeiro encontro com o companheiro Gomes, fiquei informado da prisão do camarada Raul, somando-se ele a oito companheiros já presos. Nessa ocasião recebo a missão de procurar Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, para lhe pedir que nos ajude a salvar aquelas preciosas vidas das terríveis torturas e da morte anunciada.

Dom Hélder me recebeu no Palácio Episcopal, na Avenida Rosa e Silva. Era a primeira vez que eu o via pessoalmente. Mostrei-lhe a minha carteira de identidade, disse-lhe que estava ali na condição de militante e em nome da direção do Partido Comunista Revolucionário, que cursava o 2º ano científico no Ginásio Pernambucano e trabalhava no Banco Mercantil do Brasil na rua da Palma, havia um ano e meio. Também informei-lhe que conhecia pessoalmente quatro daqueles oito companheiros presos, inclusive Manoel Lisboa. Adiantei que a vida de Manoel era a que mais perigo corria, não só por ser o nosso principal dirigente, mas por já ter sido preso duas vezes e haver contra ele uma prévia sentença de morte dos principais órgãos de repressão política do país.

Dom Hélder, percebendo a minha aflição e a gravidade do assunto, dispensou-me grande atenção. Interrompeu-me, dizendo:

- Vamos economizar o tempo que, nestas circunstâncias é preciosíssimo. Preciso dos nomes completos, profissões anteriores à clandestinidade, uma breve ficha biográfica de cada um; o local do seqüestro, as circunstâncias, inclusive seus últimos endereços, se possível. Sei que cada partido tem seus segredos e tem razão para isto, mas sem estas informações a denúncia fica vaga e sem força.

Já de pé para me despedir, Dom Hélder levanta-se e, em tom paternal, me aconselha:

- Meu filho, tenha muito cuidado quando voltar com estas informações. Fique sabendo que eu não tenho a menor segurança de

que esta nossa conversa não está sendo vigiada ou gravada. Temos dois técnicos do nosso projeto "Operação Esperança" desaparecidos desde julho, o Vieira e o Dida. Eu e meus assessores somos vigiados, somos perseguidos também. Mandarei esta denúncia para a imprensa no exterior, para repercutir aqui, já que os jornalistas do Brasil estão proibidos até de falar no meu nome. Mas tentarei um contato capaz de nos ajudar aqui e em Brasília por meio de um membro do Congresso Nacional. Volte logo. Precisamos agir rápido. E seus companheiros necessitam manter acesa a esperança e evitar perder a cabeça nestas horas de tantas provocações. Os suplícios da tortura e este regime infame terão de desaparecer muito em breve. Porque constituem a maior ofensa ao ser humano e a Deus, nosso Pai. - Concluiu, Dom Hélder, levando-me até à porta de saída da sua sala.

Voltei no dia seguinte com as informações necessárias e cheio de esperanças e disposição para levar adiante aquela denúncia. Dom Hélder seguiu trabalhando ao seu modo para salvar a vida de Manoel. O Partido, por outro lado, lançou uma carta aberta à população com uma veemente denúncia dos seqüestros, das torturas e uma advertência da possibilidade do assassinato. No panfleto, havia uma pequena biografia de cada um dos companheiros.

Entretanto, apesar de todo o empenho de Dom Hélder, da mãe de Manoel, dona Iracilda Lisboa, do seu pai, Augusto de Moura (oficial da marinha no Rio de Janeiro), de seu irmão Carlos (capitão do exército até então) e de todos os seus companheiros, não foi possível evitar os bárbaros assassinatos dele Manoel Lisboa, de Emanuel Bezerra e de Manoel Aleixo.

Duas semanas depois, volto a falar com dom Hélder para agradecer seu grande esforço e, ao entrar em sua sala, vejo-o puxar uma gaveta de onde retira um jornal do dia 5 de setembro de 1973, com as fotos de Manoel e Emanuel e a terrível mentira: "Terroristas morrem em tiroteio com agentes dos órgãos responsáveis pela segurança interna em São Paulo." Abraçou-me, dizendo estas palavras:

- Eles foram sacrificados no altar da pátria. Logo a verdade prevalecerá sobre a mentira e o farisaísmo destas autoridades. Isto é o que importa. Agora, só Deus pode saber quanta dor estão sofrendo aquelas três mães pela perda repentina dos seus filhos e pelas calúnias lançadas sobre eles.



- Pediu-me que o mantivesse informado sobre os demais presos. E deu-me uma cópia de uma crônica sua, pronunciada com sua própria voz no seu programa da rádio Olinda; Um Olhar sobre a Cidade, da qual um dos versos era a mais forte expressão da sua convicção como caminheiro perseverante na estrada da liberdade: "Quanto mais escura é a noite, mais carrega em si a madrugada".

Assim, naqueles difíceis tempos, Dom Hélder semeava a esperança e lutava ao lado dos perseguidos pelo regime fascista.

Voltei a ver Dom Hélder um ano depois, num encontro de jovens, do qual participei por convite do padre Ivan Pinheiro, um salesiano comprometido com o exemplo de dom Bosco e animador do grupo de jovens O Balaio, do Colégio Salesiano, na rua Dom Bosco. No Balaio tínhamos sempre à nossa disposição um pequeno serviço de som, as letras de Taiguara, Chico Buarque, Milton Nascimento, Victor Jara e Vandré. Não faltavam violão, poesias de Neruda, Arrabal, Thiago de Melo e Castro Alves, nas reuniões dos sábados à noite.

As relações construídas entre estudantes secundaristas e universitários daquele grupo, várias resistem ao tempo até hoje, entre elas, a união de vida e de luta entre mim e Gau. Acabei chamado para assessorar tecnicamente, inclusive com contrato de carteira assinada, a coordenação dos grupos de jovens da pastoral.

Dois anos depois, em 1975, já cursando ciências sociais na UFPE, com intensa participação na comissão nacional pró-UNE, Dom Hélder mandou-me convidar através do operário metalúrgico Henrique Cossar para integrar a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife que ele decidira criar com a finalidade de defender os presos políticos, a Anistia Geral, os direitos humanos e a justiça para os pobres, sobretudo, na hora da ocupação de terra para produzir ou de um pedaço de chão ou de um teto para abrigar sua família.

Era sempre com muito respeito à diversidade de pensamento e ao debate democrático dos vários pontos de vista que ele encontrava a unidade de ação daquela Comissão, de saudosa memória, com companheiros e companheiras de extraordinária capacidade de solidariedade demonstrada inúmeras vezes. A grandeza de Dom Hélder era tal que nunca discriminou a ideologia ou partido político de qualquer um dos seus assessores. Ou mesmo de qualquer preso político que necessitasse de seu apoio.

A história haverá de reconhecer a importância da atuação

daquele verdadeiro cristão no Recife durante os tempos de perseguição fascista.

Seu prestígio, fé e determinação salvaram muitas vidas ameaçadas. Vi de perto a sua indignação e sofrimento por não ter podido poupar a vida de Manoel.

### Manoel Lisboa derrotou a última armadilha da polícia

Uma psicóloga da equipe do mais repugnante e degenerado torturador brasileiro, Sérgio Paranhos Fleury, foi chamada pelo próprio Fleury às pressas de São Paulo para socorrê-lo no seu colérico desespero de arrancar pelo menos uma confissão de Manoel, que agonizava de tanto martírio no DOI-Codi do então IV Exército, no parque 13 de Maio, no Recife. A psicóloga apresentou-se a Manoel afirmando que não era policial, mas uma profissional da área de saúde em São Paulo.

- Quero fazer-lhe uma proposta, uma negociação que dependeria do seu consentimento mas que poderá salvar sua vida. Se negociarmos, estou autorizada a leva-lo para um dos melhores hospitais de São Paulo e em menos de três meses você estará refeito fisicamente desta desumana selvageria que lhe fizeram. Ficará provavelmente preso por alguns anos e depois sairá, com um bom advogado, podendo retomar o seu trabalho, reconstruir o seu Partido e até ser vitorioso no seu projeto revolucionário, como já aconteceu em outras partes do mundo, onde alguns líderes contestadores foram presos e depois se converteram em vitoriosos chefes de estados. Mas isto só foi possível para aqueles que souberam manter-se vivos.

E continuou:

- Use a sua privilegiada inteligência. Não pense que quero transformá-lo num delator. Sei que você é um homem coerente. Um líder comunista, e não estou lhe propondo abrir mão disto. Mas tão-somente que seja pragmático, um pouco flexível até para que você possa realizar o seu próprio sonho. É só um adiamento do seu projeto. Convença-se de que agora não dá. A conjuntura não permite. Penso que para a própria revolução, é mais útil um revolucionário como você vivo, mesmo na prisão, do que no túmulo. Se você não negociar, eu lamento muito, mas eles vão matar-lo.

Teria se encerrado, assim, sem nenhum resultado, a visita da



psicóloga paulista.

Como Manoel nada lhe respondeu, ela então, frustrada, deixou-lhe algumas folhas de papel e lápis, dizendo:

- Já que você está quase sem poder falar, caso resolva conversar, escreva então as suas condições ou exigências nas quais se dispõe a dialogar; de minha parte, já lhe assegurei imediato tratamento da sua saúde, com profissionais especializados em São Paulo ou aqui, à sua escolha.

Com muita dificuldade, segundo um dos policiais, Manoel escrevera um dia inteiro e parte da sua última noite de vida. Soube-se que no outro dia, bastante ansiosa, a psicóloga teve em suas mãos os manuscritos de Manoel, que teriam deixado muito irritados a todos.

Manoel teria escrito um verdadeiro libelo em defesa do futuro luminoso da humanidade no socialismo e da inevitabilidade do triunfo do comunismo no mundo inteiro, responsabilizando o capitalismo pela terrível exploração, opressão e degenerescência por que passa a humanidade, ao ponto de ter alguém que se dispusesse a ocupar-se da tortura como profissão, com nomes inclusive de alguns oficiais do Exército e dos sádicos policiais Sérgio Fleury e Luiz Miranda, de Pernambuco.

Até hoje não tivemos acesso a esse documento escrito por Manoel, mas um dia ele emergirá dos porões e virá à luz, como ocorreu com "Testamento Sob A Forca", de Júlio Fuchik, que emergiu do submundo da Gestapo.

Na época ouviram-se comentários sobre este fato nos corredores do DOI-Codi e que chegaram até à direção do Partido. Quatro anos depois, já como preso político, eu ouvi, com os meus próprios ouvidos, nos corredores da carceragem da Polícia Federal e na câmara de tortura, quando dois torturadores entraram em histérica divergência quanto ao rumo dos interrogatórios sobre mim. Se deveriam me passar ou não papel e lápes depois da sessão de tortura .

- Prá cima de mim? Porra nenhuma! - berrou o policial.

- Lembra-se daquele puto do Galego, pra depois restar aqueles papeluchos dele? Comigo, ou fala ou vai prá cova! - ameaçou o verme torturador, ao mesmo tempo em que exibia autoridade sobre seu próprio comparsa.

A inabalável integridade ideológica e moral de Manoel, causou-lhes espanto, ficou neles uma espécie de fantasma a apavorá-los. O

seu comportamento de não vacilar em morrer para salvaguardar o Partido e a sua coerência de comunista revolucionários ossustaram e ainda os põem em débito com a humanidade, até hoje e sempre.

**Manoel Lisboa encontrou na doutrina de Marx e Lênin a sua fortaleza ideológica inexpugnável!**

Por que Manoel Lisboa, já tendo sido preso por duas vezes em 1965 e 1966, passado por inquéritos policiais militares e torturas, resolveu assumir a luta clandestinamente sob a mais implacável perseguição política da burguesia e sua polícia fascista? Po rque permaneceu com a sua fé suprema na força do povo, na determinação do seu Partido, o PCR, e, apesar da situação extremamente adversa e desigual em que lutava, manteve erguida, com seus próprios punhos, a bandeira vermelha dos trabalhadores de livrar-se de uma vez para sempre da ditadura fascista e também da sua causa, o capitalismo?

Quando Manoel se convencera de ser um comunista, ainda adolescente, o fez com rara sinceridade e radicalidade. Com grande esforço intelectual e disciplina estudou até dominar os conhecimentos científicos acumulados pela humanidade e sintetizados na poderosa doutrina do marxismo-lininismo.

Percebeu que não bastava analisar corretamente a realidade, mas era preciso transformá-la, e que a ação consciente dos homens têm um papel decisivo na revolução.

Em Manoel Lisboa a coerência não era algo ocasional. Era uma permanente forma de conduta. Desde aquela sua opção, ele nunca se afastara, um milímetro sequer, da disciplina coletiva, da dialética marxista, enfim, do socialismo científico, como ciência e guia da sua ação diária.

Por isso, nós sempre vimos na figura de Manoel o símbolo vivo do novo homem entre nós, e ele o confirmou, sem qualquer sombra de dúvida, até no último instante da sua vida, mesmo nas piores situações possíveis, como na câmara de tortura. Era incapaz de uma atitude individualista ou arrogante. Nem de realizar um ato oportunista, uma atitude sequer, que lhe acarretasse vantagem pessoal, em quaisquer que fossem as circunstâncias. Por isto ele é, para nós e para todos que o conheceram, verdadeiro exemplo de um comunista revolucionário.

Um homem digno e justo, como Manoel, coerente com as



idéias libertárias da revolução proletária, mesmo debaixo do chão tem mais força junto ao povo oprimido do que todos os efetivos militares da burguesia e seus torturadores juntos. Nossos companheiros nunca serão esquecidos. Vivem hoje mais do que nunca. Seus nomes são pronunciados cada vez mais e se espalham em cada ocupação, em cada acampamento, em cada greve. Morrer pela causa da libertação dos explorados e pela pátria é viver eternamente. Logo verão a burguesia e seus carrascos aterrorizados que, da força dos nossos heróis e do nosso povo oprimido, surgirá a pátria livre, independente e socialista.

Há inúmeros exemplos. José Martí, morto em combate em Cuba, em 1895, foi quem inspirou e impulsionou os jovens liderados por Fidel Castro, em 1953 a tomar o quartel Moncada, em Santiago de Cuba, e também no triunfo da revolução cubana em 1959. Che Guevara, que caiu em combate na Bolívia, teve seu corpo martirizado e ocultado da sua família e de seus camaradas, 32 anos atrás, e, no entanto, seu nome e seu exemplo ainda hoje mobilizam milhares de jovens e trabalhadores para a revolução, nos cinco continentes. Recentemente o povo cubano e seus cientistas descobriram seu corpo e o trouxeram de volta ao território livre de Cuba, onde o aguardavam um milhão de pessoas. Este mesmo povo edificou em mármore o mais belo mausoléu da América para o merecido descanso eterno de Che Guevara e seus companheiros, na cidade de Santa Clara.

Quem, na verdade, não tem valor nenhum, mesmo vivos, são os torturadores e aqueles que traíram a revolução, que se transformaram em renegados, em delatores, os renunciadores da luta revolucionária e do Partido.

É só uma questão de tempo. Os trabalhadores brasileiros, ao tomarem consciência de classe algum dia, desenterrarão o corpo de Manoel Lisboa da vala comum do cemitério de Campo Grande, em São Paulo, e, em seus braços, o levarão ao panteão dos heróis da causa dos homens livres, que o Governo Revolucionário dos Trabalhadores construirá para guardar, com a dignidade merecida, todos aqueles que consagraram suas vidas à causa da emancipação da classe operária e de todo o povo explorado e oprimido.

(Edival Nunes Cajá é presidente do CCML
E membro do Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário)

## GALEGO (Companheiro Mário)

Juáres José Gomes (Raul)

Certa vez Marx, respondendo a uma indagação de sua filha sobre a maneira como uma pessoa deve se conduzir na vida, disse: "Duvidar de tudo!".

Uma outra coisa importante que devemos aprender, nas caminhadas do dia-a-dia, é ser cuidadosos e zelosos com a verdade. Defender a verdade não significa apenas ter que se debruçar sobre os livros e as experiências dos outros, mas sim sobre os ensinamentos da vida. Mentir, só diante dos torturadores, quando temos a tarefa suprema de preservar o partido e livrar os companheiros da prisão. A história tem mostrado que a verdade tem sido implacável com a mentira e os mentirosos.

O jornalista Vladimir Herzog (assassinado pela ditadura) ensinava: "A notícia é do tamanho da verdade". Pensando desse modo, e diante do compromisso que tenho para com a minha própria consciência, com a história de meu povo e com o futuro da humanidade, é que começo a relatar um pouco sobre os dias em que tive como companheiro de luta o Galego camarada Mário.

Lembro-me do dia em que o conheci. Foi um encontro apressado pois, logo em seguida, ele tinha um outro compromisso. Fiquei impressionado com tudo. Desde o modo carinhoso com que tratava os companheiros, o interesse e o cuidado com a vida particular de cada um, que influía, substancialmente, na vida do partido e nas tarefas partidárias, até o sentimento de raiva que brotava dos seus olhos quando passava diante das casas luxuosas da burguesia e via naquilo o resultado final da expropriação da mais-valia dos trabalhadores do campo e das cidades, a classe operária. Dizia: "Essa burguesia precisa acabar!".

O companheiro Mário tinha um profundo sentimento do mundo e dos homens. Me senti pequeno diante da grandeza de um ser humano que, sem dúvida, era igual a mim, mas que era um grande exemplo de conduta revolucionária. Pensava comigo: quando é que chegarei a esse estágio, quando é que conseguirei superar as minhas limitações e me tornar, de fato, um homem a serviço das classes



oprimidas? Sabia que já tinha dado passos importantes nesse sentido, mas estava muito longe de me tornar um exemplo, como era o camarada Mário. Procurava fazer dele e dos seus ensinamentos um guia para os meus passos futuros.

Passamos juntos dias extremamente difíceis. Na clandestinidade, vivíamos ao nível da classe operária, sem nenhuma regalia, comíamos "o pão que o diabo amassou". A nenhum membro do Partido Comunista Revolucionário (PCR) era dado o direito de ter um salário superior ao salário mínimo da classe trabalhadora. Os "extras" eram só para dificultar as ações da repressão, como pegar um táxi, etc.

O Galego (Mário) era um companheiro extremamente sincero, não titubeava em nada, mas era capaz de voltar atrás quando a realidade da vida lhe trazia um novo ensinamento. Isso fazia parte de sua conduta revolucionária.

Quando conheci o Galego, estava prestes a sair da legalidade política e cair na clandestinidade. Era estudante de agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco e breve seria cassado pelo draconiano artigo 477 do decreto-lei 228, ficando sem o direito de estudar em qualquer universidade do país, por três anos. No mesmo dia do ato cassatório, a polícia cercou a minha casa e só não fui preso porque a velha minha mãe pulou o muro e veio me avisar no caminho, antes que eu chegasse em casa.

O nosso primeiro encontro foi na Praça Fleming, que fica próxima à Praça da Jaqueira. De alpercatas, andar ligeiro, cabeça levantada, sempre pronto para atacar com suas críticas, perguntava sobre tudo e sobre todos, ao mesmo tempo em que dava demonstrações de que possuía informações completas de todos, de tudo o que estava acontecendo no movimento estudantil da Rural, e de que possuía um longo dossiê sobre os meus comportamentos e as minhas ações. Sabia de minha coragem de enfrentar e jogar bombas juninas nos pés dos policiais, quando estes invadiram a UFRPE com o objetivo de retirar uma faixa preta (luto) que havíamos colocado, em protesto contra mais um aniversário da ditadura

Ficava imaginando como era possível alguém conhecer tão detalhadamente os nossos passos. Mas isso fazia parte da política ousada, corajosa e eficiente de um partido que, mesmo sendo pequeno, era robusto e que o companheiro Mário, juntamente com

outros camaradas, estava ajudando a construir. Por ter amor ao seu país e ao seu povo, Mário estava construindo um partido que ele aprendeu a amar e que acreditava, piamente, seria a vanguarda dos trabalhadores - o PCR.

Líamos de tudo, encorajados pelo companheiro Mário. Fazíamos, constantemente, infindos relatórios sobre essas leituras, como forma de nos prepararmos contra os açoites da ditadura e dos órgãos de repressão. Líamos sobre algumas experiências vividas por outros revolucionários. Lembro-me de Júlio Fuchik (Testamento sob a Forca) e nunca vou esquecer a sua encorajadora frase "Quando a cabeça quer, o cu não abre". De Diógenes de Arruda Câmara (Resisto e Acuso) aprendíamos, com riqueza de detalhes, sobre os métodos modernos de tortura usado pelo torturadores e pelos quais Diógenes havia passado. Dele ainda recordo-me de uma entrevista sua em Salvador, no Estado da Bahia, num encontro do Movimento de Luta pela Anistia, quando dizia: "Eu sou favorável aos tumultos porque eles precedem as grandes transformações!"

.Foi exatamente no bojo de toda essa luta que nos preparávamos para enfrentar a ditadura e os seus órgãos de repressão. O partido desencadeou a campanha "mata ou não mata", puxada pelo companheiro Mário, que sentia a necessidade de buscar saber o sentimento das companheiros da base partidária sobre o destino que deveria ser dado a um delator. Todos, sem exceção, puderam opinar e, no final, veio a decisão do todo partidário: "Qualquer dirigente que, mesmo sob tortura, for responsável pela queda de companheiros, ou aparelhos, e pela abertura de segredos do partido, será justiçado". Estava decretada a sentença dos dirigentes do PCR: ou morrer sob tortura ou ser justiçado, pagando com a vida, pelas próprias mãos dos companheiros. Mas todos seguíamos confiantes de que a revolução estava por chegar e que a história seria escrita, como estava sendo, por todos os seus militantes e organizadores do povo.

Com pouco tempo de clandestinidade recebi do partido a missão de ir, já na condição de dirigente intermediário, para a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Tinha pouco mais de 20 anos. Em menos de um ano fui promovido à condição de dirigente e responsável pela atuação do partido, inicialmente no Rio Grande do Norte e, posteriormente, também no Estado da Paraíba. Passei a ver o companheiro Mário com menos frequência.



As vezes em que nos encontrávamos eram para reunir a direção do partido ou realizar ações (ousadas) contra a ditadura e seus órgãos de repressão. Periodicamente, nessas reuniões, fazíamos relatos completos sobre o partido e suas ações em minha área de atuação. Ainda recordo as infindas gargalhadas dadas pelo companheiro Mário quando soube que eu havia conseguido fazer, sozinho, em pleno Dia de Finados, uma grande panfletagem em um dos cemitérios de Natal. Depois de ter feito um levantamento da área, dois dias antes, redigido um panfleto em forma de verso e, posteriormente, os embrulhado, um a um, em papel de presente, joguei-os ao longo das vias que davam acesso ao cemitério. A repercussão foi enorme. O panfleto, que recordo em parte, era o seguinte:

Meu bom amigo leitor
Que está indo ao cemitério,
Preste atenção por favor
E leve o caso a sério,
Dando o devido valor
Sem fazer nenhum mistério.

A morte vai vir um dia
Pra todos nós com certeza
Mas viver na agonia
É uma grande malvadeza
Uma imensa judiaria
Com a tão grande pobreza.

Mesmo que eles nos cassem,
nos prendam, nos torturem
E as nossas mãos eles cerrem
Mas nunca eles detêm a luta do PCR.

Mas as gargalhadas do Galego não eram apenas pela criatividade do panfleto, e sim pelo fato de que a revista (não lembro se Manchete ou Domingo Ilustrado) trazia uma matéria dizendo que o

exército, juntamente com a aeronáutica, havia feito um conjunto de ações antiguerrilha, no Vale do Potengi, e que os aviões da aeronáutica haviam lançado panfletos sobre a região, também em forma de cordel, que diziam mais ou menos o seguinte:

No Vale do Potengi,
Tem um tal de Mata-rindo
Fazendo medo às muié,
Correndo atrai dos menino
Dizendo ser guerrilheiro
Mas é covarde e cretino.

Na praia de Muriú
O exército tá agindo,
Tomando pato e peru
do larápio Mata-rindo
Que já não mata mais nada
Pois no mato tá fugindo.

Como era possível um único companheiro, morando em um quarto alugado, situado defronte da casa de um comissário de polícia, com um mimeógrafo de segunda mão, passando as piores dificuldades, procurado pelos órgãos de repressão, consegue mobilizar, com um único panfleto de cordel, tamanho aparato militar? Esse era o motivo maior das risadas do Galego. Mário era um companheiro alegre.

Assisti, uma vez, a uma verdadeira aula sobre a lei da oferta e da procura, do companheiro Mário, quando o companheiro Pona, que havia saído com a tarefa de comprar algumas verduras para o almoço, chegou com alguns tomates podres. O Galego sempre utilizava os erros cometidos pelos companheiros para transformá-los em verdadeiros ensinamentos.

O sonho de construir um efetivo trabalho junto aos camponeses da Zona da Mata do Estado de Pernambuco fazia parte dos sonhos do camarada Mário. Fui algumas vezes com ele, fortemente armado,



reunir com os camponeses, na época sob a orientação de Ventania, Manoel Aleixo, assassinado pelos órgãos de repressão. O motivo de irmos armados até os dentes era que essas reuniões se davam próximo à Usina Estreliana, de propriedade de Zé Lopes Siqueira, conhecido anticomunista, torturador e assassino de trabalhadores.

Lembro-me do ódio que ele tinha dos "companheiros" de cela de Capivara, Amaro Luiz de Carvalho, velho camponês que havia feito curso de guerrilha na China e que havia sido morto na casa de detenção do Recife. O motivo é que, por brigas e divergências internas, Capivara havia se isolado do conjunto dos presos políticos e isso facilitou aos órgãos de repressão o seu assassinato. Capivara também era um grande defensor dos trabalhadores do campo e militante comunista. Mário admirava a sua experiência e os seus ensinamentos, que se achavam, também, esboçados no trabalho intitulado As Quatro Contradições da Zona Canavieira do Estado de Pernambuco.

É mês de agosto, exatamente dia 17. Tenho um encontro com o companheiro Gomes (Valmir Costa). Fico impaciente no local, devido à demora do companheiro  não é costume haver atraso. O companheiro chega e diz que é necessário termos um encontro urgente com a companheira Iná (Selma Bandeira). Pegamos um táxi e nos dirigimos a um ponto em Boa Viagem. A companheira Iná chega, fala comigo e demonstra estar extremamente nervosa. Motivo: o companheiro Mário havia faltado a dois encontros e isso estava muito estranho. Pede que eu entre em contato com um médico do Hospital da Restauração, aliado nosso, uma vez que em um dos jornais da cidade havia saído uma notícia de que um homem, de identidade desconhecida, vestindo um tipo de roupa que, no entendimento de Iná, era muito parecida com a roupa que o companheiro Mário estava usando, havia sido atropelado na Avenida Sul. Esse corpo se achava na "pedra" do HR

Imediatamente fui à procura do médico que, de modo muito tranqüilo , explicou que era extremamente perigoso tentar esse tipo de procura, pois poderia ser uma tática da polícia no sentido de ampliar o leque de prisões, colocando essa nota no jornal e ficando à espera de quem procurasse o corpo, para prender. Iná ficou ainda mais desesperada, e disse que "esses  pequenos burgueses são insensíveis, são todos filhos da puta". Pude perceber a gravidade do problema. De pronto, eu e Gomes voltamos para um encontro com Silvino (José Emílson Ribeiro da Silva) na Praça do Prado. Silvino não aparece, ou

veio e foi logo embora, pois chegamos atrasados. Me despeço do companheiro Gomes e volto, a pé, até o Campo do Arruda, onde havia deixado um velho carro (Gordini) que havia comprado. Fazia 15 dias que a minha filha Renata havia nascido e esse é o motivo que faz com que eu me lembre, exatamente, desse dia. Minha filha, com minha mulher, se achavam na casa do meu irmão em Boa Viagem.

Pego o carro e vou me dirigindo até lá. Como a ida pela Cidade Universitária é mais segura, uma vez que, naquela época, o policiamento era mais ostensivo em outras vias de acesso a Boa Viagem, me dirijo pela Avenida Caxangá com a finalidade de pegar a Cidade Universitária no sentido do aeroporto. Vou extremamente preocupado, nunca tinha visto a companheira Iná com tanta preocupação ela estava beirando as raias do desequilíbrio , e isso não era bom. Passando defronte a uma padaria logo depois da Exposição de Animais, avisto o companheiro Pequeno (Moisés). Paro o carro mais adiante, coloco a arma na cintura e volto para o local onde se acha Pequeno, com o intuito de procurar saber do companheiro Mário. São aproximadamente 21h20. O companheiro Pequeno de nada sabia, estava esperando a companheira Rita, que havia marcado um encontro com ele às 21 horas e, como ela ainda não havia chegado, ele já estava indo embora.

Convido-o para esperar mais uns cinco minutos enquanto conversamos sobre o desaparecimento do Galego. Passados esses cinco minutos, vamos nos dirigindo no sentido subúrbio, para ir embora, para depois seguir cada um o seu destino. A mais ou menos 20 metros do local onde estávamos, percebo, de repente, duas figuras estranhas sentadas em um muro de um terreno baldio e que, de imediato, se lançam em nossa direção: "Documentos, que nós estamos numa batida policial!". Tranqüilamente, abro uma pequena pasta, na qual tinha uma identidade falsa, e mostro aos policiais. Ao observar que dentro da pasta existe um documento do partido, Luta Operária, um deles grita: "Pode pegar que são do partido!".

Na verdade, o que tinha ocorrido é que a companheira Rita havia sido presa e, naquele momento, se achava próxima da padaria, sendo espancada por policiais para apontar quem era o tal de "Pequeno". O ponto havia sido detectado pela polícia por meio de um bilhete que o Silvino havia deixado na casa dela, que havia "caído", lembrando o seu encontro com "Pequeno" na referida padaria. De imediato saco do



revólver, mas sou dominado pelos dois policiais. Pensava: "Chegou a minha hora". Nesse momento, lembrava-me da minha filha, que nem iria me conhecer, da coragem que eu teria de ter para não envergonhá-la. Eu não poderia ser um delator. Os companheiros do partido confiavam em mim, eu não podia decepcioná-los pensava comigo.

Nisso, chega o conhecido torturador Miranda e grita: "Pegamos Juáres, porra.....pegamos Juáres!!!". Sou amarrado e colocado em um carro. De imediato, um dos policiais diz: "Você sabe pra quem você apontou aquela sua arma, seu filho da puta? Foi pra meu pai! Se você tivesse morto ele, eu ia lhe matar agora mesmo!!!". E tome porrada. De pronto, me quebram duas costelas. Sou encapuzado e levado para o DOI-CODI, que funcionava no Quartel Geral do Exército, em pleno centro da cidade do Recife. Ainda encapuzado, sou colocado dentro de um quarto. Só consigo ver uma pequena luz lá no final da sala. De repente, aparece um vulto e tome porrada, chutes e pancadas na cabeça. E, assim, sucessivas vezes.

De imediato me levam para um outro cubículo e é lá que vejo o companheiro Mário. Essa imagem jamais vai sair de minha mente. Vivo, boca entreaberta, de cueca, olhando para o teto, parece que se prepara para enfrentar os momentos finais de sua vida. Pelo volume de torturas a que somos submetidos, não me passa pela cabeça um outro pensamento: "Chegou a nossa hora". Tomo a iniciativa e, de modo afirmativo, digo: "É foda, companheiro!". Ele não responde. Logo depois me levam para uma sala, onde começam os choques elétricos e as porradas.

Cheguei a vê-lo, uma outra vez, sendo levado para um sessão de tortura. De longe, só ouvia os seus gemidos. Fui levado para o pau-de-arara e tome mais choque elétrico e mais porrada. É quando reconheço Fleury (havíamos feito tiro-ao-alvo com o retrato dele nas dunas do Rio Grande do Norte). Olhos verdes, estatura média, à cata de delatores, procura me quebrar psicologicamente, e diz: "Não adianta resistir, o partido acabou. E, entre matar um comunista e matar um rato, eu tenho mais nojo de matar vocês!".

Sou torturado das 22 horas, aproximadamente, até às seis horas do dia seguinte. E assim foi até o quadragésimo sétimo dia em que lá estive. Lá, pude ver companheiros outros que eu nem conhecia, chegando e sendo torturados E cada um que se preparava para sair, para "cobrir um ponto" com os policiais, me partia a alma. É mais gente

que pode cair, e o partido pode definhar, ainda mais. Tentava, desesperadamente, convencê-los a manterem-se firmes. À medida em que os dias se passavam, chegavam mais companheiros e o temor aumentava.

Foi nessas circunstâncias que conheci Biu Vicente. De Bíblia na mão ,tentava encorajar, a seu modo, outros companheiros, dizendo que Cristo também havia passado por sofrimentos iguais àqueles, e ainda maiores. Cagar e mijar no pau-de-arara, para mim, era um divertimento, tamanhas eram as dores provocadas pela falta de circulação do sangue nas pernas. Hoje, ainda não consigo sentir o cheiro do detergente que eles utilizavam para limpar as nossas fezes, que recordo aqueles difíceis momentos.

Com o golpe do Chile, os policiais que nos torturavam, entre eles Fleury, foram requisitados pelos golpistas chilenos para auxiliar os torturadores daquele país, pois existiam muitos brasileiros lá. Ao invés dos nossos sofrimentos serem amainados, a situação piorou ainda mais. Os policiais "tupiniquins" queriam mostrar serviço e tome tortura. Lembro-me de que, um dia, o Fleury, antes de ir embora, chegou na grade da cela e disse: "Quer ir junto com o Galego pra São Paulo?".

Depois desse dia, não ouvi mais os gemidos do Galego. Só vim tomar conhecimento de sua morte quando, já na Secretaria de Segurança Pública, tive o primeiro contato com meus familiares, através do Dr. Jorge Gomes, meu irmão, hoje deputado estadual. O Galego morre nas dependências do DOI-CODI (não se sabe se aqui ou em São Paulo) e a imprensa anuncia que ele foi morto em tiroteio com policiais, que estavam no estrito cumprimento do dever, no Largo de Moema, na cidade de São Paulo.

Não tenho a menor dúvida de que, se a repressão não tivesse ceifado a vida do companheiro Mário, hoje a sua contribuição seria extremamente importante no sentido da solidificação da democracia e das conquistas sociais em nosso país. A classe trabalhadora perdeu um dos seus grandes defensores, um grande aliado. Mário, de fato, amava o seu país e o seu povo.

O companheiro Mário é de uma raridade maior. Tê-lo conhecido, ter com ele lutado para mudar a realidade de um país como o nosso, que passou muitos anos mergulhado no mais profundo obscurantismo e que precisa, hoje, mais do que nunca, encontrar um novo caminho



na busca de soluções para a nossa gente, me envaidece e, também, me torna maior. Seria necessário um número infinito de páginas para falar desse homem que, quando vivo, esteve sempre na luta do povo ao lado dos fracos e oprimidos, fazendo o PCR VIVER E ATUAR.

Como dizia o Galego, venceremos !

# III

# O Camarada Zé



Só viverá o homem novo
não importa quando, um dia
se os que por ele sofremos
fomos capazes de ser
semente e flor desse homem

# O CAMARADA ZÉ

*José Nivaldo Júnior**

Para mim, Manoel Lisboa sempre foi, é e será o "Camarada Zé".

Cabelos longos, porte altivo, olhar messiânico, figura sempre bem- posta, com muita firmeza de gestos e atitudes, sem arrogância. Uma personalidade diferenciada.

Tive o privilégio de conviver com ele nos difíceis anos da luta clandestina contra a ditadura, entre 1971 e 1973. Tivemos um relacionamento peculiar, fora dos padrões rígidos da militância e que, em alguns momentos, permitiam um relaxamento da tensão inevitável imposta pela repressão e pela clandestinidade.

Desse relacionamento guardo a imagem de um ser humano imensamente generoso, de um desprendimento e de uma coragem sem limites, que provou, com seu sacrifício, que é possível praticar qualquer ideal, por mais difícil e exigente que ele seja.

Conheci o "Camarada Zé" no apartamento de Dionary Sarmento e Leonardo Cavalcanti, que na época viviam juntos e eram meus mais queridos amigos entre os colegas da Faculdade de Direito do Recife. O apartamento de Dionary e Leo era um verdadeiro território livre da esquerda. Por lá trafegavam militantes e revolucionários de várias tendências e gerações. Todos recebidos sem discriminação, tendo direito a uma refeição quente, batida e vinho, muito vinho, que a gente comprava aos garrafões e bebia como se fosse água de pote.

Ninguém que passava por lá escapava da polêmica. Leo e eu éramos radicalmente contra a ditadura. Porém, acima de tudo irreverentes, nos dizíamos heraclitianos, armoriais e comunistas anárquicos. Polemizávamos com os companheiros muitas vezes pelo simples prazer de polemizar. No fundo, achávamos irrisórias as divergências entre as tendências, partidos, grupos.

Inspirados no Romance da Pedra do Reino, obra genial de Ariano Suassuna, Leo e eu fundamos o PND (Partido de Nós Dois), esquerdista e armorial. O PND tinha dois vice-presidentes: ele e eu, naturalmente, permanentemente no exercício da presidência. Não tínhamos militância, nem programa e ninguém mandava em ninguém. O PND fazia "alianças táticas" com outras organizações de esquerda na luta contra a ditadura. Foi com esse espírito que tivemos nossa primeira conversa com o "Camarada Zé". Discutimos tanto, de forma tão acalorada, tão radical, que não havia meio termo: ou ficaríamos inimigos ou amigos para sempre. Ficamos amigos. Ligados pela empatia, pela paixão, pela franqueza.

A partir desse primeiro encontro o "Camarada Zé" teve sempre como meta nossa conversão para o PCR, partido que ele fundara com Ricardo Zaratini, Capivara (Amaro Luiz de Carvalho) e Selma Bandeira, entre outros. Nunca admitimos entrar para o PCR. Tivemos uma convivência estreita. Acredito que conquistamos a estima e a confiança. Éramos aliados. Naquilo em que a gente concordava, ia junto. No que discordava, tome discussão.

Basicamente nós tínhamos dois tipos de encontros com Manoel Lisboa. Eventualmente, nos encontrávamos no apartamento de Leo, que ele usava como escala nas suas longas caminhadas pelo Recife. Regularmente, nos víamos nas terças-feiras à noite, quando o PCR cumpria o ritual de tentar nos convencer a aderir ao partido.

As caminhadas, aliás, eram uma marca do PCR. Zé e os demais dirigentes batiam o Recife todo a pé, em verdadeiras maratonas quotidianas. Caminhava-se demais, de um "ponto" (local de encontro) a outro. Os pontos eram devidamente batizados por codinomes. Tudo e todos tinham codinomes na luta clandestina. Eu mesmo era o camarada "Hilário", porque vivia rindo e brincando, ou "Alfinete", provavelmente porque na época era ainda bem mais magro, além de franzino.

Acompanhei o "Camarada Zé" em várias caminhadas pelas ruas, às vezes só para fazer companhia, discutindo questões políticas, trocando informações, conversando miolo de pote (raramente) e arengando (constantemente) porque a arenga amigável foi parte constante da nossa relação. Zé era um sonhador fascinante. Muitas vezes eu ficava "viajando" (para usar uma gíria atual) nos seus sonhos, nas suas crenças, nas suas fantasias.

Nos encontros das terças, o jantar era inevitável, porque outra característica do PCR era a fome. Como se passava fome no diaa-dia dos dirigentes, com o dinheiro sempre curtíssimo e as necessidades inevitavelmente extrapolando as precárias receitas!

Tomávamos chope, cerveja, batida. Até Zé se dava direito a um copo, raramente. Sempre parcimoniosamente, com ar de quem estava cometendo um pequeno pecado. Jantávamos peixe no Rainha do Mar, galeto na Palhoça do Melo ou macarronada no Belina. O "Camarada Gomes", Valmir Costa, encarregado do movimento estudantil do PCR, era figura quase obrigatória. Zé aparecia de vez em quando. Raramente algum outro companheiro.

Apesar de severo e monástico, Zé tinha tiradas inteligentes e bem humoradas. Lembro-me de uma vez em que nos desmontou totalmente. Discutíamos a Carta dos Doze Pontos, o programa do PCR, onde se pregava a teoria maoista do cerco da cidade pelo campo. Diante dos nossos argumentos debochados, Zé reagiu indignado: "O que vocês querem, companheiros? O cerco do campo pela cidade?".

Tinha implicância com o anarquismo. Uma vez que me proclamei meio anarquista, ele retrucou: "Você não é anarquista coisa nenhuma, companheiro. Os anarquistas são assim: se você quer fazer uma panfletagem, eles dizem que topam, mas só vão se for num carro da polícia expropriado numa ação armada. Aí a panfletagem não sai nunca".

Outros momentos de convivência minha com Manoel foram durante as viagens que às vezes fazíamos juntos. Na época, eu tinha um carro grande, vistoso, bonito. Vivendo na clandestinidade, na mira da repressão, Zé considerava mais seguro viajar no meu Opala. Fizemos algumas viagens curtas, para João Pessoa ou para a Zona da Mata, a zona canavieira, onde ele sonhava instalar sua guerrilha redentora.

Assim, fiquei conhecendo algumas coisas do partido às quais normalmente não teria acesso. Avistei Zé conversando com Manoel Aleixo, o companheiro "Ventania", brutalmente morto na mesma época dele. Vi e fui visto por pessoas que me conheciam das atividades legais da militância estudantil ou de ações clandestinas de panfletagem, pichação, comício em porta de fábrica, que o PND



realizava "em conjunto" com o PCR. Numa dessas viagens, discutíamos a chegada do socialismo, Zé, eu e outro companheiro. Eu argumentava que o socialismo no Brasil era um sonho distante. Zé, então, contou a seguinte fábula, que nunca esqueci e já citei muitas vezes. Ele disse:

"Imagine, companheiro, os trabalhadores na construção de uma pirâmide, lá no Egito. Tinha um socialista que tentava ganhar companheiros para o partido. Aí, dizia: 'Companheiro, vem aí o escravismo, logo depois vem o feudalismo, depois o mercantilismo, aí, depois, vem o capitalismo, e, aí, vem o socialismo'. Realmente, na época das pirâmides o socialismo estava distante. Mas hoje, companheiro, já passou o escravismo, passou o feudalismo, passou o mercantilismo, chegou o capitalismo, o socialismo já existe em 1/3 do mundo e você tá achando longe, companheiro?".

Zé tinha muitas dessas tiradas. Era fácil de comunicação. Usava muito suas próprias experiências como referência na conversa.

Amizade estranha, a que nos ligava. Própria das circunstâncias que nos uniam. Só vim a saber seu verdadeiro nome depois da sua prisão. Também não sabia de Selma, sua mulher, nem a conhecia pessoalmente. Penei um bocado no DOI-CODI para falar da companheira INA e de outros codinomes dela. Tortura inútil. Eu nada sabia.

Só conheci Selma anos depois, após sua saída da prisão. Fui conhecê-la na casa de parentes, em Dois Irmãos. Era um sábado à noite. Saímos para Olinda, fizemos uma farra memorável, um grupo maravilhoso, uma noite inesquecível. Depois disso, tivemos encontros esporádicos, casuais. Em 1996, trabalhei como marqueteiro na campanha do PMDB de Alagoas. Ela estava casada, era deputada estadual, candidata a federal, nosso encontro foi uma festa. Nessa campanha, Selma morreu em trágico acidente de automóvel e Collor foi eleito governador.

Voltando no tempo: casei em fevereiro de 1973, fui morar num apartamento quarto e sala na Madalena, bairro de classe média do Recife. Zé esteve lá algumas poucas vezes, para uma conversa, um lanche, coisa assim. Uma madrugada, ele bateu na minha porta. Me chamou para a rua. ("A companheira não pode ouvir ..."). Estava com

outro dirigente do PCR.

Explicou o caso: estava em curso uma ação militar do partido. Ousada. Perigosíssima. Acontecera um acidente de trânsito. Um companheiro estava ferido. Outros estavam na rua, em pleno curso da ação. Corriam perigo. Eles tinham um carro mas faltava quem dirigisse. Deixou-me à vontade para decidir. Não hesitei. Fui. Foi assim que acabei respondendo a processo "barra pesada" na Lei de Segurança Nacional. Se o tempo pudesse voltar, nas mesmas circunstâncias faria tudo outra vez.

Nosso último encontro ocorreu poucos dias antes da sua prisão, em agosto de 1973. Jantamos na Alvorada Churrascaria, no bairro do Derby. Zé, eu e minha mulher, Fátima. O PCR estava sob violento cerco. Nessa conversa, Zé estava tenso, mas defendia apaixonadamente a tese de que o verdadeiro revolucionário não abre diante da tortura. Confiava cegamente nos companheiros. Referia-se a um deles, especificamente, com uma expressão diferente, que nunca esqueci: "É um menino, é um menino. Não abre nada".

Eu, naturalmente, argumentava em sentido contrário. Pedia que não confiasse em nada que outros conhecessem e pudessem delatar sob tortura. Pedi que tomasse cuidado, não cobrisse pontos (ir a encontros) na dúvida sobre se o companheiro estava ou não preso. Nos despedimos sob forte emoção. Soube da sua prisão através de Gomes. A tensão era insuportável. Marquei um encontro com Gomes para a próxima semana, cheio de cuidados, sem direito a atraso ou falha. Quem faltasse estaria preso. Estudante, eu trabalhava e dava aula. Tomei alguns cuidados, levei minha mulher para a casa da família dela, passei a dormir no apartamento de Marcos, meu cunhado. Tomei outras pequenas precauções.

Depois de alguns dias, acabei indo ao meu apartamento, uma tarde, terminar uma apostila com Biu Vicente, professor de cursinho como eu. Pouco tempo depois, o DOI-CODI chegou. Biu, coitado, foi preso sem saber de nada que estava ocorrendo. Da esquerda católica, ligado a Dom Hélder, acabou comendo o pão que o diabo amassou no DOI-CODI.

Pelas perguntas que os inquisidores foram fazendo, ainda no percurso para o DOI, ficou claro que já sabiam muito sobre minha



participação com o PCR. Com o passar das horas: sabiam quase tudo. O que eles queriam naquele momento também foi ficando claro: o encontro com Gomes, um elo com o que restava da direção do PCR. Eles tinham certeza do encontro. Só não sabiam quando nem onde.

Fui preso numa terça-feira, 29 de agosto, depois do almoço. O encontro com Gomes era na quinta à noite. Me determinei a não entregar. Depois disso, eu já não poderia fazer nenhum estrago na estrutura do PCR. Tive muita sorte. Montei com detalhes um encontro fictício no sábado. Acreditaram. Armaram um esquema gigantesco na rua para capturar Gomes. Fui pensando que na volta seria massacrado. A reação foi bem mais branda. O que ocorreu daí para a frente, é outra longa história. Gomes e Selma, junto com outros companheiros, seriam presos anos depois.

Até hoje não tenho certeza de que tenha visto Zé preso. Vislumbrei de relance um prisioneiro sendo arrastado. Podia ser ele, ou não. Também não testemunhei nem conheço detalhes sobre as mortes de outros três companheiros do mesmo processo.

Julgar o comportamento de pessoas torturadas é desumano. Não me arvoro de juiz nem de mim, nem de ninguém. Aprendi que a realidade é mais complexa do que um documento ou uma avaliação que pelas aparências pode revelar. Do que vi e percebi, posso afirmar com convicção: Juares José Gomes, que está vivo, e Manoel Lisboa de Moura, que foi assassinado, tiveram comportamento verdadeiramente heróico na prisão. Não condeno ninguém, mas tenho que exaltar esses dois. Eles foram extraordinários.

Posso afirmar com profunda convicção: nada, absolutamente nada, a meu respeito, chegou ao conhecimento da repressão através do "Camarada Zé". Sei, com certeza absoluta, pelos detalhes, pelos enfoques, pelas abordagens. Aprendi a duras penas que em interrogatórios como os a que fui submetido as perguntas continham mais respostas que indagações.

O "Camarada Zé" foi além de todos os limites. Passou por todos os sofrimentos físicos e psicológicos, possíveis e imagináveis. Assistiu por dias e dias a sua própria agonia. Se viu e sentiu morrer lentamente. Superou tudo. Derrotou tudo. A tortura, a dor, o medo, a própria morte. Venceu a natureza e o instinto de sobrevivência. Ninguém, nunca, em

tempo algum, poderá afirmar os valores maiores da condição humana além do que fez o "Camarada Zé".

Lembramos sempre dele. Com saudade, com tristeza, com alegria, com emoção. Às vezes, choro escondido uma lágrima solitária, por sua memória. E em alguma madrugada, tenho vontade de sair pelas ruas, pichando em sua homenagem seu slogan favorito:

"PCR vive e luta".

(José Nivaldo é publicitário e professor de História da UFPE)



# LEMBRANÇAS DE MANOEL LISBOA

*Prof. Rinaldo Cardoso Ferreira*

## Lembranças (1)

Setembro, 1973, Aeroporto dos Guararapes, primeiras horas da noite. Eu, Neda e Cervantes ali chegamos para comprar um presente. Enquanto Neda fazia a escolha, saímos à procura de jornais. Após a compra, ela vai ao nosso encontro e nos surpreende mudos, estáticos. Uma expressão de profundo sofrimento estampada nos rostos:

O que aconteceu?

Mataram Manoel Lisboa!

Caminhamos para o carro. Profundo silêncio. Lágrimas. Doloroso caminho de volta para casa. Nenhum comentário; sem lamentos. Morreu Manoel Lisboa, em São Paulo. Tinha reagido à prisão, contavam os jornais, em poucas linhas. Na última página, a versão falsa, mentirosa, de como tinha morrido... No automóvel, as lembranças. Nove anos de fraterna convivência! Ele estava morto; nós sabíamos como havia acontecido!

"A minha morte vai ser rápida; não me torturam por muitos dias. A cada pergunta de um torturador, responderei com um insulto. Cuspirei na cara deles. Eles não têm controle emocional. Me agredirão de forma tão violenta que eu perco logo os sentidos. Desmaiado, não digo nada!".

E foi o que aconteceu. Não conseguiram quebrar-lhe o silêncio, arrancar-lhe confissões. Foi tudo muito rápido. Entre a sua última ida a nossa casa e a notícia não haviam transcorrido duas semanas.

As lembranças permaneciam. Nove anos atrás, 1964, esperávamos, em nossa casa, trazido de Alagoas, um estudante.

Caçado pela ditadura, ameaçado de morte, um perigoso agitador. Na nossa figuração ideal, um "puta de um guerrilheiro". Surpresa! Um rapazinho magro, aspecto ingênuo, cabelos louros, a quem dariam mais tarde a alcunha de "Galego": uma criança!

Pouco tempo esteve conosco. Familiares e amigos aconselharam-no a entregar-se. Cede. Na prisão, ideais se solidificam, amadurecem. O "menino", quando se liberta, é um "homem". Traz vestígios da tortura: reafirma sua determinação de luta. Antes, sentimentos quase adolescentes, confundidos com indignação contra o regime autoritário que se abatera sobre o país. Após o cárcere, pensamento solidificado, idéias próprias, seguras. Ali estava um verdadeiro comunista, um revolucionário. Queria viver em liberdade, conquistá-la para seu país, para o seu povo. Nada e ninguém o desviariam mais do caminho traçado pela sua consciência. Continuar a luta foi o seu projeto. No silêncio de sua morte, nos confrontavam exemplos, desafio, herança. Continuar lutando é o modo de ser fiel à sua memória. À certeza semeada.

**Lembranças (2)**

Novembro, 1969, noite. Manoel chega em nossa casa, com o objetivo de realizar contatos em Alagoas. Na clandestinidade, já há algum tempo, não poderia viajar de ônibus. Teríamos de transportá-lo: sair imediatamente, voltar na mesma noite. Neda nos acompanharia, dando um caráter familiar à viagem. Fácil. Maceió estava ali perto, era só começar a viajar! Partimos, pelas nove horas, Neda na frente, comigo; Manoel atrás, calado, como de costume, comportamento adotado para proteção mútua.

Na saída do Recife, patrulha rodoviária. Identifico-me. Vistoria no automóvel; de rotina. Momentos de aflição, adrenalina a mil; coração bate mais forte. Manoel permanece no carro, sentado, feições inalteradas. Tranqüilidade, mesmo sob a luz da lanterna dos patrulheiros. Há muito realizava treinos de expressão facial; o controle de qualquer situação dependia sobretudo das reações exteriorizadas, afirmava. No toca-fitas do carro coloca uma fita de choro; as notas do Lamento invadem o espaço, Jacó do Bandolim exibe toda a sua virtuosidade. Vinte minutos. Espera angustiante. Liberados, voltamos



ao aconchego da noturna escuridão.

Maceió, muitas voltas, uma rua, casas conjugadas, porta-e-janela. Vila operária. Manoel, na calçada. Bate numa porta. É logo atendido. No escuro, vulto de homem, envolvido num cobertor. Entra e a porta se fecha. O silêncio das moradias não se altera. De volta, ninguém nas ruas. No caminho, um restaurante. Café, para afugentar o sono, e o papo em todo o trajeto de volta. Ao amanhecer, o Recife. Tempo para um banho. Ida para o trabalho, como se nada houvesse acontecido, a não ser dormir a noite toda.

(Rinaldo Cardoso Ferreira, Professor Universitário)

# ZÉ, TÁ BOM?

Leonardo Cavalcanti

A vida tem suas razões, seus caprichos cruzam destinos.

Três sujeitos, vejam vocês: um, no Rio de Janeiro, outro, no Rio Grande do Norte, o terceiro, em Alagoas, foram por ele caprichosamente entrelaçados. Entre eles, de afinidade, nada existia, e é possível que jamais houvesse existido. Entretanto, aconteceu.

Primeiro, Jaime Ariston, de ilustre família potiguar e mãe viúva, enturmara-se com rapazes da pesada em Copacabana, onde morava, metera-se em uma dezena de encrencas, fora preso, recolhido a delegacias, fichado. Decidiram seus familiares deportá-lo para Natal, onde, quem sabe, tomaria prumo, ficaria longe das rusgas com a polícia, retomaria os estudos, tornar-se-ia um homem de bem.

De fato, Jaime veio disposto a se regenerar. Prestou vestibular para a Faculdade de Sociologia, foi aprovado, mas não encerrou seus confrontos com a polícia ou, mais do que isso, trombou com o regime dos generais. Em 1968, Jaime, corpulento, feio e eloqüente, tornou-se enorme condutor e mobilizador da estudantada exaltada, nas ruas. Da gangue de Copacabana passara a militante do Partido Comunista Revolucionário, meu hoje saudoso PCR. Não conheci Jaime Ariston a essa época, não participei das manifestações estudantis nas ruas. Estava constrangidamente servindo ao exército. Ouvia, porém, falar de Ariston.

Fim do serviço militar. Vestibular exitoso. Faculdade de Direito, em Natal. Aí, conheci um sujeito matuto, com cara de insignificância e de nome François Silvestre de Alencar. Valente combatente do PCR. Pelas mãos dele cheguei à cara feia e à eloqüente simpatia de Jaime Ariston.

Pelas razões e caprichos que a vida tem e nos faz a todos submeter, vim-me para o Recife no ano de 1970, acasalado com Dionary Sarmento, amiga de Luíza (também ela ligada ao PCR), que era irmã de Fátima, bela e exuberante mulher com quem, anos depois,



se casaria Ariston.

Tempo invernoso. Dia chuvoso, naqueles idos em que ocorriam inundações no Recife. Jaime Ariston nos bate à porta do modesto e tosco apartamento em que morávamos, Dionary e eu, três crianças do primeiro casamento dela, um moleque que se dizia chamar França e aquela que veio a se chamar Martha Alexandra, no ventre da mãe. Viera em missão política, clandestina, fazer contato com certo "tampa", dirigente do PCR, com o qual eu nada tinha a ver (apenas lera eu alguns canhestros documentos do tal partido).

Cidade alagada. Relâmpagos e trovões. Mesmo assim, fui levá-lo ao encontro. Era importante para a grande revolução política e social. Ficou lá. Não sei onde dormiu. Sei, porém, que, na volta, mergulhei meu fusquinha 63 numa lagoa que o danificou pelo resto da vida. Valia a pena, todavia era historicamente necessário, não contingente.

Belo dia, apareceu um sujeito em nossa casa, nosso modesto e tosco apartamento. Apresentou-se como gente de Ariston. Tínhamos, pregado à parede, um pôster de Fidel Castro. O visitante olhou-o e fez um ar de riso franzino, pífio, como o de quem se alegra de verdade, sem espalhafato. Gostei do risinho e do dono dele. De cara. Começara a dizer a que vinha, quando o interrompi.

Como devo chamá-lo, companheiro?

Como preferir, respondeu.

Então vai Zé, tá bom? foi o que na hora me ocorreu.

Tá.

Nesse momento nasceu Zé.

Alguns meses mais tarde, no apartamento da advogada Mércia Albuquerque, então patrona de vários presos políticos, folheando eu casualmente os autos de certo processo, lá estavam os codinomes Celso e Galego, reiteradamente mencionados. Era Zé, não havia dúvida. Convenci-me disso por exclusão. Fundadores do PCR, Amaro Luiz de Carvalho, o Capivara, estava preso, Ricardo Zarattini Filho

bandeara-se para a guerrilha urbana e retornara a seu Sudeste de origem. Restavam, pois, tão-somente Celso ou Galego meu Zé. Seu nome verdadeiro: Manoel Lisboa de Moura, alagoano.

Penso, jamais soube ele que eu conhecia sua real identidade. Era o Zé, alucinado pelo risco e pelo heroísmo; desses sujeitos talhados para a obstinada valentia, para o despojamento. Se Zé teve fracassos na vida, um deles, por certo, consistiu em não lograr convencer Zé Nivaldo Júnior, que lhe chegou por obra e graças minhas, e a mim próprio, a aceitar a Carta dos Doze Pontos, documento sagrado do partido, sem a adesão ao qual era impossível a alguém ser ungido militante.

Empacamos em dois dos tais doze pontos: as teses "Do Cerco da Cidade pelo Campo", de inocultada inspiração maoísta, e "Do Nordeste como Região Fundamental da Revolução Brasileira", imposta pelas limitações concretas do partido, que somente era estruturado no Nordeste. Danou-se tudo aí, por isso que jamais fomos efetivos militantes da organização, conquanto algumas vezes tenhamos opinado em decisões de cúpula.

Zé era um sujeito engraçado. Certa vez, porque manifestasse eu simpatias pelo imediato confronto armado com o Estado, em meio àquelas exaustivas discussões sobre os Doze Pontos, trouxe-me para leitura dois alentados documentos. Um, elaborado pela Vanguarda Popular Revolucionária, do capitão Carlos Lamarca; outro, pela Ação Libertadora Nacional, do Carlos outro, o Marighela.

São seus, companheiro disse ele. Decida-se e tome seu rumo, mesmo que equivocado.

Não tomei o rumo equivocado, nem nunca aceitei os tais dois pontos objeto de nossas intermináveis discussões. Era um andarilho, também. Era capaz de caminhar de Camaragibe, após uma reunião, até a Leopoldo Lins, no Espinheiro, cá no Recife, onde eu passara a morar. Questionei-o eu, em determinada ocasião, sobre isso que eu, preguiçoso, enxergava como uma maluquice.

Ora, companheiro disse-me, caminhar é mais seguro do que tomar um ônibus. Ademais, o preço de uma passagem faz falta à organização, que tem de pagar o aluguel da moradia de alguns



companheiros clandestinos, que tem de manter a gráfica do partido, comprar papel e tinta para o mimeógrafo. Compreendeu?

Compreendi, é claro, porque Zé era capaz de me fazer compreender tudo, ressalvados os tais dois pontos com os quais encrenquei.

Morávamos Dionary, eu e as crianças (a esse tempo também meu cunhado Natanael), num acanhado apartamento térreo. Não era raro nem estranho que Zé, após uma de suas andanças olímpicas, nos chegasse a casa, de madrugada, e batesse à janela de nosso quarto de casal. Estava faminto e exausto. Levantávamo-nos. Dionary lhe preparava o rango, enquanto conversávamos sobre as últimas peripécias dos Tupamaros ou de Arafat. Quando saía, era freqüente, já o dia novo estava chegando e tínhamos, Dionary e eu, que nos pôr de pronto para ir trabalhar, levar a menina mais nova para a escola. Era assim.

Zé, mais que valente, era feroz. Por mais de uma vez sentenciou:

Companheiro, o verdadeiro revolucionário, se acaso preso, só declina o nome. Não fala mais nada. É um prisioneiro de guerra.

Na sua ferocidade, muito se expunha Zé.

Certa feita, participei com ele e outros companheiros de uma panfletagem em Dois Carneiros. Eu dirigia o carro. Estacionei, e os outros subiram as escarpas do alto, na madrugada, escorregando na terra argilosa, os cachorros latindo nos terreiros, eu, lá embaixo, sozinho, nervoso, angustiado, um cigarro após o outro. Retornaram com o sol nascente.

Ponderei, noutra ocasião:

Companheiro, como dirigente mais importante do partido, você deve se preservar. Não pode ir a ponto (encontro) com qualquer um. Não deve participar de tarefas arriscadas, que qualquer outro companheiro possa realizar a contento.

Inútil argumentar. Zé fazia questão de ser um igual. Para ele não existia hierarquia nos riscos. Aí, perdeu-se ele.

Operária recentemente recrutada pelo partido, aquela companheira residia com a irmã e o cunhado, agente da polícia civil.

Alguns documentos lhe haviam sido passados por outro companheiro da organização. Panfletos, exemplares do jornal A Luta, provavelmente a legendária Carta dos Doze Pontos. O cunhado agente achou-os e comunicou o fato aos superiores. Nada melhor para a repressão. Passaram a acompanhá-la de perto, e assim foram ter ao teimoso, imprudente, valente Zé que, com ela, desnecessária, temerariamente, marcara um ponto. Foi seu ponto final.

Preso, no local e no momento, Zé era tão consciente de seu destino atroz que, dizem, perdeu os sentidos, desmaiou, desapareceu do mundo, tentou fugir à sua sorte.

Última vez que encontrei Zé foi num barzinho chamado O Recanto da Ilha. José Nivaldo Júnior estava conosco. Comuniquei-lhe da minha intenção de me filiar ao MDB, no que pesassem meus laços com o PCR. Desaprovou-me:

Companheiro, o MDB é um partido, se é que é um partido, da burguesia. É o biombo da ditadura. É a fachada democrática que a legitima.

Contra-argumentei:

Companheiro, veja só. Estou no último ano do curso de Direito. Depois disso, estarei fora do movimento estudantil. O MDB vai ser meu novo espaço de atuação, sem me afastar do PCR, é claro. Se não for assim, não vou ter onde desenvolver minha atividade política, vou ficar perdido. Não sou operário nem camponês. Nivaldo encampou minha opinião. Zé ficou reticente por alguns segundos. Depois retomou a palavra:

Pois vá, companheiro. Se não se corromper, se decepcionará.

Manoel Lisboa de Moura, Zé, foi apanhado pela repressão, desmaiou, tentando num último esforço escapar à sua sina de herói trágico. Ironicamente, provavelmente no momento em que era ele supliciado pelos monstros dos porões da ditadura, reunia-me eu, no apartamento de José Arnaldo Amaral, em Boa Viagem, com alguns líderes estudantis da Faculdade de Direito – Roberto Franca Filho, Sérgio Longman, Pedro Eurico de Barros e Silva – tentando convencê-los a abraçar a minha tese: filiar-se ao MDB. Todos foram a ela refratários. Entendiam e argumentavam como Zé entendia e argumentava. Entretanto, como a vida tem suas razões e seus caprichos, todos eles acabaram por fazer carreira política, disputaram mandatos e os exerceram, menos José Nivaldo e eu.

Preso, Manoel Lisboa de Moura cumpriu rigorosamente sua sentença: apenas declinou o próprio nome: MANOEL LISBOA DE MOURA. Foi barbaramente torturado, massacrado, assassinado.

De todas as razões que Zé teve, uma me ficou gravada em particular e especialmente: o MDB era uma farsa; a militância político-partidária, no Estado burguês, é um embuste. Quase três décadas após tudo quanto aqui vai narrado, continuo um revolucionário, embora sem valentia, sem bravura, sem heroísmo. A respeito de Manoel Lisboa de Moura, com carinho e reverência, somente me resta dizer: que a História o mantenha vivo.

(Leonardo Cavalcanti é advogado no Recife)

IV

# Símbolo de uma geração



**Nosso orgulho pela tua coragem, tua**
**bravura, teu espírito de luta,**
**Tua dignidade, teu heroísmo**
**Soubesse construir faróis para iluminar a**
**escuridão**
**Fostes luz no túnel**
**Teu sangue será adubo**
**Tua alma já é semente**
**No fulgor da aurora**
**De um novo tempo,**
**Tu brilharás.**
**Certeza tenho**

# SÍMBOLO DE UMA GERAÇÃO

*Ronaldo Lessa*

Ainda jovem e intensificando minha participação política pelo movimento estudantil, conheci Manoel Lisboa. Sua dedicação à causa da democracia e do socialismo o transformou em referência importante entre os quadros dirigentes do PCR, uma organização partidária que atuava, naqueles duros anos da ditadura, de forma clandestina. Mesmo não sendo longa, a minha convivência com ele foi suficiente para identificá-lo como um companheiro detentor de um profundo espírito de solidariedade.

Aprendi, portanto, a admirá-lo pela presença forte de sua personalidade. Ao contrário do que era retratado pela versão oficial do autoritarismo, segundo a qual os ativistas de esquerda e os militantes de organizações que lutavam pelo restabelecimento das liberdades democráticas não passavam de "elementos frios e ilhados do mundo", Manoel Lisboa caracterizava muito bem a visão oposta. Nunca perdeu os atributos que devem nortear as relações entre os homens, através da palavra amiga, do carinho, do respeito e da consideração.

Pelas perseguições do sistema, os contatos entre os militantes eram feitos sob clima de apreensão, inclusive com utilização de senhas. Mesmo nessas adversidades, Manoel Lisboa sempre encontrava espaço de tempo para perguntar sobre a família e como estava transcorrendo a vida do companheiro. Essa figura humana possuía o lado da bravura, do heroísmo e da coragem, bem típico daquele homem que, como dizia Ernest Hemingway, só possui medo de ter medo.

Preso e sofrendo na pele as piores atrocidades já produzidas pelo ódio dos ditadores de plantão, Manoel Lisboa não se dobrou. A crueldade da tortura o conduziu à morte. A partir de 1973, a legião de democratas e a causa da libertação nacional ficaram órfãs e empobrecidas pela ausência de um de seus mais apaixonados militantes.

Hoje, muitos integrantes daquela geração que já entrou para a história desse país ocupam espaços em nossas mentes e no coração,



pela saudade. Em trincheiras diferentes, determinadas pelas condições objetivas da realidade, prosseguimos desenvolvendo ações em defesa da cidadania, da construção de uma sociedade justa, onde prevaleçam o respeito aos direitos humanos, a justiça e a paz.

Em homenagem a esse passado e sem perder a referência histórica de nossa luta, Manoel Lisboa de Moura já é nome da Fundação Cultural de Maceió. Pretende-se, assim, desenvolver atividades que contribuam para difusão de conhecimentos do interesse da coletividade e, ao mesmo tempo, oferecer às novas gerações oportunidades para robustecer a luta dignificante em defesa do humanismo, pois Manoel Lisboa era, sobretudo, um humanista.

(Ronaldo Lessa, governador de Alagoas - PSB)

## 10 ANOS SEM MANOEL LISBOA

Selma Bandeira

"Muito perdi, mas amo o que sobrou.
Alguma dor, pungindo cristalina,
Alguma estrela, um resto de campina.
Com o que sobrou, avanço, devagar.
Se avançar é saber, lâmina ardendo
Na flor do cerebelo, por que foi
que a alegria, a alegria começando
a se abrir, de repente teve fim?
Mas que avançar no chão ferido
Seja também saber o que fazer de mim?"

**Thiago de Melo**

Setembro de 1973.

Triste tempo de escuridão.
No Brasil, no Chile, em outros torrões transformaram em blasfêmias o canto da primavera.
Os melhores filhos do povo se entregavam, de corpo e alma, à luta pela libertação. E eram perseguidos, presos, torturados, assassinados.
Quanta dor! Quanta inversão de valor! O do obscurantismo derramou sangue idealista da nossa juventude, enlameou a terra, esmagou flores que a natureza gerou, criaturas da nova aurora.

Setembro de 1973.



Dez anos: a atrocidade, o arbítrio, a ganância, a selvageria dos poderosos que jogaram em trevas a nossa pátria, não conseguiram apagar da memória do nosso povo, dos companheiros, da família, a lembrança e o exemplo daquele que luta pelo ideais mais nobres, dedicou sua vida em holocausto à LIBERDADE: Manoel Lisboa de Moura.

Neste mês de setembro de 1983, completam-se 10 anos do trucidamento do alagoano Manoel Lisboa de Moura nos porões da ditadura. Vítima das torturas mais selvagens, Lisboa entregou sua vida aos ideais da emancipação política, social e econômica do povo brasileiro decorrentes de sua profunda convicção socialista. Ao lado de outros alagoanos que perderam suas vidas nas mesmas circunstâncias como Odijas de Carvalho, Jaime Miranda, Dalmo Lins, Gastone Beltrão o nome de Manoel Lisboa de Moura ficará para sempre gravado na memória histórica das lutas do povo alagoano e brasileiro.

### QUEM FOI MANOEL ?

Nascido a 21 de fevereiro de1944 em Maceió, na Rua do Pará, no Farol, Manoel Lisboa de Moura desde os seus tempos de escola demonstrou um interesse particular pelos problemas sociais, graças ao seu espírito profundamente indagador da realidade circundante. E foi exatamente essa preocupação que o levou, ainda bastante jovem, a participar ativamente do movimento estudantil alagoano, ao qual prestou uma inestimável contribuição.

Do ponto de vista político, Manoel Lisboa, como tantos outros seus contemporâneos, engajou-se nas lutas sociais a partir do movimento secundarista que havia no antigo colégio Liceu Alagoano, posteriormente transformado em Colégio Estadual de Alagoas. Naquela época, graças ao ambiente democrático relativamente desenvolvido no país, os estudantes tinham grande participação no processo político, oferecendo não poucas contribuições ao grande debate que então se travava em torno dos problemas nacionais.

No Colégio Estadual de Alagoas, Manoel Lisboa de Moura fez parte, ativamente, do Conselho Estudantil, cujos membros detinham uma verdadeira liderança no conjunto do movimento secundarista alagoano. Graças às atividades do Conselho, muitas conquistas foram obtidas

Na ocasião era editor do jornal A Luta, de circulação clandestina, cuja orientação e objetivo principal eram o combate ao regime de ditadura instaurado no país, a luta pelas liberdades democráticas e a construção de uma pátria livre nas condições de uma sociedade justa.

No dia 15 de agosto, foi preso na Praça Ian Fleming, no bairro recifense da Jaqueira, quando mantinha contato com uma operária da fábrica da Torre, pelo DOI-CODI do IV Exército. Imediatamente após a sua prisão, foi submetido a violentíssimas torturas, mas em razão do seu caráter extremamente forte, da firmeza profunda de suas convicções e de sua enorme força interior, de vontade e de coragem política, não forneceu a seus carrascos quaisquer informações sobre seus companheiros de partido ou sobre qualquer de suas atividades políticas.

Em conseqüência, cresceu o nível de barbaridades cometidas pelos torturadores, que usavam as execráveis técnicas do pau-de-arara, choques elétricos e outras versões perversas das mentes podres dos carrascos de todos os tempos, deixando Manoel Lisboa em lastimável estado físico, com todo o corpo marcado por queimaduras e paralítico, sem condições sequer de realizar os mínimos movimentos ou de ingerir alimentos. Ao final destes sofrimentos indescritíveis, Manoel Lisboa de Moura, alagoano de Maceió, jovem cheio de sonhos e esperanças, foi vilmente assassinado pelos instrumentos sanguinários da ditadura fascista.

Manoel Lisboa de Moura e tantos outros que já citamos como Odijas de Carvalho, Jaime Miranda, Gastone Beltrão, Manoel Fiel Filho, que era alagoano, Carlos Danielli, que eu pessoalmente conheci e que era companheiro de Lisboa sem dúvida alguma são exemplos que marcarão a história de heroísmo do povo de Alagoas e do povo brasileiro. São homens que jamais serão esquecidos. Não importam os métodos, os instrumentos de barbárie que usaram contra eles, sua lembrança estará sempre na memória do povo, seu exemplo, sua tradição de vida e luta.

Não temos dúvidas de que as lembranças que ficam nas cabeças dos entes queridos são as lembranças marcadas na história da contribuição efetiva que esses homens e mulheres deram para a construção de liberdade, de um caminho de libertação para nosso povo, para uma construção de uma sociedade justa. Não temos dúvida



de que, hoje, se estamos aqui, falando abertamente, graças a um processo de conquista democrática, devemos essas conquistas democráticas ao sangue derramado por homens como Manoel Lisboa de Moura.

Eu gostaria de fazer um registro de alguns nomes, que à época em que Manoel Lisboa foi preso, exatamente setembro de 1973, dez anos atrás, também eram presos, nesse mesmo período, aqui em Alagoas: o hoje deputado Ronaldo Lessa; o hoje presidente do Sindicato dos Jornalistas, Denis Agra; engenheiro Breno Agra; Fernando José de Barros Costa, hoje, vereador da Câmara Municipal de Maceió, Jeferson Luiz de Barros Costa ex-presidente do DCE, na época; Denisson Cerqueira Menezes, Flávio Lima da Silva, Hélia Mendes, Luiz Nogueira, Paulo Nilton, José Mário, Norton de Morais Sarmento, Vera Costa, Lauro Mendes Filho, Maria das Graças Bandeira Mendes, e Sônia Maria Mendes Bandeira os três últimos meus irmãos.

É importante que nos lembremos também, nesta tarde, dos nomes dos companheiros que com ele foram assassinados: Amaro Luiz de Carvalho, líder camponês pernambucano, que há longos anos participava da luta histórica dos camponeses de Pernambuco, a partir das Ligas Camponesas; Emanuel Bezerra , líder estudantil de Natal; e Manoel Aleixo, também líder camponês de Pernambuco. É importante que também hoje nos lembremos de companheiros nossos, amigos nossos, pessoas do nosso convívio, alguns torturados barbaramente também, fisicamente, pelo aviltamento dos métodos horrendos que só de mentes insanas poderia realmente sair alguma forma de tratar alguém que seja ser humano, de tratar um ser vivo como foram os usados pelos carrascos da ditadura gerados pelo golpe de 1964.

Na história da contribuição efetiva que esses homens e mulheres deram para a construção de liberdade, de um caminho de libertação para nosso povo, para uma construção de uma sociedade justa.

E queremos fazer referências aqui, também, a Valmir Costa, que foi companheiro de longas datas, de longos anos, da história da vida de luta de Manoel Lisboa de Moura e que muitos de nós conhecemos. Valmir Costa que sofreu tamanhos traumas sejam físicos, sejam psicológicos pela repressão de longos anos, pela impossibilidade de desenvolver sua luta legalmente, condicionado como Manoel Lisboa de Moura a viver na clandestinidade durante longos anos, sofrendo todo tipo de estresse pela morte imediata que poderia vir a sofrer a

cada passo que dava, dentro do Recife, perseguido que era.

Então, são essas marcas, esses traumas violentos que ficam no corpo e na alma dos heróis da construção da liberdade, que não se podem apagar da memória do povo alagoano e do povo brasileiro. Naqueles dias de terror, muitos dos seus companheiros estavam presos com ele e alguns são, ainda, testemunhas vivas das trágicas ocorrências que tiveram lugar nas masmorras de tortura do DOI-CODI do IV Exército. Como se não bastassem a dor e a morte de Manoel em 4 de setembro de 1973, a imprensa escrita e falada de todo o país, sob o regime de estrita censura e deformações, noticiava a morte de Manoel Lisboa, juntamente com dois de seus companheiros, igualmente assassinados, o líder estudantil de Natal Emanuel Bezerra e o líder camponês pernambucano Manoel Aleixo, em conseqüência, segundo a versão farsesca da repressão, de um tiroteio na Praça de Moema, na cidade de São Paulo.

Além de assassinas, frias e calculistas, as forças repressivas, de forma duplamente covarde, transformaram num hábito pavoroso a prática de verdadeiras encenações de tiroteios com corpos já mutilados e sem vida de centenas de patriotas e democratas. Em razão desses atos, sempre praticados nas masmorras, longe da opinião pública e guardados como segredos de estado por causa de seu caráter ilegal e criminoso e de sua qualificação como crime de genocídio, ninguém até hoje sabe ao certo a data da morte de Manoel Lisboa de Moura.

Mas estamos em setembro de 1983. Ao completarem-se os dez anos da morte deste patriota alagoano, mártir da História do Brasil que dedicou sua vida à causa revolucionária do povo brasileiro pela independência nacional e pela soberania do país, pela liberdade e justiça social, contra a opressão, pela democracia, é oportuno tirarem-se algumas conclusões.

Foi graças ao combate de homens como Manoel Lisboa de Moura que o país pôde avançar no caminho do restabelecimento de algumas de suas franquias democráticas que, jamais, em tempo algum, deveriam ter sido suprimidas. O desenrolar trágico de sua vida caracterizou também as vidas de milhares e milhares de brasileiros que foram obrigados a adotar opções difíceis nos momentos em que o país vivia uma longa noite de repressão e ditadura.

Nem a família de Manoel Lisboa, nem seus amigos, nem o povo



de Alagoas gostaria que se tivesse transformado num mártir. Na realidade, todos queriam que ele estivesse bem vivo, colocando sua inteligência, seu humanismo e toda sua capacidade de luta a serviço da grande luta que travamos hoje para devolver ao país sua legalidade democrática. Infelizmente, as circunstâncias em que se desenvolvem as lutas dos povos nem sempre são as ideais. Manoel Lisboa de Moura pagou com a vida o preço do seu ideal, por ter feito opções que desagradaram e sempre irão desagradar os poderosos, exploradores e opressores.

Mas a luta à qual Manoel Lisboa e o povo brasileiro se dedicaram nos anos de ditadura continua! E continua tendo pela frente uma série de difíceis obstáculos a transpor. Dentre estes, está a necessidade de revogar a chamada Lei de Segurança Nacional, que é uma vergonhosa expressão jurídica de todo aquele estado de ilegalidade oficializada, que permitiu as torturas impunes de centenas de homens e mulheres democratas, patriotas, humanistas revolucionários do quilate de Manoel Lisboa. Esta lei é a expressão mais acabada de todo o clima da ilegalidade repressiva que permitiu a um patriota como Manoel Lisboa ser torturado impunemente, até à morte, num ato de pisoteamento total de todas as formas jurídicas do país.

Para que não se repitam fatos como esse, é necessário que a sociedade saiba ligar as coisas. É preciso que a sociedade recupere sua memória. Aprenda com a história a participar politicamente, para que os restritos círculos do poder econômico ligado ao imperialismo não imponham retrocessos do tipo que acabamos de experimentar durante quase 20 anos.

A morte de Manoel Lisboa não foi em vão. Se vivo fosse, certamente estaria denunciando, desta ou de qualquer outra tribuna, esta Lei de Segurança Nacional que é o símbolo jurídico da ditadura a pairar ainda, como uma Espada de Dâmocles, sobre a cabeça de todos os que aspiram a um Brasil livre, democrático, progressista e justo.

"Só viverá o homem novo,
não importa quando, um dia,
se os que por ele sofremos
formos capazes de ser
semente e flor desse homem."

Manoel Lisboa, o povo alagoano e o povo brasileiro saberão reverenciar eternamente o teu sacrifício que, independentemente da forma concreta de tuas convicções político-ideológicas, era inspirado no ideal comum a todos os patriotas brasileiros de, enfim, ver libertado nosso povo, algum dia que não tardará!

Nosso orgulho pela tua coragem,
tua bravura, teu espírito de luta,
Tua dignidade, teu heroísmo.
Soubeste construir faróis para iluminar a escuridão.
Foste luz no túnel.
Teu sangue será adubo
Tua alma já é semente
No fulgor da aurora
De um novo tempo.
Tu brilharás.
Certeza tenho.
Manoel manual de amor
Justiça - liberdade - paz
Na dor de hoje, na dor de sempre,
Teus companheiros te homenageiam.
Presença viva, na esperança
Cantaremos todos, e a ti
O novo sol.
És o futuro
O amanhã virá !

(Discurso proferido pela sra. Deputada Selma Bandeira,
na Assembléia Legislativa de Alagoas,
no dia 14 de setembro de 1983)



# MANOEL, MEU IRMÃO

Débora Cavalcanti Lisboa

Manoel nasceu numa segunda-feira de carnaval, 21 de fevereiro de 1944, às 21h30.

Foi sempre uma criança dócil, cordata e muito inteligente. Ficou um tempo sem confiar nas pessoas, pois estava no galho de uma mangueira e o jardineiro disse para ele se jogar, que o aparava. Quando ele se jogou, o jardineiro tirou o corpo fora e ele se estatelou no chão, quebrando um dos braços. Acho que tinha cinco ou sete anos, não me recordo.

Sempre foi muito estudioso, porém quando passou do primário para o ginasial deve ter tido alguma dificuldade. Creio que pela variedade de professores. Então, foi reprovado e não disse nada em casa. Quando foi se matricular, no ano seguinte, soube-se que ele estava reprovado. Foi castigado.

A partir daí, tornou-se um aluno brilhante, tanto que não precisou de cursinho, passou direto no vestibular para medicina. Curso que não chegou a terminar por conta dos donos do país e da nação.

Gostava muito de futebol, tanto assim que sua mãe mandou fazer um campinho no quintal para que jogasse com seus colegas.

Vivíamos sempre sob o olhar severo de nossos pais. Não nos era permitido brincar carnaval. Quando muito, um cinema de arte ou épico.

Ele estudava no turno da manhã, no Instituto de Educação. Um belo dia, chegou em casa vermelho que só um camarão e supersuado. Motivo: um seu colega, companheiro de idas e vindas ao colégio, não teve naquele dia dinheiro para a passagem. Em solidariedade ao amigo, subiu, em pleno meio-dia, a ladeira que leva ao bairro do Farol, onde nasceu e sempre morou. E o dinheiro da sua passagem, ele deu ao primeiro pedinte que encontrou. Tinha 12 anos.

Tinha muita força de vontade e muito caráter e era muito disciplinado. Quando doente, tomava os remédios sem reclamar, pois sabia que era para o seu bem, isto desde a mais tenra idade.

A irmã mais velha, já trabalhando, foi transferida para outro

Estado. Em sua primeira carta para ela, pediu para ir de avião Convé (Convair), passar as férias com ela.

Tinha boa voz e era muito harmonioso. Em toda sua vida cantou a canção O Homem de Nazaré.

Aos cinco anos, recitava poesia com ênfase.

Sempre se apiedou dos menos favorecidos. Intrigava-se com diferenças sociais.

Quando já sempre perseguido e foragido, sua irmã mais velha provia-o do necessário. Assim, quando esfarrapado, ela comprava em butiques masculinas roupas decentes para ele. O que fazia? Doava aos companheiros, como chamava os companheiros, e aos mais necessitados que ele, e ficava com as mesmas roupas desbotadas, estragadas, e as sandálias idem.

Tinha facilidades para falar idiomas, sem sotaque.

Quando da fatídica bomba do aeroporto, ele trabalhava na Cerne (Companhia de Eletrificação do Nordeste), no bairro do Recife. Ao sair do trabalho, à tardinha, ia para a aula de alemão.

Quando foi acusado e preso como sendo o responsável pela infeliz bomba do aeroporto, ficou comprovado que, no horário, estava trabalhando e depois estudando.

Certa vez, às duas horas da madrugada, o apartamento da irmã mais velha foi invadido brutalmente por uns seis homens, dizendo-se federais. Cascavilharam tudo para achar não sei o quê. Tanto os livros de inglês e alemão, perguntaram se eram de russo. Disse que era inglês e alemão. Então eles retucaram: "Como um rapaz tão inteligente se mete em comunismo?".

(Débora Cavalcanti Lisboa, irmã de Manoel Lisboa)



## "A maior prova que o marxista-leninista e revolucionário pode dar de internacionalismo proletário é fazer a revolução em seu país"

(Carta dos Doze Pontos)

Lauro Mendes Filho

Dezesseis de agosto de 1973. Rua José de Holanda, 124, bairro da Torre, Recife. Nesse dia, nesse endereço, às 15 horas, Manoel Lisboa despediu-se, com um beijo, de sua companheira Selma Bandeira e saiu para mais um compromisso de sua luta pela resistência à ditadura e fortalecimento do moral dos companheiros do PCR de Alagoas, cuja direção estadual havia caído.

Conduzindo Manoel num fusca bege de placa AG-1503, posteriormente seqüestrado e confiscado pela repressão, nos dirigimos pela Rua Real da Torre em direção à Rua Amélia. Nas proximidades da Ponte da Torre nos despedimos pela última vez. Manoel se dirigiu à Praça Fleming, na Jaqueira, onde teria um encontro com um companheiro de Alagoas.

A lembrança do último encontro só foi superada pela expectativa ilusória de poder reencontrá-lo no dia seguinte na Praça de Casa Forte, à Avenida Dezessete de Agosto, local do meu encontro com sua mãe, na madrugada do dia 17 de agosto. Foram momentos de muita ansiedade; a certeza de que Manoel tinha caído nos porões da ditadura contraditando com a expectativa da possibilidade remota de seu retorno. Nos dias posteriores, a memória passeava pela história, recuperando imagens de um passado não muito distante. Lembrava de como o tinha conhecido.

Ainda garoto, moleque morador da casa 17, concentrava a atenção naquele jovem de feição séria que circulava na Rua da Aurora, em Maceió. Era Manoel Lisboa, 1962, conquistando o amor de minha irmã e a admiração e respeito da família. A diferença de idade não era suficiente para traduzir a distância que nos separava do entendimento do mundo. Tinha eu doze anos e Manoel, dezoito.

Nessa idade, Manoel já pensava grande, constituindo-se, pela

idoneidade do seu caráter e determinação dos seus atos, numa referência para tantos jovens que com ele conviveram e aprenderem a razão da solidariedade universal e do engajamento político. Naquele período, já acompanhando Selma, tive a oportunidade de presenciar, como inocente observador, o início do movimento de resistência de jovens com utopias revolucionárias que acreditavam e fizeram dos ideais libertários a razão de ser de suas próprias vidas.

Eram jovens como Selma Bandeira, Fernando Araújo, Vólia Miranda, Anivaldo Miranda, Kilada Miranda, Elzinha Soares, Maria Luíza, Luiz Walter, Rholine Sonde e Valmir Costa que, junto com Manoel Lisboa, faziam da praça Parque Gonçalves Ledo ponto de referência e ambiente de debate de tantos temas que estimulavam a formação ideológica e revolucionária da juventude maceioense àquela época.

O estudo, conhecimento e incorporação da teoria funcionavam como divisores de águas entre a realidade brasileira e o sonho da construção de uma sociedade justa, igualitária, socialista. Era um sonho, acalentado pela motivação pessoal e coletiva daquele grupo de amigos, de fazer deste país uma pátria livre.

Manoel esteve presente como militante estudantil em todas as trincheiras de luta de sua época. Participou da organização da UESA, foi um dos criadores do Centro Popular de Cultura (CPC), da UNE, onde atuou como ator e diretor de teatro, organizando e dirigindo, entre outros, os trabalhadores da estiva na encenação e debate de peças teatrais que retratavam a dura realidade do trabalhador brasileiro. Essa é uma das lembranças que guardo de Manoel no Sindicato dos Estivadores de Maceió, situado na Praça Dois Leões, em Jaraguá, antigo bairro portuário de Maceió.

Estudante de medicina, filho de família estabelecida, Manoel não hesitou em abdicar de uma vida confortável, com futuro garantido, para ingressar decididamente na construção de uma alternativa revolucionária capaz de fazer frente à ditadura que se instalara no Brasil. Após liderar uma dissidência do PCdoB, Manoel cria, em 1966, com a Carta dos Doze Pontos, com mais alguns companheiros, o Partido Comunista Revolucionário.

Diante da perspectiva de organização de novas frentes de luta e ampliação dos quadros do partido, Manoel se transfere para o Recife, de onde dirige o PCR, estendendo seu raio de ação e concentrando a



luta na organização do campo no Nordeste. Nesse período, 1969, Selma conclui o curso de medicina e também se transfere para o Recife, onde faz residência médica no IMIP.

A ditadura institui o AI-5 e a repressão aumenta. Manoel passa a ser perseguido de modo implacável. Nem mesmo essa perseguição e as duas prisões são capazes de arrefecer seu ânimo. Não sendo mais possível viver legalmente, Manoel enfrenta a clandestinidade com obstinação pela causa, disciplina na organização do Partido e determinação no enfrentamento da ditadura, atributos próprios dos grandes líderes revolucionários.

Ao terminar o científico em Maceió, me transfiro para o Recife, onde passo a cursar a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Juntos, Manoel, Selma, eu e minha outra irmã, Graça, compartilhamos a mesma casa, buscando uma feição legal protetora à clandestinidade de Manoel. Foram momentos de muita apreensão, mas o sentimento que permeava a nossa relação e a força da sua ideologia eram superiores à nossa fragilidade.

Com Manoel Lisboa aprendi a aprender o sentido da solidariedade, seu maior traço; o sentido da ética; o destemor pelas adversidades; a determinação na conquista dos objetivos. Enfim, aprendi a ver o novo mundo, acreditar no homem como produto e solução de suas próprias relações. Aprendi que não existe sociedade justa onde existem desigualdades.

Com Manoel aprendi também a apreciar uma boa cachaça gelada, torcer pelo Santa Cruz, time de massa, saborear a cerveja e os guaiamuns do Zé Pequeno, em Olinda, valorizar as feiras de artesanato popular, curtir uma pelada nas tardes de inverno na praia de Boa Viagem, ler, grifar e meditar, ouvir Luiz Gonzaga e cantar Eu só quero um xodó, de Dominguinhos.

Manoel Lisboa foi um homem que transcendeu o seu próprio tempo. Com apenas vinte e seis anos derrotou a ditadura, com coragem e altivez. Não se permitiu capitular. Em nome dos companheiros, da causa que defendia e de sua própria honra, deu a vida como tributo à construção do socialismo no Brasil.

Este foi o Manoel Lisboa que conheci.

(Lauro Bandeira Mendes é engenheiro de pesca em Maceió)

# DEZ ANOS SEM MANOEL LISBOA

*Fernando Costa*

Estamos no mês de setembro, princípio da primavera, volta das flores e início do renascimento das árvores. Quando falo da primavera, lembro-me da macieira, árvore frondosa que dá frutos vermelhos, este vermelho que representa a cor do nosso sangue que há 19 anos vem sendo derramado em prol da causa maior do povo.

A grande macieira alagoana, desconhecida por grande parte da juventude de hoje, mas presente na história de nossas lutas, é Manoel Lisboa de Moura. São dez anos passados do seu assassinato pelos órgãos da repressão, e nós, que conhecemos a sua luta, voltamos às ruas, às tribunas, às igrejas, aos sindicatos, ao povo, para prestar nossa homenagem àquele que foi um marco dentre tantos outros Manoéis da vida social e que ainda resiste, apesar de morto, à espera da liberdade.

Manoel Lisboa de Moura, filho de dona Iracilda Lisboa de Moura e de Augusto de Moura Castro, hoje presentes a esta casa, nasceu a 21 de fevereiro de 1944. Foi estudante do antigo Liceu Alagoano e cursou até o segundo ano de medicina na Universidade Federal de Alagoas. Na sua vida de estudante, Manoel desempenhou um papel de grande importância na organização tanto do movimento secundarista, através da UESA, quanto do movimento como um todo. Vale citar que, entre tantas outras habilidades de sua inteligência como estudante ou cidadão comum, Manoel Lisboa teve grande participação no campo da arte popular, através do teatro, não só como ator, mas também como diretor, enfocando os grandes problemas que afligem este pecado chamado Nordeste, a exemplo da peça Zé da Silva, de cunho estritamente social.

Sentindo-se ameaçado em Alagoas após o golpe militar de 1964, transferiu-se para o Recife, onde deu continuidade ao seu trabalho em busca de uma sociedade mais justa, livre da opressão capitalista e do terror que acabara de se implantar no país. Novas perseguições lhe foram movidas ao tempo em que trabalhava na



Companhia de Eletricidade de Pernambuco, onde setores da extrema direita, com o intuito de incriminá-lo e conseqüentemente dar margem a mais um ato de brutalidade da repressão, fizeram explodir uma bomba naquela empresa, objetivando a sua prisão. Vendo ultrajada a sua liberdade individual, submetido a ininterruptos interrogatórios e provocações, foi obrigado a optar pela clandestinidade, pensando assim, fugir ao alcance do braço do terror.

Após alguns anos de resistência ao arbítrio a que foi submetida a Nação, Manoel Lisboa de Moura teve sua prisão efetuada em 15 de agosto de 1973. Vale lembrar, senhor presidente, senhores vereadores, que esta década levou o carimbo sanguinário do General Médici, então Presidente da República, que aproveitava a euforia ainda vívida da Copa do Mundo de 70 para encobrir as terríveis torturas e assassinatos que se praticavam nos porões do DOI- CODI .

Resistir era uma qualidade sua, e o fez apesar das contínuas sessões de tortura a que foi submetido pela equipe do torturador Luiz Miranda, carrasco a soldo da ditadura militar. Sofreu, em conseqüência das torturas, segundo alguns companheiros, queimaduras por todo o corpo, além de paralisia dos membros inferiores, sendo em seguida transferido para São Paulo, já não se sabendo se vivo ou morto, quando apenas temos a certeza de que foi enterrado como indigente num dos cemitérios de São Paulo.

A tantos outros patriotas alagoanos que tombaram no decorrer da luta, e especialmente a Manoel Lisboa, dedico este poema de Otto René Castillo, revolucionário morto na Guatemala:

"Vamos em frente, Pátria , eu te acompanho
Descerei aos abismos que me indicares,
Beberei teus cálices amargos,
Ficarei cego para que tenhas olhos
Perderei a voz para que tu cantes
Hei de morrer para que não morras."

(Maceió, 12 de setembro de 1983. Discurso proferido pelo Vereador Fernando Costa na Câmara Municipal de Maceió, em homenagem a Manoel Lisboa, nos 10 anos de sua morte).

Não tinha apenas um camarada
mas milhões e milhões deles
para o vingar...
e ele sabia-o.
E o dia nasceu para ele.



# V

# Manoel por Manoel

## "Declaro-me marxista-leninista"

Em todo o mundo os povos oprimidos despertam para a sua libertação. O século XX tem sido clareado pelo relampejar das ideias novas na consciência das massas populares, determinando desta forma uma luta titânica entre o velho que agoniza e o novo que surge.

Assim sendo, desta contradição fundamental, móvel da História, contradição esta que não poderá desaparecer, pois é uma condição objetiva e, como tal, está fora da nossa consciência, não depende de nós, vêm aparecendo e desaparecendo movimentos e regimes, sem que ninguém possa deter a marcha implacável do determinismo histórico. Vários foram os regimes que desapareceram e deram lugar a outros que possuíam naquele momento, condições reais mais favoráveis, mais condizentes com a realidade estrutural em que se apoiavam. Vêm se processando assim o desaparecimento e aparecimento dos regimes pelos quais a terra já passou: Comunal, Primitivo, Escravagista, Feudal, Capitalista e Socialista. Com todos eles aconteceu este mesmo processo, e fatalmente acontecerá ao socialismo, embora mude um pouco a sua maneira de ser.

Nota-se que todo esse "emaranhado" de transformações faz-se sem que nós possamos impedi-lo de acontecer. Será então uma força misteriosa, divina, que rege isso? Não!

Sabemos que quando as relações de produção e o caráter das forças produtivas não mais se coadunam, completam-se, é inevitável tal transformação. Não há sicrano nem beltrano que possa impedi-la!

Todos aqueles que durante sua época compreenderam, analisaram e tomaram uma posição ao lado do novo regime que "invisivelmente" brotava das carcomidas estruturas do velho regime, foram vilipendiados, e poucos foram os que tiveram reconhecido seu lugar histórico naquele momento.

Então todo o processo histórico obedece ao determinismo e o homem não tem papel algum neste processo? Não, dizer semelhante aberração é o mesmo que querer tapar o sol com uma peneira. O homem toma papel ativo e decisivo nas questões sociais, mas isso só acontece quando as condições materiais da sociedade (condição



objetiva anteriormente citada) desperta-o para a compreensão do processo histórico e qual o seu papel no mesmo. A isso chamamos de condições subjetivas. O despertar da consciência humana para os problemas sociais, para o problema de milhões de explorados, é um sentimento que desencadeia em cada pessoa uma série de transformações para melhor e uma acertada conduta de vida pessoal. Mas será que é um homem só, sem ligação com seus semelhantes poderá operar transformações?

A experiência mostra que não. Os trogloditas já chegaram a esta conclusão em sua batalha contra a natureza, e o homem de hoje, formado na evolação de milhares de anos e com experiência de tal monta, não poderia nem pode contestá-la e, mesmo que o quisesse, não chegaria a fazê-lo, pois ele é o produto da união de dois outros. Daí a inegável necessidade de união.

Mas em que bases deverá ocorrer tal fato? A união verdadeira decorre da semelhança de idéias, do pensamento semelhante, das mesmas opiniões sobre a vida. Assim, pois, exploradores unem-se com exploradores, explorados unem-se a explorados. Do choque de interesses entre ambos surgem as organizações com a finalidade de defender as aspirações e os anseios que eles representam. Enquanto existirem oprimidos e opressores, enquanto existirem escravos e senhores, existirão as organizações e os partidos. Só quando da total falta de exploração poder-se-á deixar de pensar nestes agrupamentos de pessoas, reunidas em torno desse interesse. Essa é a origem das organizações partidárias.

Da reunião dessas condições objetivas mais subjetivas, sairá um movimento capaz de acabar com os males da sociedade brasileira ou outra qualquer que esteja na mesma etapa que a nossa.

Depois deste pequeno delineamento do meu pensamento sobre as questões sociais e que serve de depoimento e esclarecimento de minhas posições, declaro-me: marxista-leninista e membro do Partido do Brasil.

O meu despertar para as questões sociais apareceu quando eu tinha a idade de dezessete anos. Iniciei-me nesses estudos à medida que ia vendo os erros cometidos pela administração dos governos daquela época.

Paralelamente, tive a curiosidade despertada para o marxismo,

em virtude do alarde que sempre se fez em torno do socialismo, como sendo um perigo. Por outro lado, o avanço das idéias do socialismo no mundo atual é um fato bastante comprovado. Os livros que falavam do assunto acima referido infestavam todas as livrarias. Desta forma, foi fácil obter material marxista. À medida que ia tomando conhecimento do conteúdo dessas obras, ia relacionando-o com os fatos cotidianos e chegando à conclusão de que nada de perigoso e tremendo ali existia, mas sim uma análise profunda e bem feita dos fatos econômico-sociais, pela qual passou o homem até àquela data.

Continuei meus estudos e aos dezenove anos considerei-me marxista-leninista. Tomei conhecimento das divergências do campo socialista e do aparecimento do revisionismo. Em 1964 fui indiciado por vender livros e revistas em uma pequena livraria. Apresentei-me em janeiro deste ano; fui libertado após 15 dias de prisão. Comecei a preparar-me para fazer um vestibular, possivelmente Economia. Pensei então em formar um grupo de estudos em qualquer organização a fim de esclarecer a quem não havia despertado para os problemas sociais.

Mas isso não foi muito para diante e do jornal que tiramos com muito sacrifício, só saiu um número.

Faltavam-nos todas as condições para nos movimentar, principalmente financeiras, onde arranjar dinheiro? Assim foi tudo andando para trás, até eu ser preso em 12 de agosto de 1965.

Recife, 16 de agosto de 1965
(Depoimento de Manoel Lisboa de Moura,
quando de sua prisão em 1965)



Fac-simile

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA – PERNAMBUCO ( C Ó P I A )

DELEGACIA AUXILIAR

Recife, 17 de agôsto de

JAC

OFÍCIO Nº 1277 - A.

Ilmo.. Snr.

Cap. Joaquim Gonçalves Vilarim Neto

Com. do 1º do 3º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado

Apresento com êste, o prêso MANOEL LISBOA DE MOURA, bem como cópias de documentos escrito pelo mesmo.

Renovo a V.Sa., na oportunidade, os meus protestos de estima e aprêço.

Bel. Alvaro Gonçalves da Costa Lima
DElegado Auxiliar.

Fac-simile



Em todo o mundo os povos oprimidos despertam para a sua libertação. O Século XX tem sido clareado pelo relampejar das idéias novas na consciência das massas populares, determinando desta forma uma luta titânica entre o velho que agoniza e o nôvo que surge. Assim sendo desta contradição fundamental, móvel da História, contradição esta que não poderá desaparecer, pois é uma condição objetiva e como tal está fora de nossa consciência, não depende de nós, vêm aparecendo e desaparecendo movimentos e regimes, sem que ninguém possa deter a marcha implacável do determinismo histórico. Vários foram os regimes que desapareceram, deram lugar a outro que possuía naquele momento, condições reais mais favoráveis, mais condizentes com a realidade estrutural em que se apoiava. Vem processando-se assim o desaparecimento e aparecimento dos regimes pelo qual a terra já passou: Comunal Primitivo, Escravagista, Feudal, Capitalista e Socialista. Com todos êles aconteceu este mesmo processo fatalmente acontecerá ao Socialismo, embora mude um pouco sua maneira de que todo esse emaranha



Fac-simile



do" de transformações faz-se sem que nos possamos impedir de acontecer. Será então uma força misteriosa, divina que rege isso? Não! Sabemos que quando as relações de produção e o caráter das fôrças produtivas não mais se coadunam, completam-se, é inevitável tal transformação. Não há sicrano nem beltrano que possa impedi-la! Todos aqueles que durante sua época compreenderam, analisaram e tomaram uma posição ao lado do nôvo regime que "invisìvelmente" brotava das carcomidas estruturas do velho regime, foram vilipendiados e poucos foram os que tiveram reconhecido seu lugar histórico naquele momento.

Então todo o processo histórico obedece ao determinismo e o homem não tem papel algum neste processo? Não, dizer semelhante aberração é o mesmo que querer tapar o sol com uma peneira. O homem toma papel ativo e decisivo nas questões sociais, mas isso só acontece, quando as condições materiais da sociedade (condição objetiva anteriormente citada) desperta-o para a compreensão do processo histórico e qual o seu papel no mesmo. A isso chamamos de condições subjetivas. O despertar

Fac-simile

3/

da consciência humana para os problemas sociais, para o problema de milhões de explorados, é um sentimento que desencadeia em cada pessoa uma série de transformações para melhor e uma acertada conduta de vida pessoal. Mas será que um homem só, sem ligação com seus semelhantes poderá operar transformações? A experiência mostra que não. Os trogloditas já chegaram a esta conclusão em sua batalha contra a natureza e o homem de hoje, formado na evolução de milhares de anos e com experiência de tal monta não poderia, nem pode contestá-la e mesmo que o quisesse não chegaria a fazê-lo pois êle é o produto da união de dois outros. Daí a inegável necessidade de união. Mas em que bases deverá ocorrer tal fato? A união verdadeira decorre da semelhança de idéias, do pensamento semelhante, das mesmas opiniões sôbre a vida. Assim pois, exploradores unem-se com exploradores, explorados unem-se com explorados. Do choque de interêsses entre ambos surgem as organizações com a finalidade de defender as aspirações e os anseios dos que ela representa. Enquanto existirem oprimidos e opressores, enquanto existirem escra-



Fac-simile

4/

vos e senhores, existirão as organizações e os partidos. Só quando da total falta de exploração poder-se-á deixar de pensar nestes agrupamentos de pessoas, reunidas em tôrno de um interêsse comum e contra qualquer fato que vá de encontro a êsse interêsse. Essa é a origem das organizações partidárias.

Da reunião dessas duas condições objetivas mais subjetivas, sairá um movimento capaz de acabar com os males da sociedade brasileira ou outra qualquer que esteja na mesma etapa que a nossa.

Depois dêste pequeno delineamento do meu pensamento sôbre as questões sociais e que serve de depoimento e esclarecimento de minhas posições, declaro-me: marxista-leninista e membro do Partido Comunista do Brasil.

O meu despertar para as questões sociais apareceu quando eu tinha a idade de dezesete anos. Iniciei-me nesses estudos a medida que ia vendo os êrros cometidos pela administração dos Governos daquela época. Paralelamente tive a curiosidade

Fac-simile

despertada para o marxismo, em virtude do alarde que sempre se fêz em tôrno do Socialismo, como sendo um perigo. Por outro lado o avanço das idéias do Socialismo no mundo atual, é um fato bastante comprovado. Os livros que falavam sobre o assunto acima referido infestava todas as livrarias, desta forma foi fácil obter material marxista. A medida que ia tomando conhecimento do conteúdo dessas obras, ia relacionando-o com os fatos cotidianos e chegando à conclusão de que nada de perigoso e tremendo alí existia, mas sim, uma análise profunda e bem feita dos fatos econômicos-sociais pelo qual passou o homem até àquela data. Continuei meus estudos e aos dezenove anos considerei-me marxista-leninista. Tomei conhecimento das divergências do campo socialista e do aparecimento do fenômeno do revisionismo. Em 1964 fui indiciado por vender livros e revistas em uma pequena livraria. Apresentei-me em Janeiro deste ano e fui liberado após quinze dias de prisão. Comecei a preparar-me para fazer um vestibular, possivelmente Economia. Pensei então em formar um grupo de



Fac-simile

estudos ou qualquer organização afim de esclarecer a quem não havia ainda despertado para os problemas sociais. Mas isso não foi muito para adiante e o jornal que tiramos com muito sacrifício, só saiu um número. Faltava-nos todas as condições para nos movimentar, principalmente financeira, onde arranjar dinheiro? Assim foi tudo andando para trás, até eu haver sido preso em 12 de Agosto de 1965.

Recife 16 de Agosto de 1965
Manoel Lisbôa de Moura

...que esta cópia está de conformidade com o original depositado neste Arquivo.
Recife, 24 de 07 de 1995
p/ Potiguar Matos
Diretor
APEJE / Departamento de Arquivo

**VI**

# ANEXOS



O mentiroso laudo do médico fascista Harry Shibata que nada fala sobre as torturas aplicadas à Manoel Lisboa

A mentira da ditadura de que os assassinatos de Manoel Lisboa e Emanuel Bezerra teriam ocorrido em um tiroteio com a polícia em São Paulo, foi publicada como informação verdadeira pelos jornais da burguesia.

O fac-simile é da edição de 5 de setembro de 1973 do Diário de Pernambuco.

Fac-simile

# Terroristas morrem em tiroteio com agentes

SÃO PAULO (Meridional — DP) — Durante tiroteio com agentes dos órgãos responsáveis pela segurança interna, morreram, na manhã de ontem, em Moema, nesta capital os terroristas Manuel Lisboa de Moura e Emmanuel Bezerra dos Santos, que fizeram parte do atentado ao marechal Arthur da Costa e Silva, então presidente da República, em 1966, no Recife.

O terrorista Manuel Lisboa de Moura, conhecido também como «Galego», «Miguel» e «Celso», pertencente ao Partido Comunista Revolucionário — PCR — havia sido preso na capital do Estado de Pernambuco, no mês passado quando declarou que tinha encontro marcado com Emmanuel Bezerra dos Santos, às 8h30m de 4 de setembro, no Largo de Moema, São Paulo.

Bezerra, com quem se encontraria, havia regressado do Exterior. Na ocasião marcada, Manuel dirigiu-se ao encontro, cujo local já estava sendo vigiado pelos agentes de segurança, e quando se aproximou do companheiro este percebeu a presença dos agentes iniciando-se violento tiroteio do que resultou a morte de ambos os terroristas.

Manuel Lisboa de Moura era filho de Augusto de Moura e Iracilda Lisboa de Moura. Foi um dos fundadores do PCR, junto com Amaro Luís de Carvalho — «Capivara» — e de Ricardo Zaratini Filho. Emmanuel Bezerra dos Santos, que usava o nome falso de José Bernardo da Silva e os cognomes Flávio e José, também pertencente ao PCR, era filho de Luiz Elias dos Santos e Joana Elias Bezerra. Segundo Manuel havia declarado, Bezerra tinha ido ao Exterior a fim de encontrar-se com o banido Ricardo Zaratini Filho, um dos terroristas trocados pelo embaixador dos EUA em setembro de 1969. Zaratini foi um dos organizadores do PCR e responsável por nova dissidência da Aliança Libertadora Nacional — ALN — chamada TL (Tendência Leninista), que pretendia assumir o comando do PCR. Bezerra foi convidar Zaratini a retornar ao Brasil, pois, dirigir a organização do Exterior, como era seu desejo, não era muito convincente.

## RECUSOU

Zaratini, no entanto, não se mostrou disposto, alegando riscos, dada a eficiência atual dos órgãos de segurança do Brasil, conforme se depreende de documentos apreendidos pelos agentes em poder de Bezerra, além de outros documentos subversivos encontrados com alguns presos argentinos.

Tanto Manuel como Bezerra tomaram parte em várias ações terroristas em nome do PCR, efetuadas no Nordeste, destacando-se o atentado ao marechal Costa e Silva, no Recife, em 1966, quando morreu o almirante Nelson Fernandes e saíram gravemente feridas várias autoridades; o assalto ao Parque da Aeronáutica, por ocasião das Olimpíadas do Exército, no Recife, neste ano; o assalto à Padaria Rosarinho, no início deste ano, que culminou com a morte do proprietário do estabelecimento e panfletagens constantes no Recife, inclusive com bombas.

Pag. 10 | Diário de Pernambuco Edição de 5 9 73 | 4ª Feira



Fac-simile

# CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL

20.º SUBDISTRITO — JARDIM AMÉRICA
Município e Comarca da Capital do Estado de São Paulo (Brasil)

ALCEBIADES NASCIMENTO MORENO
ESCRIVÃO DO REGISTRO CIVIL
REINALDO RIBEIRO MARTINS
OFICIAL MAIOR

CARTÓRIO:
Praça Benedito Calixto, 71
Telefone: 81-3083

## Certidão de Óbito

GRÁTIS

Livro 179 Fôlha 60vº Número 201.793

CERTIFICO que, no livro competente de ÓBITOS, dêste cartório, foi lavrado o assento de Manoel Lisboa de Moura, falecido no dia 04 de setembro de 1973, às 8h30', no Largo de Moema, Indianopolis, do sexo masculino, de côr branca, profissão ignorada, natural de Maceio, Estado de Alagôas, residente ignorado, com 29 anos de idade, estado civil solteiro, filho de Augusto de Moura e de Iracilda Lisboa de Moura.

RECONHEÇO A FIRMA DO
17.º TABELIÃO - DR. SERGIO SALLES
RUA FELIPE DE OLIVEIRA, 32
(Prédio do Palácio da Justiça)
FONE: 37-1191 (REDE INTERNA — SÃO PAULO

Atestado de óbito firmado pelo Dr. Harry Shibata, legista, que deu como causa da morte hemorragia interna por ferimento de progetil de arma de fogo.

Sepultado no cemitério de Campo Grande,

Foi declarante Jeir Romeu, Rg 1.032.819, func.púb.estadual, residente à rua Teodoro Sampaio, 151.

Observações:

Eu, _____ escrevente, datilografei.

O referido é verdade e dou fé.

São Paulo, 18 de setembro de 1973

SÊLOS PAGOS POR VERBA
GUIA N.º

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

INSTITUTO MÉDICO-LEGAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

D.O.P.S.

Registrado em 18 de 09 de 1973 sob n.º 45.647

Fac-simile

## LAUDO DE EXAME DE CORPO DE DELITO -
### EXAME NECROSCÓPICO

Aos quatro dias do mês de setembro de mil novecentos e setenta e tres , nesta cidade de São Paulo, a fim de atender a requisição do doutor Del. Edesel Magnotti

os infra-assinados, doutores Harry Shibata e Armando Canger Rodrigues.-

médicos-legistas, foram designados pelo doutor Arnaldo Siqueira , Diretor do Instituto Médico-Legal do Estado, para proceder a exame de corpo de delito em no cadaver de MANOEL LISBÔA DE MOURA .-.

e responder aos quesitos seguintes:

**Primeiro** — Houve morte?
**Segundo** — Qual a sua causa?
**Terceiro** — Qual o instrumento ou meio que a produziu?
**Quarto** — Foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio ou cruel? (Resposta especificada).

VISTO: ________ — DIRETOR

Realizada a perícia, passaram a oferecer o seguinte laudo: Examinamos e necropsiamos hoje no necrotério deste Instituto, MANOEL LISBOA DE MOURA, vinte e nove anos de idade, solteiro,branco,natural de Maceio-Al, filho de Augusto de Moura Castro e Iracilda Lisboa de Moura. HISTÓRICO: Conforme informações obtidas antes da autopsia, o mesmo veio a falecer em consequência de tiroteio que manteve com os orgãos da segurança, no largo de Moema. VESTES : No momento do exame trajava calça de brim rosa, calção de brim azul, sueter azul marinho, camiseta de algodão azul claro. REALIDADE DA MORTE : A morte se caracterizava pelos seguintes sinais de certeza : - rigidez cadavérica , hipotermia generalisada, ausência dos fenomenos vitais da respiração e circulação, depressibilidade do glôbo ocular, dilatação pupilar opacidade da cornea etc. EXAME EXTERNO: O cadáver se encontrava em uma das mesas do necrotério em decubito dorso horizontal tendo os membros em estenção. Ao exame verificamos tratar-se de cadáver de adulto jovem aparentando a idade constada, do sexo masculino de cor branda, biotipo nórmolineo, comprimento médio, / compleição mediana sem vicio esqueletico visivel ou palpavel.Ao exame dos varios segmentos constatamos: Cabeça - crânio simétrico,rosto oval,fronte obliqua, cabelos castanhos claro, do tipo cimotricos,iris castanho, cilios e supercilios castanho,nariz reto com narinas simétricas, boca de lábios finos entre-abertos, mostrando dentição em bom estado de conservação, mento saliente barbas e bigodes de quem se barbeia porém a fazer. Torax simétrico mesostenico, mostrando na face anterior os seguintes ferimentos. 1) Ferimento transfixante tendo o orifício de entrada situado na região pre-cordial a dois dedos acima do mamilo esquerdo, e orifício de saida na linha axilár posterior do hemitorax direito. 2) Ferimento perfuro-contundente com orifício tipico de entrada sito a tres dedos abaixo do mamilo esquerdo e transfixação do abdomem com orifício de saida na face posterior do abdomem na região dorso lombar direito na altura da terceira vertebra lombar. 3) Ferimento transfixante com orifício de entrada ao nivel da fossa infra-clavicular esquerda e orifício de saida ao nivel do manubrio, com percurso sub-cutâneo.Membros - 1) Ferimento transfixante no braço direito com orifício de entrada na face lateral ao nivel do terço médio e orifício / de saida na face interna ao nivel do terço superior. 2) Ferimento transfixante no braço esquerdo com orifício de entrada na face lateral do terço médio e orifício de saida na face interna / no mesmo nivel. 3) Ferimento transfixante do ante-braço esquerdo com orifício de entrada na face antero-lateral, ao nivel do terço superior e orifício de saida na face medial ao nivel do terço médio. EXAME INTERNO: Procedemos a abertura das cavidades de acordo com a técnica habitual de necroscopia, inicialmente pelos segmentos do tronco através de uma incisão mento púbica. Rebatído as partes moles aderentes a caixa torácica, e o_

continuação do laudo necroscópico nº 05647 ref. a Manoel Lisboa de Moura. SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

DEPENDÊNCIA INSTITUTO MÉDICO-LEGAL

plastrão condro-esternal, expomos ambas as cavidades toraco-abdominal. Desde logo observamos uma hemotorax do lado esquerdo com cerca de 800ml de sangue fluido, verificando para o lado do coração um ferimento transfixante do ventriculo esquerdo na sua face anterior. O saco percardico apresentava-se com ferimento transfixante em contiguidade ao coração. Pulmão direito com ferimento transfixante no lobo médio de direção antero-posterior. Abdomem hemoperitonio de cerca de 200 ml de sangue gluido. Figado com ferimento transfixante no lobo direito. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO: Ante ao exposto e ao que acima ficou descrito as seguintes conclusões podemos inferir: 1) Examinamos um corpo em estado de morte real. 2) A causa mortis verificou-se em virtude de ferimento por projétil de arma de fogo, ocasionando ferimentos transfixantes do coração, pulmão direito e figado, com hemorragia interna subsequente. RESPOSTA AOS QUESITOS: ao primeiro; sim: ao segundo; hemorragia interna choque hemorrágico; ao terceiro : projétil de arma de fogo; ao quarto: não.

São Paulo, 18 de setembro de 1.973.

Dr. Harry Shibata

Dr. Armando Canger Rodrigues

Atesto que esta cópia está de conformidade com o original depositado neste Arquivo.
Recife, 24 de 07 de 1995.

APEJE / Departamento de Arquivo



# VII

# Encontrados restos mortais do revolucionário Manoel Lisboa

# "Tua memória é semente de esperança e haverá de florescer e frutificar"

***Graças ao ininterrupto trabalho desenvolvido pela Comissão de Familiares dos Presos e Desaparecidos Políticos na ditadura militar, representada por Amelinha Teles e Ivan Seixas, os restos mortais de Manoel Lisboa, fundador do Partido Comunista Revolucionário (PCR), que foi torturado até a morte em 1973, foram identificados numa vala comum no cemitério de Campo Grande, em São Paulo, onde também foi encontrado Emmanuel Bezerra dos Santos, dirigente do PCR, já trasladado para o Rio Grande do Norte.***

A VERDADE
Encontrados os restos mortais do revolucionário Manoel Lisboa
Exemplo de um homem novo

Não foi um ato fúnebre. Pelo contrário, foi um ato repleto de vida, de emoção, de alegria pelo reencontro, pois embora ausente fisicamente desde o fatídico dia 16 de agosto de 1973, Manoel Lisboa de Moura esteve sempre presente, inspirando e iluminando a luta de centenas de jovens, homens e mulheres que continuam se dedicando à causa pela qual ele foi barbaramente torturado e morto, a causa da liberdade verdadeira, a causa do socialismo.

Foi com entusiasmo revolucionário, e cantando o secular hino dos trabalhadores, A Internacional, que cerca de mil pessoas, militantes, amigos e simpatizantes do Partido Comunista Revolucionário (PCR), de outros partidos de esquerda como o PT, o PCdoB, o PCB, PDT, sindicalistas e lutadores do movimento popular, além dos familiares, receberam os restos mortais do fundador do PCR, no Monumento Tortura Nunca Mais, localizado na Rua da Aurora, Recife.

Compuseram a mesa, Amelinha Teles, Coordenadora da Comissão dos Familiares de Desaparecidos Políticos; Débora e Carlos Cavalcante, irmãos de Manoel Lisboa, e Alfredo Moura, seu sobrinho; O Prefeito da Cidade do Recife, João Paulo (PT) e o vice-prefeito Luciano Siqueira (PCdoB); Lula Falcão, representando o Comitê Central do PCR; Fernando Lira, presidente da Fundação Joaquim Nabuco; os



vereadores Edvaldo Gomes e Josenildo Sinésio (PT Recife), Paulo Dantas (PCdoB - Recife) e Marcelo Santa Cruz (PT-Olinda), Pedro Laurentino; deputado estadual Roberto Leandro (PT); Manoel Lopes, representando o PT de Pernambuco; Helminton Bezerra, representando o PCB; Eleno Araújo, a Central Única dos Trabalhadores; padre Reginaldo Veloso; Amparo Araújo, coordenadora do Movimento Tortura Nunca Mais; Edval Nunes Cajá, presidente do Centro Cultural Manoel Lisboa (CCML).

Entre palavras de ordem pronunciadas em alto e bom som pelos presentes, como "Abaixo o Imperialismo, Viva o Socialismo!" e Manoel Lisboa, Presente!, os componentes da mesa discursaram, todos exaltando o homenageado, e enfatizando a importância histórica de sua militância, o exemplo que deixou de dedicação a uma causa justa, à transformação da sociedade, em vista do fim das injustiças e das desigualdades. Sem desmerecer nenhum dos oradores, destacamos parte de alguns dos pronunciamentos ocorridos na solenidade.

Amelinha Teles ressaltou que a principal tarefa da Comissão dos Familiares de Desaparecidos Políticos é a localização dos restos mortais dos militantes assassinados pela repressão política, batalhando para que o Estado brasileiro assuma esta luta. Não é fácil localizar todos os restos mortais, ou pelo menos a maioria. Disse que o sepultamento de Manoel Lisboa é um gesto muito justo e simbólico. É como se, com ele, estivéssemos dando uma sepultura digna a todas as vítimas da ditadura militar.

Alfredo Moura, sobrinho de Manoel Lisboa, falou em nome da família. Mostrou o quanto eles sofreram, especialmente a mãe do homenageado, dona Iracilda, hoje com 90 anos. Ela resistiu, de início, considerando que isso significaria passar outra vez pelo mesmo sofrimento, mas acabou se convencendo de que em contrapartida, seu filho merecia ser sepultado ao lado dos demais membros da família e receber as homenagens dos familiares, amigos e companheiros de luta. Agradeceu ao PCR, na pessoa de Cajá, o empenho em resgatar os restos mortais de Manoel e homenageá-lo, bem como às autoridades, o apoio para que fosse possível o traslado e a realização dos atos públicos em sua memória.

"Sua passagem pelo Recife foi muito importante. Ele morreu no campo de batalha e nós continuamos na mesma trincheira de luta por

uma sociedade justa", disse o Prefeito João Paulo, do Recife.

**"Nunca sepultaremos teu sonho e tuas idéias"**

Em nome do Partido fundado por Manoel Lisboa, o PCR, falou Lula Falcão. Bastante emocionado, Lula lembrou que Manoel, pouco antes de morrer, num momento em que se encontrava a sós com Maria do Carmo na prisão, pronunciou suas últimas palavras: "Sei que minha hora chegou. Fiz o que pude. Peço a vocês apenas que continuem o trabalho do Partido". "Manoel, discursou Lula, podemos te dizer que desde teu assassinato no dia 4 de setembro de 1973, os companheiros de teu partido, do nosso partido, do Partido Comunista Revolucionário, têm entregue dia-a-dia, minuto a minuto, após tua morte, todas as suas energias e a sua vida para construir e desenvolver o trabalho do teu partido, do nosso partido. E podemos dizer com orgulho, Manoel, que somos hoje um partido maior que em 1973, graças ao teu exemplo, graças as tuas idéias e aos teus ensinamentos. Saibas também, Manoel que apenas sepultaremos teu corpo, teus restos mortais, mas jamais sepultaremos teus ideais e teu sonho, o socialismo. Manteremos sempre, camarada Manoel, a bandeira do teu partido, do PCR, tremulando alto".

Edval Nunes Cajá agradeceu aos familiares de Manoel Lisboa, por terem aceitado passar pelo sofrimento de receber os restos mortais dele, possibilitando a justa e merecida homenagem dos companheiros, bem como às autoridades municipais pelo apoio à realização do ato e a todos os militantes e amigos presentes.

Embora não tenha sido o último a falar, a belíssima homenagem feita pelo padre Reginaldo Veloso, merece fechar o relato do evento do Recife. "Querido e nobre conterrâneo, hoje, por aqui passas. Aqui, hoje chegas com ares de ressurreição, pois teu espírito continua agitando as mentes e os corações de todos aqueles que sonhamos com um mundo diferente e por ele lutamos. Sê bem vindo na terra que te viu partir para a última viagem, na certeza de que tua memória é semente de



esperança e de compromisso, e haverá de germinar, florescer e frutificar no chão de nossas vidas".

Encerrado o ato, seguiu o cortejo para o Aeroporto Internacional dos Guararapes, de onde saiu o vôo conduzindo o grande revolucionário para Maceió, a terra que o viu nascer e que dá a última guarida aos restos de sua matéria, pois o seu espírito comunista e revolucionário, como "presença divina e redentora", como definiu o padre Reginaldo, estará sempre em toda a parte onde houver luta pelo fim da exploração capitalista, pela construção de uma sociedade sem explorados nem exploradores, a sociedade comunista.

(Luiz Alves. Jornal **A VERDADE,** nº 39, maio de 2003)

* * *

## Povo alagoano recebe Manoel Lisboa

O dia 8 de maio de 2003 entrou para a História como o Dia do Regresso de Manoel Lisboa de Moura, fundador do Partido Comunista Revolucionário (PCR), à sua terra natal Maceió (AL) ao seio da sua família e ao começo de tudo: amigos, lugares, ações, companheiros, enfim, tudo que serviu para sua formação, de um verdadeiro comunista revolucionário. Por isso, as homenagens rendidas ao principal dirigente do PCR são mais do que justas, pois são o reconhecimento da força e do exemplo de um herói do povo brasileiro.

E muitas foram as homenagens. Já na chegada ao Aeroporto Zumbi dos Palmares, os restos mortais de Manoel Lisboa foram recebidos pelos militantes do seu partido e de outros partidos de esquerda e, principalmente, por sua mãe, dona Iracilda Lisboa, de 90 anos de idade que, enfim, podia reencontrar o seu filho que era o caçula à época do assassinato.

Em cortejo aberto, com carro de bombeiros e batedores, Manoel percorreu as principais ruas de Maceió até chegar à antiga Faculdade de Medicina, hoje Centro de Ciências Biológicas (CCBI), de onde foi expulso em 1964. Foi recebido pelos estudantes e pelo Coral da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que cantou o Hino Nacional. O Coral da União da Juventude Rebelião cantou a

Internacional Comunista. Em seguida, o Magnífico Reitor, Rogério Moura Pinheiro, em um ato simbólico, reintegrou o estudante de medicina Manoel Lisboa de Moura ao seu curso e entregou uma placa à família daquele que é o estudante mais ilustre do CCBI.

A partir daí, deu-se início a vigília revolucionária. Numa demonstração clara de respeito e profunda admiração, estudantes, militantes de esquerda, políticos e a população em geral, estiveram presentes para prestar homenagens ao revolucionário.

Aos artistas alagoanos, coube homenageá-lo com uma demonstração do que há de melhor no cancioneiro brasileiro e nas poesias revolucionárias. Eliezer Seton, Wilma Araújo e o poeta Chico de Assis foram alguns dos que prestaram suas homenagens. O poeta Zé da Feira abrilhantou a solenidade, recitando uma poesia ao companheiro Manoel Lisboa, intitulada Obrigado, Manoel!

Na solenidade de encerramento da vigília revolucionária, mais de 500 pessoas assistiram às homenagens dos militantes da UJR com poesias e palavras-de-ordem que afirmavam: "A tua luta e o teu papel, servem de exemplo, Camarada Manoel!". Em sua saudação, o Ministro dos Direitos Humanos, Nilmário Miranda, lembrou que um dos maiores compromissos do Governo Lula é acabar com a prática de tortura ainda existente no Brasil. A família de Manoel, presente à solenidade, foi representada por Alfredo de Moura, sobrinho de Manoel, que falou da luta para encontrar os restos mortais do seu tio, do orgulho do seu exemplo e da satisfação de poder presentear a sua avó, às vésperas do Dia das Mães, com o seu filho de volta. Amelinha Teles, representando a Comissão Nacional dos Familiares dos Desaparecidos Políticos; Marcelo Santa Cruz, representando o Prefeito do Recife João Paulo; os partidos de esquerda - PT, PSB, PC do B, PSTU -; a Central Única dos Trabalhadores (CUT); o depoimento emocionado de Valmir Costa, amigo de infância de Manoel e contemporâneo dele na direção do PCR; o Governador Ronaldo Lessa que, emocionado, lembrou da sua militância no PCR e da convivência com Manoel e, citando a Prefeita Kátia Born, que também estava presente, se comprometeu em construir um monumento aos desaparecidos políticos e inaugurá-lo em 4 de setembro próximo, data em que foi assassinado Manoel Lisboa.

Representando o Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário, Edval Nunes Cajá ressaltou as qualidades do "Comandante Manoel Lisboa" e afirmou que as bandeiras de luta



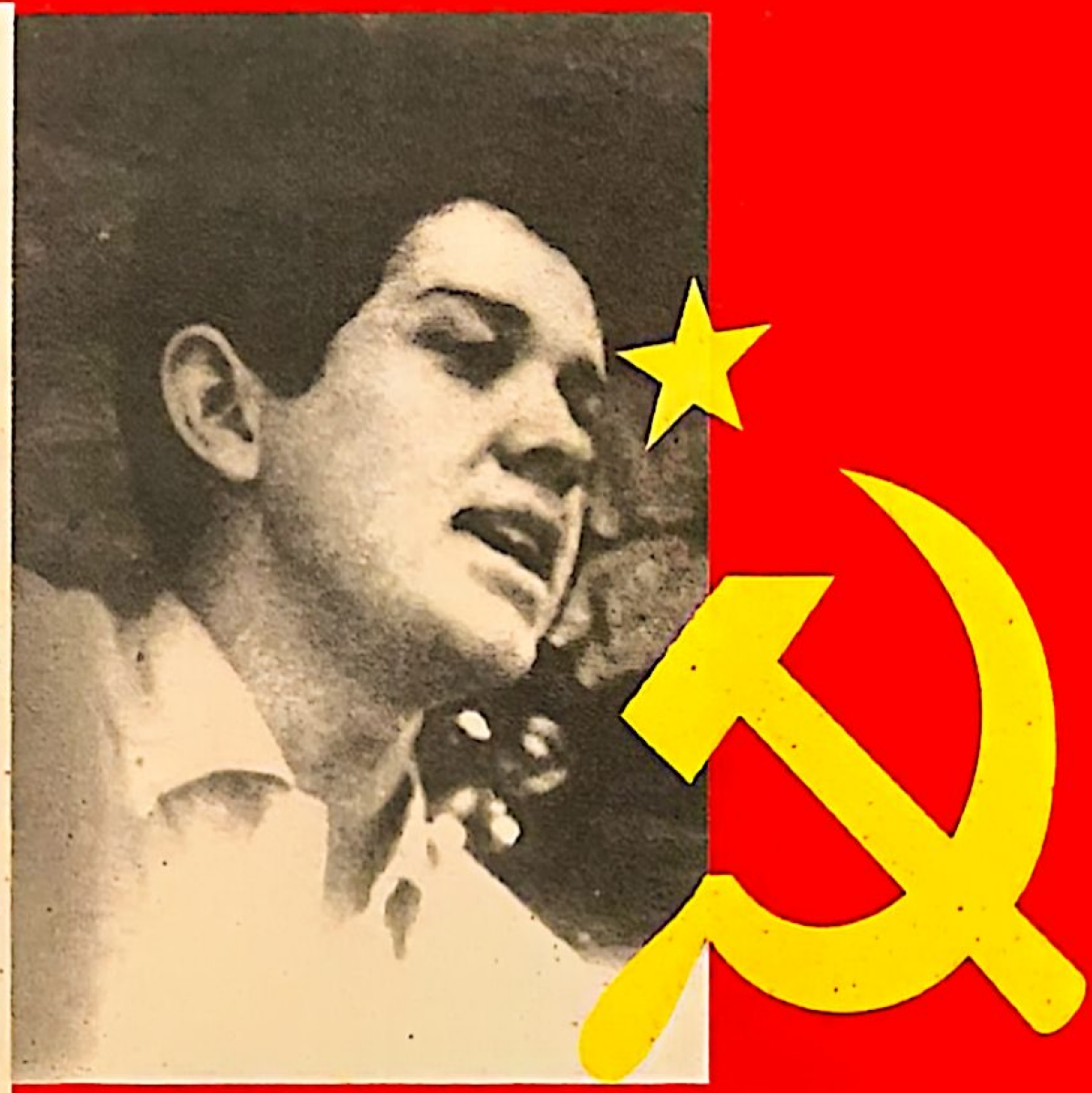
erguidas por Manoel estão mais atuais do que nunca, pois hoje se torna cada vez mais urgente e necessário acabar com a exploração capitalista e construir uma sociedade justa e igual, a sociedade socialista. Cajá afirmou também que o PCR, hoje, cumpre o último desejo do seu Comandante que, às vésperas de ser assassinado, confessou a Maria do Carmo, também militante do PCR, que sabia que sua hora havia chegado e que só pedia aos companheiros para continuar a luta do Partido.

No Cemitério Parque das Flores, após a celebração do Frei Sebastião, os restos mortais de Manoel Lisboa foram sepultados ao som da Internacional Comunista e da palavra de ordem "Manoel Lisboa de Moura, presente!".

As demonstrações de identificação, de admiração e de respeito demonstradas pela população nas ruas de Maceió, pela presença massiva e viva da juventude, na emoção explícita de todos que participaram das homenagens, servem para dimensionar a grandiosidade do exemplo de vida e luta do comunista revolucionário Manoel Lisboa de Moura. O sangue do Camarada Manoel germinou, brotou e hoje dá frutos que contribuem, à altura do seu exemplo, para acelerar o processo revolucionário em nosso país e conquistar a vitória da Classe Operária. Camarada Manoel Lisboa, estás presente em cada palavra, em cada gesto, em cada ação, em cada vitória dos lutadores e lutadoras do nosso povo. Manoel Lisboa de Moura, Presente! Agora e sempre!

(Izabel Acióli. Jornal **A VERDADE**, nº 39, maio de 2003)

COMUNIGRAF
EDITORA



Manoel Lisboa de Moura, filho de Augusto de Moura Castro e Iracilda Lisboa de Moura, nasceu em Maceió no dia 21 de fevereiro de 1944. Desde criança, Manoel foi sensível às injustiças da sociedade capitalista. Quando estudante secundarista foi diretor da União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas (UESA).

Em 1966, ao lado de Amaro Luís de Carvalho, Valmir Costa, Selma Bandeira, Ricardo Zaratini, entre outros companheiros, fundou o Partido Comunista Revolucionário (PCR).

Sete anos depois, o PCR ganhou grande força e realizou, com êxito, dezenas de ações revolucionárias contra a ditadura militar e pelo socialismo.

A repressão, sabendo de sua importância para o partido, decidiu seqüestrar e assassinar Manoel.

No dia 15 de agosto de 1973, Manoel Lisboa foi preso no Recife numa ação terrorista da ditadura militar. Levado para São Paulo, após 19 dias de torturas e todo tipo de selvageria, Manoel foi assassinado nos porões do DOI-CODI/SP.

Seus restos mortais somente foram encontrados, após muita busca, no ano de 2003, numa vala comum do Cemitério de Campo Grande, em São Paulo.

Edições
Manoel Lisboa